Plantas Medicinais

Mara Zélia de Almeida

Plantas Medicinais

Mara Zélia de Almeida

3ª Edição

EDUFBA
Salvador-BA
2011

Às minhas bisavós Anita, Cena e Amélia, às avós Rosa e Zélia, à minha adorada mãe Cida; todas portadoras de herança cultural etnomédica e ancestral, mulheres mestiças, grandes curandeiras urbanas, matriarcas que me ensinaram a importância da mulher na arte de curar os males do corpo e da alma. Ao meu filho Raoni, que conviveu durante toda a sua infância com livros e papéis, aprendendo a ser tolerante com uma mãe sempre ocupada.

Agradecimentos

Devo começar agradecendo a meus deuses, a todos aqueles que povoaram minha vida, que contribuíram para o crescimento do meu conhecimento científico, para a minha felicidade pessoal, para os momentos difíceis de reflexão e decisões. Uma história de vida, muito trabalho, inúmeras dificuldades e indescritíveis prazeres.

Retomo minha história recente e devo agradecer à minha insubstituível mestra, Drª. Maria Auxiliadora Coelho Kaplan, que muito mais que orientadora foi amiga, mãe, parceira, sem deixar vacilar a batuta de mestre, transmitindo conhecimentos de forma maestral acompanhando minha trajetória científica até hoje (2011).

Ao amigo-irmão-filho Paulo Leda, pelas boas sugestões, parceria, vivência e atualização constante nesse universo dinâmico das plantas medicinais.

As amigas Suzana e Gilda Leitão, pela amizade. Em especial a Gilda pelos convites de orientações na UFRJ.

Ao amigo João Carlos Silva do Jardim Botânico do Rio de Janeiro pelas boas horas de harmonia e alegria.

À amiga Yara Britto do Jardim Botânico do Rio de Janeiro pelo incentivo à conclusão dessa terceira edição e muitos outros incentivos.

À professora Nina Cláudia pela boa parceria.

Aos amigos Ademariza Fontes, Natércio Pinto e Bené Barboza, que me colocaram na boca o sabor de morar na Bahia.

À comadre-irmã farmacêutica Celeste Oliveira, por ser amiga de todas as horas.

À Família Diamantino, que me acolheu nos momentos de dificuldade e compartilhou os prazerosos.

Ao professor Eudes Velozo, companheiro de algumas conquistas científicas. Parceiro do Farmácia da Terra e de muitas outras lutas ideológicas.

Aos amigos, colegas, alunos e bolsistas do programa Farmácia da Terra/UFBA.

À diretora da Faculdade de Farmácia/UFBA, Profª. Mara Spínola.

Ao Prof. Ajax Atta e ao Prof. Marcelo Castilho pela oportunidade de ação no Mestrado em Farmácia da UFBA.

À curadora do Herbário A. L. C./UFBA, Profª Lenise Guedes.

Ao Prof. Dr. José Fernando Costa pela amizade e sugestões para a terceira edição.

À amiga, farmacêutica e companheira de trabalho, Mayara Queiroz pela competência e perseverança. Aos farmacêuticos e parceiros Antídio Reis Filho e Ingrid Guttierrez.

À Jussara Cony pelo belo prefácio dessa terceira edição.

Aos queridos bolsistas do Farmácia da Terra, André, Flora e Halide, sempre atentos às nossas necessidades cotidianas.

Ao meu pai (in memorian) por ter me ensinado a ser uma mulher forte e ao meu companheiro Franklin.

Ao amigo e orientando farmacêutico Daniel Cardoso, pelo companheirismo e atualização do texto de Colônia, *Alpinia zerumbet*, vegetal objeto de seu mestrado.

Ao farmacêutico Marcos Vinícius Sales Teixeira que cedeu informações técnicas sobre o chá Verde, tema de sua monografia de fim de curso.

Ao acadêmico de farmácia, e sobrinho, Tarso Fontes, pela revisão bibliográfica.

Ao acadêmico de farmácia Raoni Avan, pela revisão bibliográfica e apoio em inúmeras outras questões emergenciais que surgiram ao término dessa edição.

Sumário

Prefácio

"O segredo é não correr atrás das borboletas.
É cuidar do jardim para que elas venham até você."
Mário Quintana

Quando Mara Zélia me solicitou que fosse autora desse Prefácio, me presenteou com a honra e o desafio. E, mais, abriu as asas para que pudessem voar em reflexões, no tempo e no espaço, sobre o significado da resistência à dominação e de seus atores, individuais e coletivos, da relação dialética entre os conhecimentos, da ciência e tecnologia como fatores de libertação dos povos, do direito à escolha no processo de inversão de uma perversa lógica: a de privilegiar a doença que patrocina lucros a poucos em detrimento da saúde que patrocina qualidade de vida a todos.

Mara Zélia, profissional, cidadã, militante, mulher do seu tempo histórico e que carrega em si saberes e fazeres ancestrais, vem contribuir, com sua dedicação, com uma obra de valor inestimável para com nossa biodiversidade, patrimônio desse Brasil que toma o rumo do desenvolvimento econômico, ambientalmente sustentável, numa perspectiva de uma nova era para a humanidade.

Assim, sua participação, na atualidade, na resistência milenar que nos permite a visão de que haverá futuro, forjada na simbiose de sonhos e realizações, antigos como a humanidade, que resgatam valores, saberes, vivências e vem sendo construídos em etapas que, ao longo do

processo histórico, permeiam as relações políticas, econômicas, sociais, culturais, ambientais e espirituais dos povos, nos induz a uma síntese que se inicia pelo que Mara Zélia e tantos de nós, homens e mulheres desse tempo, além de sedimentarmos convicções, vamos elaborando propostas, ações, políticas, práticas cotidianas, escrevendo, publicando, participando, unificando propósitos... enfim, fazendo história... porque, os que se movem, constroem a história...

E segue pela primeira convicção de que é preciso reverter a lógica, baseada na dependência, onde o medicamento surge como instrumento de dominação técnica, econômica e cultural. E que, para isso, um dos caminhos a seguir é o de transformarmos em decisão política de governo o que a sociedade constrói, almeja e necessita.

O que foi concretizado, na atual etapa do Projeto Nacional de Desenvolvimento através da elaboração da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que, em resumo, efetua a aliança entre a nossa biodiversidade e a formação de pessoas para o desenvolvimento de tecnologias que viabilizem uma importante opção terapêutica , ampliando o acesso aos medicamentos, com humanização, qualidade, segurança e eficácia. Num processo que abrange desde a cadeia produtiva até a implementação da Fitoterapia no SUS.

E partimos de convicções outras que, com ações concretas de profissionais como a que chamamos "Professora Mara Zélia", pois mestra pelo saber, fazer e compromissos com transformações, temos adquirido em nossa prática cotidiana – de que nossas Universidades dispõem de recursos estruturais e humanos para realizar estudos e pesquisas, a partir do potencial das regiões, na perspectiva de se constituírem em celeiros dessa cultura. E de que o valor econômico de nossas plantas

é de extrema magnitude e a nossa autonomia para gerir nossos recursos naturais somente será respeitada quando tomarmos a decisão de valorizar e integrar nossos conhecimentos tradicional e acadêmico e de implementar Redes de Cooperação Técnica e Científica, formando e capacitando para o desenvolvimento e produção de Tecnologias de Inovação, agregando valor ao saber dos povos.

Essas convicções, que tiveram sua elaboração a partir de reflexões com amplos setores da sociedade, onde se destaca essa capacidade brasileira de resistir à dominação e aos entraves à libertação, me permite, ao elaborar esse Prefácio, afirmar que Mara Zélia, sempre presente com seu conhecimento, adquirido em andares universitários em simbiose com andares na vida, nos processos dessa construção coletiva, é parte integrante, com sua obra, na elaboração e ação para que a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, sob a Coordenação do Ministério da Saúde, inserida na Política de Assistência Farmacêutica, como parte integrante do SUS, tenha sedimentação em princípios como:

- a contribuição para o nosso desenvolvimento sustentável e a soberania do Brasil;

- a construção efetiva do Sistema Único de Saúde e de suas políticas setoriais;

- o uso e preservação de nossos recursos naturais e a manutenção do patrimônio genético nacional;

- a relação dialética entre os saberes tradicional e acadêmico, colocando por terra o falso antagonismo que serve à dominação;

- a garantia de trabalho e geração de renda.

Hoje é 26 de dezembro de 2010. Um dia após o Natal e às vésperas de um Novo Ano que chega na perspectiva concreta de promissores avanços para o Brasil, que nos instigam e desafiam, na complexidade do mundo em que vivemos.

Mara Zélia, com essa obra fruto de momentos de dedicação, de estudo, de algumas incertezas e de construídas convicções, de relações amorosas e respeitosas com nossa biodiversidade e nossa diversidade étnica e cultural – maiores e mais belas riquezas de nosso país, é o novo!!!

O sempre novo que surge da resistência, da perseverança e do amor. E está, graças ao que nos abençoa, protege e impulsiona, alicerçada na Bioquímica da Esperança, que nos faz pacientes e firmes para que nossas plantas medicinais continuem sendo sementes na efetivação de um caminho que garanta a vitória da civilização – aquela civilização que estará calcada na vitória da Vida.

Enfim, é uma cuidadora de jardins... para que as borboletas nos cheguem em eternas e sempre bem-vindas metamorfoses.

Jussara Cony*

* Farmacêutica, Especialista em Tecnologia de Medicamentos e em Tecnologia de Alimentos. Mestre em Ciências Farmacêuticas, com formação na Faculdade de Farmácia da UFRGS. Funcionária da mesma Universidade, nas Faculdades de Medicina e de Farmácia. Vereadora em Porto Alegre (1983 a 1988, Deputada Estadual por quatro mandatos no RS (1991 a 2006), tendo desempenhado o cargo de Vice-Presidente da Comissão de Saúde e Meio Ambiente e de Coordenadora do Fórum pela Vida - Projeto Plantas Vivas (1998 a 2006). Diretora-Superintendente do Grupo Hospitalar Conceição do MS, no RS (2007 a 2010), participando, como tal, da Comissão Executiva do MS/SCTIE - Programa Nacional para a Implantação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. A partir de 01/01/2011 ocupará o cargo de Secretária de Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul, no governo eleito, liderado por Tarso Genro.

Prefácio

(à 2ª edição)

A preocupação de Mara Zélia quanto à educação em/sobre plantas medicinais há muito excede as limitadas paredes da academia. São filhos desta benfazeja preocupação seus muitos cursos de extensão, sua atuação junto a comunidades diversas e a transformação de parte de sua Tese de Doutorado neste livro.

Qualquer estudo sério sobre plantas medicinais tem que ser interdisciplinar, já que o assunto é multifacetado, abrange várias ciências (ocidentais ou não) e envolve questões éticas, sociais e econômicas. Na primeira parte deste livro, é admirável a organização da "abordagem histórico-contemporânea" que trata todos os aspectos principais. A "cura do corpo e da alma" é um raro e salutar exemplo de trânsito/diálogo entre concepções médicas baseadas em tramas culturais diferentes, belo exemplo de Etnofarmacologia. São preciosos os glossários, as dicas e todos os detalhes que dizem não apenas do saber abrangente da autora, como do aspecto "Nanã" de sua personalidade. Finalmente o almanaque, ah! o almanaque. Que bom reviver esses tempos e de maneira tão qualificada.

Como se não bastassem a beleza da ilustração, a leitura do livro é agradável e acessível, sem ser superficial. Seu verdadeiro valor educativo está calcado na qualidade da informação apresentada e na capacidade de induzir o leitor a procurar mais informação, mais saber, melhor fazer. Esta é, em realidade, a essência do fazer pesquisa. Daí o valor científico

do livro (o que é científico é o que permite ser testado) e sua utilidade em reinos diversos.

Quando tive a sorte de estar no lugar certo na hora certa e, por isso, ganhar o último exemplar do então disputado *Plantas Medicinais*, cuja primeira edição foi lançado por ocasião do XVI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, Mara Zélia foi logo me avisando o livro era, de fato, uma "livra". A dedicatória a bisavós, avós e mãe, a beleza do livro, os cuidados com detalhes e o caráter generoso (como o são as mães, como é Mara Zélia) deste livro, talvez justifiquem a – em princípio – inusitada questão do gênero da obra. Como o livro induz o pensar, questionar e pesquisar, trata-se da obra fadada a gerar filhos – uma livra prenhe! E é pensando nelas e nisso tudo, que este texto tem que acabar com Odô Ia!

Prof[a]. Dr[a]. Elaine Elisabetsky

UFRGS/Sociedade Internacional de Etnofarmacologia
Setembro 2001

Notas da autora para a 3ª edição

Em agosto de 2000, quando estávamos nas revisões finais da primeira edição desse livro, ainda tínhamos novas informações, bibliografias para serem acrescentadas e dúvidas de como as pessoas receberiam a miscelânia que elaboramos com informações técnicas, dicas, receitas e o resgate de tradições ritualísticas.

A reação das pessoas, tanto do mundo acadêmico como interessados em geral pelo tema, foi extremamente gratificante. O livro logo ganhou o apelido de livra. A primeira edição esgotou-se em pouco tempo, a segunda também. Fomos contemplados no edital FAPESB/2010 para apoio a publicações e começamos a revisão e atualização para que nossa livra produzisse mais rebentos.

Nesses 10 anos inúmeras foram as novidades. Costumamos dizer entre o grupo que: “no Farmácia da Terra as coisas acontecem em cascata”. Muitos dos meus meninos se foram, colaram grau e estão cursando pós-graduação, são professores universitários, todos bem classificados em concursos públicos para a carreira docente, outros de imediato estavam empregados (na Bahia e em outros estados do país). E chegaram os novos filhos, acadêmicos de graduação e de pós- graduação, bolsistas e voluntários.

As instituições parceiras também se renovaram. Projetos no Litoral Norte da Bahia com o Instituto de Hospitalidade, o Instituto

Souza Cruz e SEBRAE, num trabalho belíssimo junto ao Programa de Desenvolvimento Sustentável da Costa dos Coqueiros. Nesse e em outros projetos Conhecemos pessoas ímpares, que guardam suas tradições e as repassam com toda a dignidade. Demonstram a alegria de viver a partir dos recursos que a natureza pode oferecer, tais como matéria prima para o artesanato, o alimento, cosméticos e remédios caseiros com plantas medicinais.

Estamos aprendendo, em cada localidade que desenvolvemos nossos projetos, a saborear as delícias de um saboroso feijão temperado com quiôiô e orelha de maroto, de peixe com coentro de rigor, galinha de quintal com corante de urucum e alfavaquinha de galinha. Sucos de biri-biri, siriguela, mangaba,doces de caju, groselha e jaca. Chás de capim santo, de caapeba ou alumã para auxiliar a digestão. Para cicatrizar nossos ferimentos, banhar com chá morno de "Nego Nú" ou com folhas de "Tapa Buraco". Aprendemos a tomar um banho de "Agarradinho" para atrair paixões ou ainda a usar folhas de "Magnopirol" ou de "Samba em Pé" para curar nossas dores no corpo após um dia de longas caminhadas!

Entre 2005 e 2010 fomos contemplados fomos contemplados com a participação no Instituto do Milênio do Semi-Árido-IMSEAR e na rede Nordestina de Biotecnologia-RENORBIO, em ambas coordenamos o sub- projeto de Etnobiologia com as atenções voltadas para o semi--árido brasileiro, para as espécies das famílias botânicas abundantes nesse bioma, com foco no potencial de bioatividade dessas plantas. O projeto RENORBIO originou um livro editado pela EDUFBA em 2010, denominado Plantas Medicinais no Semiárido: Conhecimentos Populares e Acadêmicos.

Participamos de outros projetos na Chapada Diamantina, em áreas quilombolas, com recursos da Secretaria de Políticas de Promoção

da Igualdade Racial-SEPPIR. No recôncavo baiano, em São Francisco do Conde estamos em atividade no projeto para melhoria de Saúde da População Negra com recursos do município e Fundação de Pesquisa do Estado da Bahia-FAPESB. Com fomento do Fundo Nacional de Saúde-FNS e Secretaria da Gestão Participativa do Ministério da saúde, iniciamos uma proposta de cultivo de plantas medicinais, aromáticas e ritualísticas em terreiro de origem Banto, no Manso Dandalungua, na área metropolitana de Salvador. Realizamos algumas consultorias, a mais recente no baixo sul da Bahia, em 4 municípios situados em áreas de remanescentes de Mata Atlântica. Esse projeto foi financiado pelo Ministério de Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) sob a coordenação da Casa Jovem/Fundação Odebrecht.

Esses foram trabalhos longos, sempre em parceria com o Herbário Alexandre Leal Costa do Instituto de Biologia da UFBA-ALC/UFBA. ações estão nos proporcionando a oportunidade de termos um banco de dados com uma diretriz em etnopesquisa. O grande encantamento desses projetos está na oportunidade de trabalhar em equipe multidisciplinar, com uma seqüência (abordagem etnodirigida, coleta, identificação, produção de extratos com o perfil fitoquímico e ensaios biológicos). Tudo que sempre foi sonhado para um trabalho sério, voltado para a busca racional de fitofármacos.

A partir de 2006 novos marcos regulatórios brasileiros apoiam e fomentam o uso seguro e racional de plantas medicinais e fitoterápicos: a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), Decreto n. 5.813, 22/06/06, o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, portaria interministerial n. 2.960 de 9/12/08 e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS, Decreto n. 971, de 03/05/06. A fim de adequar os marcos legais para

a implantação da fitoterapia no SUS, em 2008 a ANVISA coloca em vigor a Instrução Normativa–IN/05, com uma lista de 36 plantas para fins medicinais. Em 2010 temos a publicação pela ANVISA das RDC nº10 de 10/03/2010, sobre a venda de drogas vegetais rasuradas, sobre os registros de fitoterápicos, a RDC n.14 de 05/04/2010. Ainda em 2010, foram publicadas a 5ª Edição da Farmacopéia Brasileira e a Consulta Pública do Formulário Terapêutico Fitoterápico Nacional. A Diretoria de assistência Farmacêutica do MS publicou a RENISUS/2009 - Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS, com 71 espécies vegetais que devem ter seus estudos priorizados para garantir a eficácia e segurança no uso das mesmas. Em 20 de abril de 2010 foi instituída a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde através da Portaria 886. As Farmácias Vivas, no contexto da Política Nacional de Assistência Farmacêutica, deverá realizar todas as etapas, desde o cultivo, a coleta, o processamento e o armazenamento de plantas medicinais e fitoterápicos.

Diante de tantas inovações e avanços para o fortalecimento da Fitoterapia, aqui na Bahia o Farmácia da Terra e o FITOBAHIA, núcleo da Secretaria Estadual de Saúde da Bahia/SESAB, se fez presente com destaque nacional, participando de vários grupos de trabalho e elaboração de projetos, o último deles referente a capacitação dos servidores do SUS na Atenção Básica para a implantação dos Serviços de Fitoterapia nas Unidades de Saúde da Família, projeto em parceria com o Núcleo de Ensino a Distância-NEAD da Escola de Enfermagem UFBA, com o apoio da DASF/MS e Fiocruz.

O Programa de Pós Graduação em Farmácia da Faculdade de Farmácia da UFBA, tem nos proporcionado a oportunidade de orientar pesquisas com plantas medicinais com potencial terapêutico, formando uma boa equipe e gerando produtos para a ponta, o serviço.

As nossas ações sempre envolvem muitos estudantes de graduação e relação com as disciplinas de Fitoterapia e a Atividade Curricular em Comunidade (ACC), denominada Busca Racional de Fármacos de Origem Vegetal, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão que através dessa iniciativa facilitou aos professores e alunos voltados para o social, a possibilidade de exercer seu compromisso de cidadania.

Assim para atualizarmos os conteúdos dessa terceira edição contamos com os alunos de graduação e pós, os parceiros internos e externos, de muita vivencia em campo. Foi difícil controlar essa grande bola de neve que é o amplo universo dos conhecimentos sobre plantas medicinais, ainda temos muito para repartir e divulgar mas por enquanto ficamos com essa terceira edição revisada e ampliada dentro de limites possíveis.

Agradecemos a Fundação de Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e a Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), pela oportunidade.

Fica cristalino que o tema plantas medicinais é complexo, riquíssimo, polêmico e contempla inúmeras vertentes, temas intrincados que se permeiam e mudam o perfil em velocidade assustadora. Cada um deles poderia ser objeto de um livro distinto, sempre como centro Plantas para Fins Medicinais. Nesse momento estamos lançando todas essas novas informações como atualização para a terceira edição desse livro, mas fica o enorme desafio de continuar estudando e socializando o conhecimento. Sempre !

Profª. Drª. Mara Zélia de Almeida

Salvador, 23.07.02
20:30h
Lua Cheia

Prefácio

(à 1ª edição)

Grande tem sido o interesse despertado pelo estudo dos produtos naturais, em particular das plantas medicinais, neste final de século. Muitas são as publicações abordando diferentes aspectos sobre o uso das plantas medicinais. Algumas enfocam, basicamente, o uso popular, resgatando o conhecimento próprio das práticas tradicionais da medicina natural. Outras, abordam o conhecimento científico justificando a eficácia do uso das plantas na presença de substâncias ativas, que, por vezes, não explicariam totalmente o seu emprego.

A presente publicação guarda importância fundamental ao tentar reunir os diversos aspectos que envolvem o conhecimento das plantas como fonte de cura. A autora, utilizando uma linguagem bastante acessível, tanto para leigos como para estudantes e profissionais da área, passeia com maestria abordando e relacionando as diferentes faces no estudo das plantas medicinais utilizadas no Brasil, em particular na Bahia.

Ao abordar assunto de tamanho interesse popular e científico, a autora procura, com sucesso, enfocar o caráter religioso e supersticioso, fortemente presente na população brasileira, decorrente da herança africana e indígena, percebida com maior intensidade na Região Sul e Sudeste, sem prejuízo das informações de cunho científico coligadas por revisão na literatura.

Desnecessário é afirmar a riqueza da presente obra. A forma inovadora encontrada pela autora para conciliar o popular e o científico, tornando a leitura agradável e interessante, a destaca em relação a outras obras similares.

O livro aborda de forma clara, dentre outros aspectos referentes à importância da etnofarmacologia, etnomedicina e inova, sobremaneira, em relação a publicações do gênero quando insere o capítulo intitulado ALMANAQUE, no qual relata aspectos práticos/populares no uso das plantas medicinais.

Prof[a]. Juceni Pereira David
Doutora em Química de Produtos Naturais.

Prof[a]. Edna Maura Prata de Araújo
Mestre em Química e Farmacologia de Produtos Naturais.

Prof[a]. Lidércia Cavalcanti R. C. Silva
Doutora em Quimíca de Produtos Naturais.

Apresentação

A motivação para escrever esse livro surgiu em 1990, a partir do compromisso social e ético de publicar de maneira ampla, de forma que ultrapassasse os “muros” da universidade, os resultados obtidos em vários trabalhos de campo. Inicialmente, com acadêmicos do Curso de Farmácia da UFBA, em atividades didáticas da disciplina de Farmacognosia II e III e, posteriormente, com os resultados obtidos em muitos projetos de pesquisa e extensão no Programa de Extensão Permanente *Farmácia da Terra*. Essa publicação foi implementada também com o banco de dados e pesquisas resultantes da elaboração da tese de Doutorado da autora, bem como das orientações de dissertações de mestrado desenvolvidas pela mesma.

A proposta de realizar uma documentação literária para o conhecimento das plantas como fonte de cura, sob a ótica da religiosidade afro-baiana, objetivou colaborar com a preservação e multiplicação das informações obtidas em trabalhos comunitários, com o devido respeito às tradições dessa herança cultural africana na medicina do Brasil. A visão do homem, como ser integral, respeitado em seu momento de fragilidade, quando algum mal de origem psíquica ou somática lhe aflige, destaca-se como a principal ótica para o entendimento desse trabalho.

A autora sentiu-se muito à vontade ao caminhar entre mundos tão distanciados pela sociedade: as práticas médicas acadêmicas, a visão convencional da cura e a vertente tradicional ritualística. Vive nesses dois mundos, a realidade do *Aye* (terra) e do Orùm (mundo dos orixás)

como Professora Universitária e descendente de Yalorixás. Foi criada dentro de uma comunidade-terreiro. Dessa forma, aprendeu a decodificar os segredos das folhas e a compreender a importância dos princípios bioativos de origem vegetal. Esses universos tão ambíguos foram unidos numa mesma esfera a fim de demonstrar a lógica popular sem perder a seriedade científica.

As indicações terapêuticas tradicionais (práticas não-alopáticas) indicam plantas para fins medicinais que extrapolam em muito a terapêutica convencional (alopatia), assumindo, em determinados momentos, um caráter místico, embasado em crenças culturais inerentes ao grupo étnico. Assim, na maior parte das doenças, o processo de cura não é regido apenas pelo princípio farmacológico do recurso natural utilizado, mas também por crenças próprias dessa cultura, que resistem há gerações, garantindo a saúde dos seus descendentes.

Conforme citações em literatura especializada, ainda é difícil estimar com precisão a grandeza da biodiversidade brasileira. Entretanto, afirma-se que o Brasil possui a maior diversidade genética vegetal do planeta. Apesar do potencial para a busca de novos fitofármacos ser inegável, estima-se que menos de 10% da flora nacional foi estudada com fins fitoquímicos e farmacológicos, visando a avaliação das propriedades terapêuticas. Encontram-se registradas no Ministério da Saúde, para comercialização com propósitos medicinais, cerca de 600 drogas vegetais de um total de aproximadamente 1.000 espécies que possuem a validação de suas atividades biológicas e de seus princípios bioativos avaliados cientificamente.

Inúmeras plantas indicadas para fins medicinais possuem farta bibliografia sobre seus princípios bioativos e são os testes farmacológicos

clínicos e pré-clínicos dos mesmos que validam sua eficácia e segurança. A análise epistemológica realizada a partir do banco de dados, oriundo de vários trabalhos de campo, permitiu traçar um perfil botânico e epidemiológico de doenças, através das plantas mais indicadas para fins medicinais no país. Estas estão incluídas em famílias botânicas, das quais as mais indicadas são: Asteraceae, Lamiaceae e Leguminoseae. Percebe-se a predominância de espécies com hábito herbáceo e arbustivo. As classes de metabólitos especiais presentes em maior frequência são: alcalóides, terpenóides, flavonóides, taninos e cumarinas.

Uma outra visão importante que deve ser abordada resulta da experiência própria em etnofarmacologia. Trata-se da necessidade premente de uma ação conjunta e urgente no campo da assistência farmacêutica. Nota-se, nas observações participantes e nos resultados de entrevistas, um “sem número” de ações populares em saúde que necessitam de otimização urgente, outras que, em eminência de perda, precisam ser resgatadas dentro de seu contexto etnobotânico e etnofarmacológico.

Orientados pela certeza da possibilidade de união entre a vertente popular/empírica e os conhecimentos acadêmicos/científicos, e de que é viável a otimização de práticas populares em saúde, acredita-se que esses escritos apontem para o fortalecimento do elo entre o saber popular e o científico, numa coexistência simbiótica, tendo como objetivo a melhoria da qualidade de vida como instrumento de cidadania.

Optou-se por estruturar a presente obra em três módulos: o primeiro, que situa o uso de plantas medicinais na história da humanidade; o segundo, denominado a Cura do Corpo e da Alma, no qual foram elaboradas 16 monografias considerando o aspecto popular-religioso de

um grupo social e suas crenças, abordando aspectos técnico-científicos; e um terceiro, o Almanaque, assim intitulado devido à variedade de informações nele reunidas, a maioria delas oriundas de dúvidas e consultas anotadas em cursos de extensão, aulas e consultorias.

Para a elaboração desta publicação, contou-se com parcerias institucionais e pessoais, como o Herbário Alexandre Leal Costa, do Instituto de Biologia da UFBA, sua atual curadora, Profª. Lenise S. Guedes e da anterior, Profª. Letícia Scardino. De professoras da matéria Farmacognosia, como a Profª. Edna Prata, que iniciou com a autora, o *Levantamento da Flora Medicinal Comercializada na Cidade de Salvador*. Essa pesquisa deu origem à primeira ordenação de dados, reproduzida como brochura, em 1990, com o apoio financeiro do Conselho Regional de Farmácia/BA. Esses dados foram o embrião desse livro; a Profª. Helna Célia R. Passinho, que iniciou os cursos comunitários do Farmácia da Terra, em 1996, num projeto em parceria com o Serviço Social do Mosteiro de São Bento resultando hoje, no Programa de Extensão Permanente Farmácia da Terra; a Profª. Juceni David, do Laboratório de Pesquisa de Produtos Naturais, parceira em projetos voltados para o estudo Fitoquímico de Plantas Medicinais. As Profªs. Lidércia C. R. C. Silva e Maria de Lourdes S. e Silva, da disciplina Farmacotécnica, parceiras em cursos de extensão e nos projetos de Produção de Fitoterápicos e Fitocosméticos. O Prof. Humberto Ribeiro Moraes, vice-coordenador do Programa e idealizador junto com a autora, da implantação da disciplina Fitofármacos e Fitoterápicos, ministrada pelos mesmos, no curso de Farmácia da UFBA.

Contou-se também com a colaboração constante da Pró-Reitoria de Extensão/UFBA, através do seu Pró-Reitor, Prof. Dr. Paulo Lima, que apoiou os trabalhos comunitários através do Programa UFBA em Campo. Em alguns projetos, obteve-se a parceria da EBDA em assessorias

agronômica e botânica. Mantém-se a constante colaboração científica, no referente a drogas vegetais, com a Profª. Eliane Carvalho e o Prof. Dr. Leandro Machado Rocha da Universidade Federal Fluminense, com o farmacêutico Leonardo Lucchetti da FIOCRUZ/INCQS, com o Prof. Dr. José Maria Barbosa e Prof. Dr. Marcelo Sobral, do Laboratório de Tecnologia Farmacêutica da Universidade Federal da Paraíba, parceiros em projeto PRONEX. A Profª. Drª. Maria Auxiliadora Kaplan, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/NPPN, consultora e orientadora da tese de doutorado da autora. O apoio financeiro para a pesquisa e elaboração da primeira edição dessa obra deve-se ao CADCT/SEPLANTEC, que acreditando na importância de documentar as questões de saúde e etnias, vertentes que traçam um representativo perfil do povo baiano, viabilizou o projeto.

Plantas Medicinais
abordagem
histórico-contemporânea

A origem do conhecimento do homem sobre as virtudes das plantas confunde-se com sua própria história. Certamente surgiu, à medida que tentava suprir suas necessidades básicas, através das casualidades, tentativas e observações, conjunto de fatores que constituem o empirismo. O homem primitivo dependia fundamentalmente da natureza para a sua sobrevivência e utilizou-se principalmente das plantas medicinais para curar-se. No decorrer de sua evolução surgiram novas terapias. Entretanto, até 1828, quando Friedrich Wohler sintetizou a ureia a partir de uma substância inorgânica, o cianato de amônio, o homem não conhecia como origem de matéria orgânica qualquer fonte que não fosse vegetal, animal ou mineral. Isso significa que praticamente com exceção do século XX, toda a história da cura encontra-se intimamente ligada às plantas medicinais e aos recursos minerais. Acredita-se que o registro mais antigo de todos é o Pen Ts'ao, de 2800 a.C., escrito pelo herborista chinês Shen Numg, que descreve o uso de centenas de plantas medicinais na cura de várias moléstias.

A eficácia das drogas de origem vegetal é fato desde as mais remotas civilizações, na chamada "Matriz Geográfica" da civilização ocidental: o quadrante noroeste que envolvia Europa (Mar Mediterrâneo), África Setentrional (Vale do Rio Nilo), Ásia Ocidental (Mesopotâmia) e as regiões entre os rios Tigre e Eufrates.

Os egípcios, sob a proteção de Imhotep, o Deus da cura, e a sapiência de seus inúmeros sacerdotes, muitos com funções médicas definidas, tornaram-se famosos pelos seus conhecimentos com os incensos, as resinas, as gomas e mucilagens que faziam parte da arte da mumificação.

O egiptólogo alemão Yorg Ebers, no final do século XIX, ocasionalmente teve acesso a um longo papiro datado de aproximadamente 1500 a.C., que após tradução passou para a história como "Papiro de Ebers", um dos mais importantes documentos da cultura médica. O Papiro inicia com a audaciosa frase "Aqui começa o livro da produção dos remédios para todas as partes do corpo humano ..."

Dessa forma o mundo tomou ciência de uma Farmacopeia egípcia contendo a descrição de espécies vegetais como a Mirra, de uso adstringente e anti-inflamatório, o látex do Olíbano, para inflamações bucais, Sândalo como antidiarréico. A papoula, fonte do ópio, morfina, codeína e papaverina era conhecida como sedativo, antiespasmódico, chamado de "remédio para acabar com a choradeira".

Muitas drogas usadas no Egito vinham de outras regiões. Naquela época, o comércio de drogas vegetais era intenso e as cidades do Reino de Sabá , no extremo sudoeste do deserto arábico, ganharam fama pelos seus jardins paradisíacos onde cresciam ervas milagrosas. Os sabeus, até 1000 a.C., promoviam caravanas frequentes ao Egito para comercializar incensos, mirra, outros gêneros da família burseraceae e outras espécies asiáticas através do porto de Gherrá, hoje Golfo Pérsico. Dessa forma, novas drogas como cinamomo, pimenta da Malásia, gengibre, romã, cálamo aromático e os aloés da ilha de Socotra (Ilha do Oceano Índico localizada ao sul da Arábia, atualmente protetorado da República do Iêmen) chegaram ao Egito e ao Mediterrâneo. Outras plantas vieram da ilha grega de Creta para o Egito. Os cretenses dominaram o mar e o comércio no Mediterrâneo até 2000 a.C., entre as espécies citadas acima estão o açafrão, a sálvia e o arbusto de Chipre, de cujas cascas e folhas se faziam a Henna, que tingia as unhas e os cabelos das egípcias. Paralelamente, a exemplo do que ocorreu no Egito, os sumérios,

próximo ao terceiro milênio a.C., detinham conhecimentos que foram repassados para a humanidade através de escrita cuneiforme, em placas de argila. Dessas placas, várias receitas foram traduzidas como o uso da beladona, fonte de atropina; do cânhamo da Índia chamado Quinabu, a *Cannabis sativa L.* indicada para dores em geral, bronquite e insônia. Em uma dessas placas há a descrição da coleta do GIL, que significa prazer. É uma referência à coleta e uso ritual da papoula, Papaver somniferum L. O herbário assírio também dispunha de muitos fármacos tais como meimendro, mandrágora, junco e tomilho. A Índia, provavelmente, comercializava drogas vegetais desde 2500 a.C., seu maior legado está citado na tradição dos sábios "Váidia", no império do Vale do rio Indo, a Noroeste da Índia, onde hoje é o Paquistão.

Os primeiros tratados médicos de grande importância são de aproximadamente 500 a.C., o "Taxaraca-Samhita e Susruta-Samhita", prováveis precursores do sistema UNANI de medicina árabe. Estes sistemas terapêuticos são certamente a origem inspiradora da medicina hipocrática grega, conhecida como a mãe da medicina ocidental.

Os antigos médicos hindus, conheciam uma droga poderosa devido à forma semilunar de seus frutos, usados contra cefaleia e angústia. Eram chamados de "remédio para homens tristes". Essa droga posteriormente conquistou o mercado farmacêutico mundial nos meados do século XX como hipotensora e calmante, a Rauwolfia serpentina L., fonte de reserpina.

Durante as chamadas civilizações clássicas, as drogas vegetais começam a ser registradas de forma sistemática. Na Grécia, Pedacius Dioscórides escreveu a obra que foi posteriormente traduzida para o Latim por humanistas do século XV, chamada *De Matéria Médica* que por

mais de 1500 anos, durante o período greco-romano e na Idade Média, foi considerada a bíblia de médicos e farmacêuticos. Dioscórides descreveu a origem, características e usos em terapêutica de mais de 500 drogas vegetais, aproximadamente 100 drogas de origem animal e outras tantas de origem mineral. Acredita-se que a matéria-médica, transformada em disciplina didática, deu origem à moderna Farmacognosia. Após a queda do Império Romano, a Europa atravessou um longo período de obscurantismo científico entre os séculos V e XV, a chamada Idade Média. De forma paralela, nesse período, o mundo árabe emergiu com grande atividade científica sendo acrescido de alguns conhecimentos de origem indiana. Dessa forma, surge a Medicina Árabe, destacando-se o médico Avicena e as suas famosas flores como terapêutica para os males cardíacos. Através da península Ibérica, os conhecimentos árabes ganharam toda a Europa. Muitas drogas, novas para a época, foram introduzidas na terapêutica europeia: canela, limão, noz-moscada, sene, tamarindo e cânfora são algumas das mais importantes.

As descobertas geográficas, ao final do século XV, com a abertura das rotas marítimas para as Índias e para a América trouxeram o conhecimento de outros vegetais como o coco, o chá preto e o café, iniciando uma nova era para o estudo de fitofármacos.

A noção básica do entendimento de substâncias responsáveis pela atividade farmacológica e a resposta terapêutica como potencial característico de uma certa espécie vegetal, é creditada a Paracelso. Este físico suíço, no início do século XVI, começou a praticar a extração de substâncias a partir de drogas até então consideradas como indispensáveis, as quais denominou de Quinta Essentia. A Quinta Essência é provavelmente a primeira noção de princípio bioativo.

Entretanto, somente ao final do século XVIII tornou-se viável uma proposta científica sólida para o uso de fitofármacos, a partir do isolamento e estudo de metabólitos especiais. As primeiras substâncias químicas foram isoladas de extratos vegetais quando os ácidos orgânicos: oxálico, málico e tartárico foram separados e identificados. A partir daí, no início do século XIX, várias foram as substâncias bioativas isoladas: narcotina e morfina do ópio; estricnina de Strychnus nux-vomica; quinina de Cinchona; cafeína de Coffea. Os primeiros heterosídeos, salicina e digitalina, ainda são desse século. Data também do início do século XIX, um novo aspecto do estudo de plantas medicinais, através do desenvolvimento da fisiologia e da farmacologia experimental.

Em 1809, foram descritos os primeiros trabalhos sobre os efeitos tóxicos de Strychnus em animais de laboratório. Entretanto, é atribuído a Claude Bernard o mérito de estudar através de ensaios de laboratório com animais, a atividade de plantas indicadas empiricamente para fins medicinais e usadas na medicina popular, definindo sua forma de ação sistêmica. Nessas análises experimentais, começaram-se a testar substâncias bioativas, isoladas de extratos vegetais, iniciando uma nova visão de aplicação terapêutica. Sendo assim, pode-se sugerir que etnomedicina, farmacologia e química de produtos naturais caminham juntas desde o início do século XIX, tendo através do desenvolvimento científico, sofrido diferenciações e especialização a partir de uma ciência única, a "matéria médica". Dessa forma, adquiriu características próprias. Hoje, na virada do século XX, os pesquisadores de áreas afins procuram valorizar as ações multidisciplinares e multiprofissionais como prioridade para o estudo científico na busca racional de princípios bioativos.

Muitas drogas vieram da antigüidade e através dos séculos sobreviveram aos diferentes hábitos culturais. Na Grécia, em 800 a.C.,

o poeta Homero, na Odisseia, narra que Helena servia a Telêmaco quando esse se sentia triste pela lembrança de Ulisses... "uma poção de esquecimento retirada da seiva da dormideira". Em várias pinturas, datadas da Idade Média, existem referências à Mandrágora, planta mágica usada como anestésico em cirurgias apesar de sua conhecida toxidez. Sua raiz antropomorfa e bifurcada, lembrando duas pernas, através da Teoria das Assinaturas, contribuiu muito para a fama de planta mística e afrodisíaca. Na comédia satírica *Mandrágola*, em 1515, Maquiavel ridicularizou a hipocrisia do clero, a corrupção na Itália renascentista. No centro da trama está a Mandrágora, erva mágica fecundante. Sheakspeare, citou a mandrágora nas falas dos personagens Julieta e Cleópatra. Muitas são as lendas com essa planta, sempre presente nas fórmulas dos filtros de amor, nos unguentos das bruxas, nos rituais que proporcionariam prazer, fertilidade e felicidade eterna.

Preciosos conhecimentos perderam-se no decorrer da história das civilizações, extintas por fenômenos naturais, migrações e, principalmente, pela ocorrência das invasões gregas, romanas, muçulmanas e pelas colonizações europeias, que impuseram seus costumes, alterando realidades socioculturais e econômicas. No Brasil, o conhecimento dos índios, dos africanos e de seus descendentes está desaparecendo em decorrência da imposição de hábitos culturais importados de outros países, havendo um risco iminente de se perder essa importante memória cultural.

O uso de plantas medicinais no Brasil e suas origens

A pesquisa etnofarmacológica, vertente relativamente nova do estudo de plantas medicinais, vem sendo reconhecida como um dos melhores caminhos para a descoberta de novas drogas, orientando os estudos de laboratório no direcionamento de uma determinada ação terapêutica, reduzindo significativamente os investimentos em tempo e dinheiro.

O vocábulo etnofarmacologia, como um termo científico, surgiu em 1967, em um Simpósio Internacional em São Francisco nos Estados Unidos. Neste, foram abordados os aspectos histórico, cultural, antropológico, botânico, químico e farmacológico de drogas psicoativas. A denominação ganhou definitivamente status de ciência a partir do surgimento do *Journal of Ethnopharmacology* em 1979. Em 1981, Bruhn e Holmstedt descreveram a etnofarmacologia como "O conhecimento multidisciplinar de agentes biologicamente ativos, tradicionalmente estudados ou observados pelo homem". Desenvolvendo esse conceito sob a ótica de seu significado cultural, independente do pensamento cartesiano a respeito da ação de drogas, o levantamento de dados etnofarmacológicos propõe que a atitude do pesquisador seja ampla e receptiva, sem ideias preconcebidas sobre saúde e doença e que a atitude em relação aos agentes farmacologicamente ativos ocorra numa perspectiva cultural e histórica. Sendo assim, os objetos de estudo da etnofarmacologia, são as informações coletadas dentro de uma determinada população

culturalmente definida (grupo étnico). Em geral, além dos minerais e produtos de origem animal, os “remédios” de origem vegetal produzidos pelo homem, não são mais consideradas plantas medicinais *in natura* e sim uma certa espécie vegetal manipulada e ingerida de maneira específica para uma determinada finalidade terapêutica. A partir dessa concepção, as informações etnofarmacológicas são usadas como ponto de partida para o delineamento experimental, que objetiva o estudo da espécie como um fármaco em potencial, ou seja, qual ação farmacológica tem o maior potencial de revelar dados que validem a indicação popular.

Sendo assim, de acordo com a RDC n. 14, publicada em 05 de abril de 2010, da Agencia Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), planta medicinal: é “espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos”. Derivado vegetal: é “produto da extração de planta medicinal *in natura* ou da droga vegetal podendo ocorrer na forma de extrato, tintura, alcoolatura, óleo fixo e volátil, cera, exsudato e outros derivados”. Matéria-prima vegetal: “compreende a planta medicinal, a droga vegetal ou o derivado vegetal”. São considerados medicamentos fitoterápicos “os obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais, cuja eficácia e segurança são validadas por meio de levantamentos etnofarmacológicos, de utilização, documentações tecnocientíficas ou evidências clínicas”. De acordo com as definições farmacotécnicas, considera-se medicamento, todo produto farmacêutico empregado para modificar ou explorar sistemas fisiológicos ou estados patológicos, em benefício da pessoa a quem se administra, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou de diagnóstico (OMS), como, por exemplo, o uso de um analgésico com o propósito de aliviar uma dor. Denomina-se remédio “todos os meios físicos, químicos ou

psicológicos através dos quais se procura o restabelecimento da saúde". Exemplificando: o uso de arruda nas rezas e o banho de sal grosso, ambos contra mau-olhado.

Reafirma-se a importância do entendimento dos conceitos de saúde, doença e "remédio" da população abordada, pois tais conceitos são variáveis em cada cultura e, portanto, é necessário levar em consideração o contexto no qual uma determinada planta é considerada como medicamento. Para uma doença culturalmente definida, o remédio indicado poderá ser eficaz apenas naquele momento cultural, ritualístico. Porém, é pouco provável que tenha um princípio bioativo que possa ser utilizado com aplicabilidade universal. Somente através da descodificação por correlação entre os conceitos de nosso sistema biomédico convencional e os conceitos da medicina tradicional, torna-se possível propor hipóteses de trabalho experimental viáveis a fim de otimizar a eficiência dos estudos que objetivem o desenvolvimento de novas drogas ou preparações terapêuticas úteis.

As pesquisas etnofarmacológica e etnobotânica no Brasil são assuntos controvertidos, considerados por alguns "um grande desafio". A tão cobiçada flora brasileira e sua famosa biodiversidade, constituída de um infinito número de espécies vegetais, vem sendo progressivamente destruída, perdendo-se também as informações sobre plantas medicinais tropicais, conhecimentos etnomédicos tão ricos e distintos e seus diversos matizes, sendo eles de origem africana, indígena e europeia.

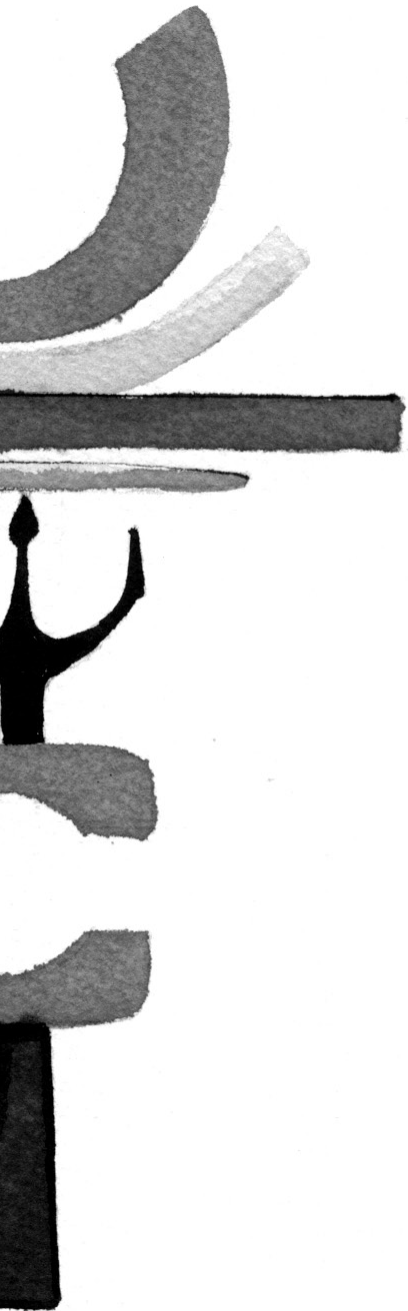
No Brasil, são consideradas cinco regiões em abundância de espécies medicinais: Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Pantanal Matogrossense, Cerrado e Caatinga. Algumas dessas regiões possuem plantas medicinais indicadas popularmente, das quais ainda não foram realizados estudo químico, farmacológico ou toxicológico.

A herança africana

Os levantamentos etnomédicos realizados, demonstram a forte influência da herança cultural africana na medicina popular do Brasil, principalmente no norte, nordeste e sudeste do país. A manutenção da herança africana em vários âmbitos socioculturais brasileiros é, antes de tudo, uma forma de resistência de uma camada mestiça da população.

Com a vinda dos africanos para o Brasil, após três séculos de tráfico escravo, muitas foram as espécies vegetais trazidas, substituídas por outras de morfologia externa semelhante, enquanto algumas foram levadas daqui para o continente africano. No processo histórico brasileiro, os negros realizaram um duplo trabalho; transplantaram um sistema de classificação botânica da África e introjetaram as plantas nativas do Brasil na sua cultura, através de seu efeito médico simbólico. Sendo assim, ao incorporarem-se ao novo habitat e às novas condições sociais, algumas plantas indispensáveis aos rituais de saúde foram substituídas

Entre as plantas trazidas para o Brasil e que aqui mantêm seus nomes em Yorubá citam-se: obí (*Cola acuminata* Schott e Endl.), da família Sterculiaceae; orobô (*Garcinia cola* Heckel), família Guttiferae; fava de Aridam (*Tetrapleura tetraptera* Paub), família Leguminosae; e akôkô (*Newbouldia leavis* Seem), família Bignoniaceae.

Após a abolição, o chamado refluxo migratório de africanos e seus descendentes levou para a África: milho, guiné, pinhão branco, batata doce, fumo e algumas espécies de Annona (pinha, fruta de conde, graviola). Espécies africanas como a mamona, dendê, quiabo, inhames, tamarineiro e jaqueira, bem adaptadas, tornaram-se espontâneas.

Em 1942, na primeira edição de *Brancos e Pretos na Bahia*, Pierson já registrava a perda do "mundo mental africano" pelos seus descendentes e a crescente assimilação dos padrões culturais europeus. Este registro foi facilmente justificado pela escolarização e outros meios de difusão de cultura européia dominante, afastando-se das crenças e práticas de seus antepassados. Entretanto, se os africanos e seus descendentes mestiços se "europeizaram" através dos séculos, no Brasil, houve um reverso onde o forte amarelo do dendê tingiu as louças portuguesas de Macau servidas nos sobrados dos senhores. O ritmo que se ouvia nos salões foi "assenzalando-se" e recebendo novos compassos. Essa aculturação (bilateral) pode ser também observada na medicina tradicional brasileira, principalmente na Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Maranhão.

Na região metropolitana do Rio de Janeiro e de Salvador, observou-se um intenso consumo de espécies vegetais através dos terreiros de religião afro-brasileira. Nestes, os Babalorixás e Yalorixás (sacerdotes), portadores de conhecimento etnomédico respeitável, prescrevem o uso das folhas, raízes, sementes e cascas para fins medicinais, banhos, ebós e outros propósitos ritualísticos. Essas plantas são geralmente obtidas nas barracas de mercados populares e de vendedores ambulantes denominados "erveiros de rua".

Pode-se dizer, portanto, que o uso popular de plantas medicinais nessas condições, constitui um complexo sistema de saúde não oficial em que participam "erveiros", centros religiosos e comunidade. Durante muitos anos, esse sistema paralelo de terapêutica foi duramente criticado pela sociedade e até mesmo alvo de perseguição policial. Pode-se ilustrar o fato com antigos recortes de jornais como a manchete do Diário de Notícias de Salvador de 09 de maio de 1905: "Rapariga

de família enlouquece com a beberagem de Jurema no Candomblé". Informações obtidas no recôncavo baiano afirmam que o guiné (*Petiveria alliaceae*, L.) da família Phytolacacceae, tinha como sinonímia popular o nome Amansa-senhor. Este nome, deve-se ao fato de ser preparada por escravos domésticos sob a forma de chá e misturada às refeições dos senhores e feitores, causando sonolência e, portanto, tornando-os mais brandos na convivência diária. Estudos farmacológicos pré-clínicos mais recentes, confirmam a ação da *Petiveria alliaceae* L. sobre o sistema nervoso central.

Atualmente, alguns pesquisadores agrupam as manifestações de cura originadas nas crenças e costumes de origem africana como Terapêutica Yorubá. São considerados Yorubá aqueles cuja origem está localizada no sudoeste da Nigéria. No Brasil, são conhecidos como "Nagô". Na verdade, quanto à origem, não há uma distinção clara no referente à terapêutica. O principal referencial é a filosofia do tratamento, sempre diretamente relacionada com as tradições ritualísticas.

As crenças Yorubá estão associadas com as práticas de cura natural. As questões fisiológicas raramente estão dissociadas da cura espiritual e da concepção de vida e de morte. As plantas estão sempre presentes através do uso das folhas, raízes, frutos e das árvores de várias representações simbólicas, bem como outros elementos naturais, insetos, cinzas, ossos, ovos e muitos outros objetos utilizados para a cura e prevenção de doenças. Uma pessoa doente ao beber um chá de uma determinada folha, deve sorver acreditando não somente nas propriedades medicinais químicas e/ou farmacológicas da planta, mas também no seu poder mágico ou espiritual. O pensamento Yorubá traz a crença no ancestral e em outros espíritos e deuses diretamente envolvidos no processo de cura.

De acordo com a mitologia Yorubá, plantas e outros elementos terapêuticos e alimentícios são riquezas que os deuses proporcionam ao homem. As soluções para os problemas em geral e os diagnósticos das doenças, são indicados principalmente pelos oráculos, como por exemplo, o jogo de Ifá ou de búzios. Acredita-se que consultando os jogos divinatórios obtêm-se os conselhos do grande mestre Orunmila.

A missão de Orunmila na terra usando de sua mais alta autoridade e sapiência, é revelar conhecimentos e conceder alguns pequenos poderes aos homens. A medicina vegetal é vista como um dom divino. Quem segue e conhece os seus ensinamentos poderá curar com plantas e palavras rituais os homens e mulheres doentes que chegarem ao seu caminho.

De acordo com a lenda, Ossanyin e Orunmila eram filhos dos mesmos pais. Entretanto, uma guerra os separou e foram criados sem se conhecerem. Muitos anos depois, Ossanyin foi enviado para abrir as matas e arar a terra para o homem aprender a cultivar. Ele não pôde recusar essa missão porque nesse tempo era o único homem que poderia ter a capacidade de identificar a existência e a importância das plantas medicinais e outras ervas encantadas indicadas por Orunmila. Sendo assim, enquanto Ossanyin se especializou em plantas, Orunmila, através do jogo de Ifá, indicava os diagnósticos e a origem dos sintomas. Orunmila e Ossanyin, segundo as tradições, foram os primeiros a conhecerem e curarem as pessoas com plantas medicinais nas terras Yorubá. Acredita-se que seus seguidores divulgaram as maravilhas das ervas e dos tratamentos medicinais tradicionais pelo mundo afora, de geração em geração.

Pode-se definir a medicina de origem Yorubá como uma síntese de todos os conhecimentos, explicáveis ou não, à luz da medicina ocidental hipocrática (convencional), usados em diagnóstico, prevenção e eliminação de distúrbios físicos, mentais ou sociais repassados às gerações verbalmente ou de qualquer outra forma.

Através dessa definição teórica, pode-se avaliar porque os defumadores, as "Limpezas", "Ebós de Saúde" e "Sacudimentos", os banhos de ervas, de "Abô", de mar e de cachoeira, as preces, os cânticos e danças são consideradas, em conjunto, ações terapêuticas. Essas, são consideradas no mesmo nível de importância dos medicamentos de origem vegetal de ação sistêmica pelo doente afligido por males físicos mentais ou espirituais. Todas essas ações são consideradas "remédios" objetivando a cura.

Alguns estudiosos do assunto sugerem um sistema classificatório de sintomas e doenças baseado em relações simbólicas entre o corpo, os Orixás, seus arquétipos e suas histórias (Itans).

Orixás, Saúde e Doença

Os diagnósticos na maioria das vezes, como citados anteriormente, resultam da consulta aos oráculos (jogos divinatórios) que determinam os sintomas, identificam os males e orientam os procedimentos de cura. Podem-se observar duas grandes categorias de doenças: os distúrbios que se apresentam sob forma de desordem física, que podem ocorrer ou não no iniciado e que são relacionados com a atuação das divindades principais do indivíduo. A segunda categoria compreende

as doenças endêmicas em geral como varíola, gripe, resultante da ação genérica do orixá Obaluaê e Omolú, considerados como "os senhores da vida e da morte", sincretizados por São Lázaro e São Roque, chamados "médicos dos pobres". Alguns observadores ressaltam que, em se tratando de iniciados, a sintomatologia pode exprimir a "marca" ou sinal de sua divindade principal ou de um Orixá que faça parte de seu "carrego de santo". Sendo assim, as doenças de pele (varíola, catapora, rubéola, sarampo e outras como coqueluche, caxumba e tuberculose) são de responsabilidade de Obaluaê e Omolú. O vitiligo, porém, é atribuído a Oxumarê, assim como a erisipela a Nanã, o que pode talvez ser explicado pelos laços de parentesco mítico entre essas três divindades (Nanã, a mãe de Obaluaê e Oxumarê). As doenças venéreas femininas, a falta ou excesso de "regras menstruais", abortos, infertilidade e os demais distúrbios incluídos na categoria de "doenças de senhoras" ou "doenças da barriga", constituem apelos ou "marcas" de Iemanjá e Oxum, ligadas ao elemento água, à feminilidade e à maternidade. Observa-se que em quase todas as oferendas para Oxum colocam-se ovos, símbolos da fertilidade. A esse Orixá, cabe também o restabelecimento das "doenças de crianças".

A impotência e a fertilidade masculinas aparecem ligadas a Xangô e a Exu, divindades viris do elemento fogo, sendo geralmente indicadas "garrafadas" cujos componentes em geral são plantas com características afrodisíacas e estimulantes.

Os distúrbios respiratórios e os problemas de visão são atribuídos às divindades femininas Iansã e Oxum. Sugere-se que tal relação tenha origem no fato de Oxum ser considerada a padroeira da adivinhação, dos "jogos de búzios", sendo seus iniciados vistos como os melhores adivinhos ou "olhadores"). Já Iansã, ligada ao elemento ar, por ser

a “dona dos ventos”, do movimento, da força controle dos elementos, imprime sua marca em seus “filhos” transgressores, sobretudo através de afecções do sistema respiratório tais como asma, falta de ar, enfisemas e outros males.

Os distúrbios emocionais, “as doenças da cabeça” e manifestações de loucura, aparecem associados especialmente a Oxóssi (elemento terra), considerado o “dono de todas as cabeças” nos Candomblés “Ketu”, podendo também ser atribuídos a Ossanyim, “o dono das folhas” e mais raramente a Iansã, a quem também é associada a ninfomania.

Os males do fígado e vesícula, as úlceras estomacais e as enxaquecas são vistos também como sinais de Oxóssi, algumas vezes percebidas como “marcas de seu filho Logunedé”. A magreza constitui uma das características arquetípicas desses Orixás, sendo o emagrecimento a eles atribuídos. Já a obesidade apresenta-se relacionada tanto às iabás Iemanjá e Oxum, como ao orixá masculino Xangô, todos associados em suas respectivas histórias, ao acúmulo de riqueza material e à gulodice. Os ferimentos e danos produzidos por instrumentos cortantes ou desastres automobilísticos são associados a Ogum (elemento terra), patrono do ferro e do progresso tecnológico. As queimaduras, no entanto, são de responsabilidade de Xangô e Exu, divindades do elemento fogo.

As doenças do sistema circulatório e cardiovasculares estão relacionadas aos Orixás primordiais da criação: Oxalá, Nanã e Iemanjá. A esses deuses estão ainda associadas as inchações, reumatismos e artroses. Os distúrbios e dores renais, assim como o reumatismo, são vistos como “males de velhos”, sendo atribuídos a Oxalá e Nanã, percebendo-se aí uma relação com a senilidade desses Orixás.

Doenças recentemente reconhecidas são também classificadas, a AIDS por exemplo é considerada um flagelo característico do Orixá Ossanyim, provavelmente devido à relação desse Deus com a cura de enfermidades graves, mesmo as mais mórbidas.

Para complementar o entendimento dos procedimentos da chamada Terapêutica Yorubá é preciso entender sem ideia preconcebida os conceitos de doença, saúde e remédio; a importância dos arquétipos relacionados aos deuses do panteão africano para o sistema classificatório de sintomas e doenças; as práticas de saúde (remédios, rituais de limpeza e purificação) e seus respectivos simbolismos. É importante afirmar que o paciente, nessas ações de saúde, é visto como indivíduo, agente de sua própria cura, com identidade própria, figura ímpar de uma história de vida emocional, social e ancestral.

Deve-se considerar que os serviços institucionais de saúde, em geral, para uma faixa ampla da população urbana, é o último elo de uma cadeia em busca do restabelecimento da saúde. As práticas terapêuticas de origem afro-brasileira são opções amplamente utilizadas e divulgadas por veículos de comunicação de massa como programas de rádio, revistas populares, panfletos distribuídos em vias públicas e outros. Na verdade, é uma questão de saúde individual e coletiva para a qual deve-se estar atento.

A herança indígena

Embora nos últimos anos tenham sido realizadas inúmeras pesquisas com plantas úteis, biologicamente ativas, desde 1979, os

pesquisadores Gottlieb e Mors alertam para a crescente necessidade de agir com presteza pois os avanços da sociedade moderna e o consequente desflorestamento, destruíram o habitat de muitas espécies vegetais. A primeira descrição metódica das plantas utilizadas com fins medicinais pela população indígena no Brasil é atribuída a William Pies, médico da expedição dirigida por Maurício de Nassau ao nordeste do Brasil durante a ocupação holandesa (1630-1654). Na época, foram descritas a ipecacuanha, o jaborandi e o tabaco. Alguns anos mais tarde, a missão científica trazida ao Brasil pela princesa Leopoldina seria de grande importância científica para o país. Durante essa missão, o botânico Karl Friedrich Phillip Von Martius, documentou em detalhes a flora brasileira. Em 1847, a convite de Von Martius, chegou ao Brasil o farmacêutico Theodor Peckholt, que acredita-se ter analisado mais de 6000 plantas, tendo publicado os resultados do seu trabalho em mais de 150 artigos científicos. Atribui-se a Peckholt o primeiro isolamento e descrição de uma substância química bioativa, a agoniadina, extraída das cascas de agoniada.

Uma outra importante aquisição para a terapêutica, obtida a partir das pesquisas etnofarmacológicas com grupos indígenas, foram os curares. Os curares são os famosos venenos para flechas, usadas pelos índios da América do Sul. Apesar de serem inócuos por via oral, uma só gota injetada na corrente sanguínea paralisa a vítima sem matá-la. Os curares naturais podem ser divididos em duas classes: os curares de tubo, conservados em canos de bambu e os curares de cabaça, guardados em cabaças ou vasilhames de barro. São encontrados em diferentes zonas geográficas, com origem botânica, composição química e empregos diferentes. Os curares e seus derivados naturais e sintéticos ainda hoje são usados como anestésicos locais ou relaxantes musculares

pré-anestésicos. Durante muitos anos a atenção dos pesquisadores em etnofarmacologia esteve voltada para a Amazônia, em busca de produtos psicoativos de origem vegetal. Nessa busca, tornaram-se conhecidas várias drogas utilizadas pelos indígenas, principalmente nos momentos ritualísticos. Entre as mais estudadas por grupos de psicofarmacologia experimental no Brasil, estão: *Maquira scherophylla* C. C. Berg. (família Moraceae) conhecida como "rapé dos índios". Da família Myristicaceae, várias espécies de Virola, algumas utilizadas na preparação de um potente rapé alucinógeno que é utilizado em cerimônia anual pelos índios Waika na região do rio Totobí, em Roraima. *Justicia pectoralis* Jacq (Acanthaceae), é mais um dos constituintes desse rapé, conhecida no Nordeste do Brasil como chambá, encontra-se em várias receitas de xaropes com atividade broncodilatadora. Uma poção indígena conhecida como Yopo, de uso distribuído por várias tribos da América do Sul e entre essas os nativos da Amazônia brasileira, é preparada a partir da *Piptadenia peregrina L.*, da família Leguminosae, cuja química estudada acusa a presença de bufotenina e outras triptaminas de reconhecida atividade psicoativa. Além dessas, vale citar a *Banisteriopsis caapi Spr*., família Malpighiaceae e *Psychotria viridis* R. et P., da família Rubiaceae, ambas utilizadas na beberagem do Santo Daime, de reconhecida ação narcótica. Os constituintes principais dessa preparação são os alcalóides b-carbolínicos, harmina, harmalina e tetraidrohaluruina e outros princípios tóxicos bem conhecidos, como a triptamina.

Recentemente, os costumes de algumas tribos indígenas como Pataxós, Kaiapós, Tiriyos e Tenharins, foram estudados por pesquisadores em etnofarmacologia. Os resultados revelam ampla experiência em plantas medicinais. O contato com o homem branco resultou num processo de aculturação crescente das tribos indígenas. Apesar da

implantação de postos médicos instalados nestas reservas, instituindo a medicina convencional, ainda é possível resgatar, em algumas tribos, uma ampla experiência com plantas medicinais. Entre essas, estão presentes na terapêutica nacional a Caapeba (*Piper umbellatum*), o Abajerú (*Chrisobalanus sp.*), o Urucum (*Bixa orellana*), o Guaraná (*Paulinia cupana.*), de uso internacional como complemento alimentar, energético; a Copaíba (*Copaifera officinalis*) e a Andiroba (*Carapa guyanensis*), dessas duas últimas, são extraídos óleos de reconhecida atividade nas afecções de pele. Além dessas, destaca-se a Marapuama (*Acanthis virilis*), que adquiriu interesse internacional pela propagada atividade afrodisíaca.

Outras heranças culturais

Outras heranças culturais em medicina popular, tais como, as de origem oriental e europeia, são mais acentuadas, no Sul e Sudeste do Brasil, fato explicável pela forte presença de imigrantes dessas origens em tais regiões. Algumas plantas europeias adaptaram-se e difundiram-se na medicina e culinária regionais. Por exemplo, a erva-cidreira (*Melissa officinallis*), a erva-doce (*Foeniculum vulgare*), o manjericão (*Ocimum sp.*), o alecrim (*Rosmarinus officinalis*), o anis-verde (*Pimpinella anisum*) e o louro (*Laurus nobilis*). Vale lembrar que no Nordeste do Brasil, denomina-se erva-cidreira algumas espécies de Lippia sp. Família Verbenaceae. O mesmo tem ocorrido com espécies de origem asiática como o gengibre (*Zingiber officinallis*), a raiz forte (Wassabia japonica), a canela (*Cinnamomum zeylanicum*) e o popular cravinho da índia (*Eugenia caryophyllata*). Uma outra vertente de introdução de drogas vegetais nos hábitos terapêuticos brasileiros foi aquela oriunda de pesquisa e

experiências bem sucedidas em outros países. Essas, com plantas de fitoquímica estudada e efeitos farmacológicos reconhecidos. Com o crescimento da credibilidade da fitoterapia e do mercado farmacêutico neste setor, no final dos anos 1990, foi popularizado o uso de espécies como o Ginco (*Ginkgo biloba*), o Hipérico (*Hypericum perforatum*), a Equinácea (*Echinacea purpurea*) e a Kava-Kava (*Piper methysticum*).

A importância da quimiossistemática

Embora a triagem etnomédica seja considerada de grande importância para a descodificação científica, ou seja, possa orientar seletivamente os testes farmacológicos pré-clínicos e a busca racional de princípios ativos, Gottlieb (1982), um dos pioneiros nas proposições de teorias quimiossistemáticas, propôs que a evolução micromolecular, a sistemática e a ecologia, fossem os caminhos racionais, com base científica para a descoberta de novas substâncias naturais úteis. Suas afirmativas estão baseadas nas seguintes razões:

> "Na América do Sul, a possibilidade de se obterem novas informações nas populações indígenas sobre plantas úteis para fins medicinais é muito remota e a aculturação de povos primitivos tem sido muito rápida. Apesar de todos os conhecimentos adquiridos com fascinantes aspectos históricos, as populações indígenas forneceram muito pouco, numa pequena proporção em relação ao

grande número de espécies úteis. O número de plantas contendo substâncias com potencial atividade biológica, terapêutica e propriedades farmacológicas não estudadas é enorme."

Fica clara a necessidade urgente de novas possibilidades para respaldar a pesquisa de princípios biologicamente ativos na base do conhecimento quimiossistemático. Faz-se necessário esclarecer as relações entre ciência e empirismo, conhecer as fronteiras entre os conhecimentos acadêmico e o popular etnomédico. Com esse propósito, é de fundamental importância a análise das pesquisas de plantas medicinais nos seus diversos aspectos: químico, farmacológico, botânico e socioantropológico.

As diretrizes da OMS e normatizações para uso e estudo no Brasil

A orientação da Organização Mundial de Saúde (OMS) é fazer a conexão entre a medicina tradicional empírica e a medicina científica. Assegurar que os medicamentos à base de plantas não sejam refutados por puro preconceito mas também que não sejam aceitos como verdade absoluta e sem questionamentos. Recomenda-se uma atitude racional crítica. A tendência nas últimas décadas é adotar o estudo científico das plantas já conhecidas pelas sociedades primitivas. Dessa forma, o

estudo acadêmico da chamada medicina popular vem desmistificando a questão do uso de plantas medicinais, retomando o inventário de recursos terapêuticos naturais entre os quais as plantas curativas ocupam lugar de destaque. A terapêutica moderna emprega grande número de substâncias que embora sejam obtidas na sua maioria por intermédio de síntese, muitas foram originalmente isoladas de espécies vegetais.

O estudo científico de plantas medicinais constitui um dos programas prioritários da OMS, desde seu programa *Saúde para Todos no Ano 2000*. Segundo estimativa da OMS, 80% da população mundial usa principalmente plantas medicinais tradicionais (populares) para suprir suas necessidades de assistência médica primária (OMS, 1978). Nos países desenvolvidos, as drogas de origem vegetal também desempenham importante papel. Nos Estados Unidos, por exemplo, 25 % de todas as receitas médicas prescritas entre 1959 e 1980 continham extratos vegetais ou princípios ativos obtidos de plantas superiores (Divisão *Angiospermae*).

O Brasil possui competência em todas as áreas da ciência relacionadas com o estudo de plantas medicinais. As bases legais para a regulamentação da fitoterapia têm sido objeto de diversas resoluções e portarias.

A Resolução n. 30.43, de 1987, da World Health Assembly (WHA) recomenda, com insistência aos países em desenvolvimento, a usarem os seus sistemas tradicionais de medicina. Já a Resoluçã n. 3133, de 1978, da instituição acima referida, faz um apelo para a abordagem ampla do tema plantas medicinais. No Brasil, a Portaria n. 212, de 1989, do Ministério da Saúde, no item 2.4.2 define o estudo das plantas como uma prioridade da investigação em saúde. A Resolução CIPLAN

n. 08/88, normatiza a implantação da Fitoterapia nos serviços de Saúde nas Unidades Federais bem como a disciplina Fitoterapia nos currículos de cursos da área de saúde.

A Portaria n. 212, de 2 de setembro de 1991, já referida, define como áreas prioritárias em plantas medicinais:

a) Estudos de identificação, avaliação e controle de preparações fitoterápicas oficiais e de uso popular generalizado.

b) Estudos botânicos, farmacotécnicos e químicos de preparação fitoterápica, com vistas a definições de métodos de preparo, doseamento de princípios ativos e controle da qualidade.

c) Desenvolvimento de ensaios farmacotécnicos para avaliação das propriedades terapêuticas das preparações farmacêuticas de uso popular obtidas de plantas medicinais.

d) Esquadrinhamento farmacológico e fitoquímico de espécies selecionadas da flora brasileira e outros produtos.

O projeto CEME, surgido em 1982, propunha-se a estudar farmacologicamente as plantas indicadas para fins medicinais no Brasil. Foi iniciado com 21 espécies, que foram selecionadas a partir das indicações populares, da ampla distribuição geográfica e da importância social de ação terapêutica indicada. A divulgação dos resultados obtidos desses estudos foi precária, embora os comitês tivessem recomendado a devolução dos conhecimentos à população. Havia, na época, a proposta de inclusão das espécies medicinais estudadas na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME), o que não ocorreu.

O país demorou a adotar política para os medicamentos fitoterápicos e plantas *in natura*, bem como uma legislação específica para o comércio e registro de drogas vegetais e fitoterápicos.

Nos últimos anos vários marcos regulatórios têm apoiado e fomentado o uso seguro e racional de plantas medicinais e fitoterápicos: a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), o Decreto n. 5.813, de 22 de junho de 2006, o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, a Portaria Interministerial n. 2.960, de 09 de dezembro de 2008, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS, e o Decreto n. 971, de 03 de maio de 2006. Em 2008 a ANVISA publicou a Resolução que aborda orientações para o registro simplicado de Drogas Vegetais, a Instrução Normativa IN-05, com 36 plantas consideradas terapêuticas para uso humano. Ainda em 2008 tivemos a publicação da RDC para Boas Práticas de Manipulação, que em seu anexo VI, tem as Boas Práticas para Manipulação de Fitoterápicos. Em 2010 a ANVISA, lançou as Resoluções RDC 10 de 10 de março de 2010 sobre as drogas vegetais , com alegação de uso e restrições e a RDC 14 de 05 abril de 2010 com as normas para registro de fitoterápicos. A quinta edição da Farmacopeia Brasileira, foi publicada no Diário Oficial da União em 24 de novembro de 2010 com o Controle de Qualidade para 54 drogas vegetais. Outro grande avanço foi a elaboração do Formulário Terapêutico Nacional Fitoterápico colocado para consulta pública pela CP 73, em julho de 2010, com as formulações padronizadas. O Ministério da Saúde publicou a Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS (RENISUS), em 2009, com 71 espécies vegetais que apresentam estudos na literatura especializada. Foram oficializadas também as Farmácias Vivas, pelo Decreto n. 5.813 de 22 de junho de 2010, com normas para o cultivo e as oficinas farmacêuticas. Muitos

desses marcos legais contemplam diretrizes que destacam a importância da valorização do conhecimento tradicional e o respeito às práticas culturais de cura e manutenção da saúde.

No estado da Bahia, como parte da Política de Medicamentos, estamos iniciando a implantação da Fitoterapia no SUS pelo FITOBAHIA da Secretaria Estadual de Saúde com consultoria do Farmácia da Terra UFBA.

Apesar de todas essas normatizações, a realidade atual é caótica, pode-se encontrar com facilidade em farmácias, supermercados, lojas de produtos naturais, barracas de mercados populares, erveiros de rua e outros locais inusitados, todos os tipos de ítens vegetais sem qualquer padronização legal ou científica. O mercado de produtos naturais está em franca expansão no Brasil e no exterior. As farmácias e lojinhas que vendem produtos naturais, exibem propagandas caras e bem elaboradas de "panaceias milagrosas", que não atendem às especificações legais.

As Resoluções RDC 14 de 05/04/2010 e RDC, 10 de 10/03/2010, ANVISA, embora venham preencher uma lacuna nos critérios científicos de controle de qualidade, eficácia e toxidez das drogas vegetais, trazem no seu bojo a grande dificuldade de serem executados em tempo viável todos os procedimentos técnicos exigidos. Durante muitos anos, várias pesquisas foram realizadas nas áreas de química, farmacologia, botânica e toxicologia de plantas usadas para fins medicinais no Brasil. Entretanto, essas informações encontram-se dispersas em periódicos, revistas científicas e anais de simpósios.

Alguns autores têm abordado a questão das plantas medicinais sob os aspectos político, filosófico e metodológico. Acredita-se que a pesquisa em plantas medicinais tem recebido cada vez ais suporte

financeiro dos governos, de acordo com as diretrizes da OMS. Uma das principais razões, certamente, é o fato das pesquisas até então financiadas, apresentaram poucos resultados práticos, isto é, não chegaram a novas drogas, não foram desenvolvidos novos medicamentos. Uma nova droga vegetal até transformar-se em medicamento demora de 5 a 10 anos e custa muitos milhões de dólares.

Seguindo as diretrizes da OMS para a metodologia do estudo de plantas medicinais, os pontos essenciais são: pureza e identificação botânica da espécie vegetal; provas de sua eficácia e segurança; identificação de seus princípios ativos, análise e padronização das partes da planta considerando os fatores contaminantes que devem ser evitados durante o período de estabilização, secagem e armazenamento.

A RDC n.14/2010 da ANVISA, segue orientações técnico-científicas para garantir a eficácia e a reprodutibilidade da atividade de um fitoterápico. Esta, objetiva estabelecer a padronização de estudos sob os aspectos antropológico, botânico, químico e farmacológico pré-clínico e clínico.

A pesquisa etnofarmacológica, reconhecida como um dos caminhos para a descoberta de novas drogas, precisa ser considerada nos seus diversos aspectos, como citado anteriormente. É necessário levar em consideração as características inerentes aos grupos étnicos pesquisados, bem como seus conceitos de doenças e remédios, além da observação de formas farmacêuticas indicadas, principalmente as misturas em preparações como xaropes, garrafadas e chás. Dependendo dos interesses dos pesquisadores, os testes de laboratório são direcionados para a pesquisa de substâncias isoladas e purificadas; para a avaliação farmacológica dos extratos e suas frações; para testes pré-clínicos e

clínicos nas preparações galênicas manipuladas a partir de tinturas e para os testes farmacológicos com os chamados remédios de folha, os chás e outros remédios caseiros de amplo uso popular.

Para a pesquisa de princípios bioativos foram usados durante muitas décadas a escolha das plantas medicinais ao acaso como também através de métodos de laboratório seguindo abordagem fitoquímica e fitoquímica tradicional, ambos proporcionando resultados demorados. Algumas tentativas foram complementadas com ensaios farmacológicos.

Uma outra opção para critério de escolha das espécies é o método quimiossistemático, em que as espécies vegetais são selecionadas de acordo com as categorias químicas das substâncias no taxon. Dessa forma, utilizando alguns princípios de evolução micromolecular, torna-se possível propôr os perfis químicos das famílias botânicas, proporcionando ao pesquisador uma seleção racional na busca de princípios bioativos. Sendo assim, acredita-se que a união da etnofarmacologia e da quimiotaxonomia deva ser considerada como uma nova visão para a busca racional de novos fármacos. Uma ciência em complementação à outra, como práticas propedêuticas levarão num futuro próximo à agilização do processo de conhecimento e uso terapêutico-científico de drogas de origem vegetal.

Referências

AKERELE, O. Medicinal plants an primary health care: an agenda for action. **Fitoterapia**, v. 5, n. 1, p. 355-363, 1980.

________. Who guidelines for the assessment of herbal medicines. **Fitoterapia,** v. 63, n. 2, p. 99-109, 1992.

ALMEIDA, M. Z. Levantamento das plantas medicinais usadas pelos índios Patachós - Aldeia da Mata Medonha (Bahia). SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL,12., Curitiba. **Resumos.** Curitiba : [s.n.], 1992.

ALMEIDA, M. Z. **Levantamento etnofarmacológico em comunidades urbanas na cidade de Salvador, BA.** Florianópolis, [s.n.], 1996. Trabalho apresentado no XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil.

ALMEIDA, M. Z. PRATA, E. M. R.; CERQUEIRA, R. S. C. Levantamento da flora medicinal comercializada em Salvador – BA. In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 11., João Pessoa, 1990. **Anais...** João Pessoa: [s.n.], 1990. Comunicação 4.60

ALMEIDA, M. Z. SERRA, O.; BANDEIRA, F. **Estudo taxonômico jeje-nagô da flora medicinal comercializada na cidade de Salvador - Bahia**. Rio Janeiro: FIOCRUZ, 1992 e 1988. Trabalho apresentado na XIV Reunião Anual sobre Evolução, Sistemática e Ecologia Micromolecular e na I Jornada de Iniciação Científica em Biodiversidade.

BARROS, J. F. P. **O segredo das folhas.** Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

________; TEIXEIRA, M. L. L. **Meu sinal está no seu corpo.** São Paulo: EDICON/EDUSP, 1989.

BASTIDE, R. O. **Candomblé da Bahia**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

BRAGA, R. **Plantas do nordeste especialmente do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1960. v. 15

INGRID, M. G. et al. **Plantas Medicinais no Semiárido: conhecimentos populares e acadêmicos.** Salvador: EDUFBA, 2010.BRASÍLIA. Fundação

BRASILIA, Fundação. Hospitalar do Distrito Federal. Grupo de Estudos em Fitoterapia. **Programa de Desenvolvimento de Terapias não Convecionais no Sistema de Saúde do Distrito Federal (PDTNC)**. Brasília, 1992.

BRITO, R. M. A.S. Forty years of brazilian medicinal plant research. **J. Ethnopharm**., v. 39, p. 53-67, 1993.

BRUHN, J. G.; HOLMSTEDT, B. Ethnopharmacology: objectives, principles and perspectives. In: BEALE , J. L.; REINHARD, E. (Ed). **Natural products as medicinal agents**. Stuttgart: Hippokrates, 1981. p.405-430

BRUMMIT, R. K. **Vascular plants families and genera.** London: Royal Botanic Garden, 1992.

CARLINI, E. A. Pesquisas com plantas brasileiras usadas em medicina popular. **Rev. Ass. Med. Brasil**, v. 23, n. 5-6, p. 109-110, 1983.

CAVALCANTE, P. B.; FRIECKEL, P. A. Farmacopéia Tiriyó: estudo etnobotânico. **PUBLICAÇÕES AVULSAS / MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**, Belém, n. 24, p. 5-8, 1973.

CORRÊA , M. P. **Dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. 2. ed. Brasília: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1984. 6v.

CRUZ, G. L. **Dicionário de plantas úteis do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1995.

DI STASI, L. C.; SANTOS, E. M. G.; SANTOS, C. M.; HIRUMA, C. A. **Plantas medicinais na Amazônia.** São Paulo: Ed. da UNESP, 1989.

DURANA, I. **Estrategias de ensenãnza aprendizaje en la atencion primaria de salud**. Washington, D.C.: Organizacion Panamerican de la Salud, 1992. (Publicación Científica n. 433).

ELISABETSKY, E. New directions in ethnopharmacology. **J. Ethnopharm**., v. 6, p. 121-128, 1986.

_________. Pesquisa em plantas medicinais. **Ciênc. Cult.**, v. 39, n. 8, p.637-702, 1987.

_________; POSEY, D. A. **Pesquisa etnofarmacológica e recursos naturais ao trópico úmido: o caso dos índios Kayapós e suas implicações para a**

ciência médica. Brasília: Embrapa, 1986. p. 85-93. (Publicação da EMBRAPA, v.3). Trabalho apresentado no I Simpósio Internacional do Trópico Úmido.

FARMACOPÉIA dos Estados Unidos do Brasil. 2. ed. São Paulo: Siqueira, 1959.

FARNSWORTH, N. et. al. Medicinal plants in therapy. **Bull WHO**, v. 63, n.6, p. 965-981, 1985.

FONSECA, C. A. **Inventário de plantas medicinais da Bahia.** Salvador: Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1979.

GOTTLIEB, O. R. Ethnopharmacology versus chemosystematics in the search for biologically active principles in plants. **J. Ethnopharm.,** v. 6, p. 227-238, 1982.

_________; MORS, W. B. A. Floresta brasileira fabulosa reserva fitoquímica. **Corr. Unesco,** v.7,n. 9, p. 35-38, 1979.

_________; STEFANELLO, M. E. Comparative Ethnopharmacology: a rational method for the search of bioactive compounds in plants. **Anais Acad. bras. Ci.,** v. 63, n. 1, p. 23-31, 1991.

LE COINTE, P. **Árvores e plantas úteis (indígenas e aclimatadas**). 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. v. 251

LIMA, T. C. M.; MORATO, G. S.; TAKAHASHI, R. N. Determinação da eficácia pré-clínica da *Petiveria alliaceae* L. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 1988. **Anais...** [S.1. : s.n], 1988. p.124-25

MARINI-BETTOLO, G. B. Present aspects of the use of plants in traditional medicine. **J. Ethnopharm.**, v. 2, p. 5-7, 1980.

MATOS, F. J. A. **Formulário fitoterápico professor Dias da Rocha**. 2.ed. Fortaleza: EUFC, 1997.

_________. **Introdução à fitoquímica experimental.** Fortaleza : Imprensa Universitária da UFCE, 1988.

MAXIN, S. **As plantas mágicas de Paracelso**. São Paulo: Hemus , 1976.

MOREIRA FILHO, H. **Plantas medicinais I.** Curitiba: Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná, 1972.

MORGAN, R. **Enciclopédia das ervas e plantas medicinais.** São Paulo: Hemus, 1997.

MORS, W. B. Plantas Medicinais: visão de um químico. **Oreades**, v. 8, p. 14 -15, 1982.

________; RIZZINI, C. T. **Useful plants of Brazil.** San Francisco: Holden-Day, 1966.

NEUBERGER, M. **History of medicine.** London: Oxford University Press, 1970. v. 1

PACIORNICK, E. F. **Plantas medicinais.** Curitiba: Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal , 1990.

PASQUALE, A. Pharmacognosy: the oldest modern science, local, **J. Ethnopharm**, v. 11, p. 1-16, 1984.

PECKOLT, T.; PECKOLT, G.C. **História das plantas medicinais e uteis do Brasil.** Rio de Janeiro: Typ. Laemmert, 1888-1914. v. 6

PEET, J. N. A revolução verde da medicina. **Corr. Unesco**, v. 7, n. 9, p. 8-13, 1979.

PETER, A. G. M.; RIVIER, L. A general outlook on ethnopharmacology**. J. Ethnopharm.**, v. 25, p. 127-138, 1989.

PIERSON, D. **Brancos e pretos na Bahia**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

PIRASSINUNGA, C. R. **Programa de Fitoterapia da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1995.

RÊGO, S. A. J. T. **Chás medicinais da flora do Maranhão.** São Luís: Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal, 1988.

RICCIERI, T. M. N. **Bibliografia de plantas medicinais.** Rio de Janeiro: Jardim Botânico, 1989.

A Cura do
corpo e
da alma

Pouco se conhece sobre o aspecto medicinal que as plantas assumem nos rituais afro-baianos, bem como a forma de prepará-las e usá-las. Alguns livros abordam a importância das ervas para os rituais de origem africana. Outras publicações científicas em etnobotânica e etnofarmacologia apresentam inúmeros levantamentos de espécies vegetais de uso em medicina popular (estudos apoiados inclusive nas orientações do Comitê de Medicinas Tradicionais da OMS). Entretanto, falta a união dessas duas temáticas tão complexas. Sugere-se que a dificuldade está centrada no caráter multidisciplinar do assunto e no aspecto confidencial, "proibido" que esta questão assume dentro das "comunidades-terreiros". É considerada dessa forma, por representar um "ÉWÓ" (mistério). O conhecimento dos poderes das plantas é retido pelos Baba Orixá (pai de santo), Yá Orixá (mãe de santo) ou pelos Baba Ossaniim que seria o "pai das folhas". Esses ocupam os mais altos cargos na hierarquia das chamadas "casas de santo". A transmissão do conhecimento para os iniciados é parcial, gradual, lenta e sempre oral.

A proposta de documentar a cura do corpo e da alma, originou-se de nossas experiências em trabalho de campo, em comunidades civis, religiosas e comércio de plantas medicinais em áreas rurais e urbanas. Ficou clara a relação do homem com a busca de caminhos místicos para a sua própria cura, evidenciando que o uso de plantas nas portas, como guardiãs, na fabricação de pequenos amuletos, no preparo de banhos, incensos e chás, revela a mais transparente das formas que a comunidade utiliza para curar o corpo e a alma de forma quase sempre instintiva, unindo o mágico com as propriedades medicinais efetivas.

As 16 plantas, a seguir descritas, foram escolhidas por serem utilizadas em rituais afro-brasileiros e também por estarem descritas na literatura científica. Os resultados que validam o uso terapêutico das mesmas em muitas situações respaldam a indicação em medicina popular.

Dentro da ótica ritualística, as plantas selecionadas foram organizadas de acordo com os elementos Água, Fogo, Terra e Ar e os respectivos orixás correspondentes a esses elementos. Associaram-se as ervas e suas funções mágicas nos momentos de rituais, aos orixás aos quais as plantas são destinadas. Em muitas ocasiões, as plantas descritas têm relação com os arquétipos dos deuses e a cura de doenças a estes miticamente relacionadas.

Sendo assim, optou-se pelos quatro elementos e quatro plantas que fossem representativas dos mesmos resultando em 16 monografias em consonância com os 16 Orixás que respondem aos jogos de búzios (Oxalá, Yemanjá, Logum, Obá, Oxum, Iansã, Xangô, Oxóssi, Ogum, Exú, Nanã, Ibêji, Obaluaê, Ossâim, Oxumaré e Ewe). Muitas explicações lógicas foram procuradas para esta escolha, porém, acreditou-se que muito além dos conhecimentos científicos estão os deuses. Dentre eles, Iansã, relacionada com o número quatro, com o movimento, com os quatro cantos do mundo, as quatro estações do ano. Por fim, ainda reafirmando as simbologias do número quatro, cita-se a Aláfia, nome dado quando os quatro búzios caem abertos no jogo de Exú, significando "tudo positivo", "sem possibilidade de acontecer algo contrário". Dessa forma, poderia-se tentar um "sem número" de explicações para satisfazer o raciocínio cartesiano. Objetivamente, essas são simplesmente as 16 primeiras monografias de uma lista que continua em elaboração, com embasamento científico, e com o propósito de posterior publicação.

Referências

ALARCÓN DE LA LASTRA, C. Antiulcerogenicity of the flavonoid fraction from *Bidens aurea*: Comparison with ranitidine and omeprazole. **J. Ethnopharm,** v. 3, p. 16-18, 1994.

ALMEIDA, M. Z. et al. **Projeto raízes da terra:** relatório geral. Salvador : Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, 2000. Programa Farmácia da Terra da UFBA em Campo II.

ALMEIDA, M. Z.; BATTHACHARYA, J. Isolation of the constituents of the root-barks of ***Guettarda platypoda***. **J. Nat. Prod**., v. 48, n.1, p. 43-44, 1982.

ALMEIDA, M. Z.; BRITO, A. R. M. S.; PRATA, E. M. R. Ação antiespasmódica de *amburana cearensis*, A.C. Smith. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PLANTAS MEDICINAIS, 13., 1992, Curitiba. **Anais...** Curitiba: [s.n.], 1992.

ALMEIDA, M. Z.; KAPLAN, M. A. C. Inventário etnomédico: plantas indicadas para o sistema respiratório. In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 13., 1994. **Anais...** Fortaleza, 1994.

ALMEIDA, M. Z.; NAIKE, S.; BATTHACHARYA, J. Atividade antiinflamatória da ***Guettarda platypod.*** In: REUNIÃO DA SBPC, 34., [S.1.], 1982. **Anais...** [S.1.: s.n.], 1982. Seção 26.G.1.7.

ALMEIDA, R. N.; AGRA, M. F. Levantamento da flora medicinal de uso no tratamento de diabetes e alguns resultados experimentais. **Rev. Bras. Farm**., v. 67, n. 4, p. 105-110, 1986.

ALMEIDA, R. N. Avaliação pré-clinica e antimicrobiana dos extratos e constituintes químicos isolados de amburana cearensis (Fr.All.), A. C. Smith. In: REUNIÃO ANUAL SOBRE EVOLUÇÃO SISTEMÁTICA E ECOLOGIA MICROMOLECULAR, 11., 1989, Manaus. **Anais...** Manaus: [s.n.], 1989.

_________. Inventário etnomédico: plantas indicadas para o sistema genito-urinário. In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 14., 1996. **Anais...** Florianópolis, 1996.

AL-SALEH, F. S.; ALI, H. H.; MIRZA, M. Chemical constituents of some medicinal plants growing in Bahrain. **Fitoterapia,** v. 64, n. 3, p. 251-253, 1993.

ALVAREZ, L. Bioactive polyacetylenes from *Bidens pilosa*. **Planta Medica**, v. 62, n. 4, p. 355-357, 1996.

BARROSO, G. M. **Sistemática de angiospermas do Brasil.** São Paulo: Livros Técnicos e Científicos; Editora da EDUSP, 1978. v. 1

BARROSO, G. M. **Sistemática de angiospermas do Brasil**. Viçosa: Universidade de Viçosa, 1984.

________. ________. Viçosa : Universidade de Viçosa, 1986.

BRASIL EM NÚMEROS, Rio de Janeiro, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, v. 4, 1995/ 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Central de Medicamentos. **Primeiros resultados**. Brasília, 1989.

BRUNETON, J. **Elementos de fitoquimica y de farmacognosia.** Zaragoza: Acribia, 1991.

CACERES, A. et. al. Plants used in Guatemala for the treatment of gastrointestinal disorders. 1 Screening of 84 plants against *Enterobacteria*. **J. Ethnopharm**., v. 30, p. 55-73, 1990.

CARVALHO, J. C. T., TEIXEIRA, J. R. M., SARTI, S. J. Preliminary studies of analgesic and anti-inflammatory properties of *Caesalpinia ferrea* crude extract. **J. Ethnopharm.**, v. 53, p. 175-178, 1996.

COSTA, J. R. **Candomblé de Angola**: nação Kassanje. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1991.

DAHLGREN, R. M. T. A. Revised system of classification of the angiosperms**. Bot. J. Linn. Soc.**, v. 80, n. 4, p. 91-124, 1980.

EKUNDAYO, O. Composition of the leaf volatile oil of ***Cymbopogon citratus.*** **Fitoterapia**, v. 56, n. 6, p. 339-341, 1985.

EMERENCIANO, V. P.; KAPLAN, M. A. C.; GOTTLIEB, O. R; BONFANTI, M. R. D. M.; FERREIRA, Z.S. ; COMEGNO, M. A. Evolution of sesquiterpene lactones in Asteraceae. **Biochem. Syst. Ecol**., v. 14, n. 6, p. 585-589, 1986.

FIGUEIREDO, M. R.; KAPLAN, M. A. C. Pyrrolizidine alkaloids: a word of caution,. **Ciênc. Cult.**, v. 49, p. 54-58, 1997.

HASLAM, E.; LILLEY, T.H. ; CAI, Y. ; MARTIN, R. ; MAGNOLATO, D. Traditional herbal medicines: the role of polyphenols. **Planta Medica**, v.55, p. 8-12, 1989.

JIE, L. Pharmacology of oleanolic acid and ursolic acid. **J. Ethnopharm.**, v. 49, p. 57-68, 1995.

LEMOS, T.L.G.; MATOS, F.J.A.; ALENCAR, J.W.; CRAVEIRO, A.A.; CLARK, A. M. ; Mcchesney, J.D. Antimicrobial activity of essential oils of Brazilian plants. **Phytotherapy Research**, v. 4, n. 2, p. 82-84, 1990.

LUTTERODT, G.D**.** Inhibition of gastrointestinal release of acetycholine by quercetin as a possible mode of action of *Psidium guajava* leaf extracts in the treatment of acute diarrhoeal disease**. J. Ethnopharm.,** v. 25, p. 235-247, 1989.

MARTINS, D.T.O.; RAO, V.S.N. ; FONTELES, M.C. Alguns efeitos farmacológicos e antiinflamatórios promovidos pelo extrato hidroalcoólico de *Kalanchoe brasiliensis* Kamb. **Oreades**, v. 8, n 6, p.412-419, 1982. Trabalho apresentado no VII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil

________. Inibição de colinesterase pelo extrato hidroalcoólico de *Kalanchoe brasiliensis* Kamb. **Oreades***,* v. 8, n 6, p. 420-426, 1982. Trabalho apresentado no VII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil

MENEZES, M.M. **Contribuição a farmacologia de *Fagara* base alcalóide aporfínico quaternário de tinguaciba, *Fagara tingoassuiba* (St.Hill.) Hoehne.** 1985. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Farmacologia e Terapêutica, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NOORMAN, N.H.; DAVID, M.M.; JEFFREY, B.H. Distribution and taxonomic significance of flavonoids in the genus *Eugenia* (Myrtaceae). **Biochem. System. Ecol**., v. 20, n. 3, p.266-268, 1992.

OLIVEIRA, F. Pharmacognostic characterization of crude and fluid extract of guaco, sete sangrias: ***Mikania smilacina*** D.C. **Rev. Farm. Bioq. Univ. São Paulo***,* v. 21, n. 1, p. 1-13, 1985.

OLIVEIRA SIMÕES, C. M. et. al. Farmacognosia da Planta ao Medicamento. 2ª ed. Editora da Universidade UFSC, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Manual of the international statistical Classification of diseases injuries and causes of death.** Génève : World

Health Organization ; [Albany, N.Y.: obtainable from WHO Publications Centre], 1977-1978.

PANIZZA, S. Emprego medicinal de plantas importadas e sucedâneas que ocorrem no Brasil. **Rev. Cienc. Farm. São Paulo**, v. 4, p. 27-38, 1982.

PEREIRA, N.A.; JACCOUD, R.J.S.; MORS, B.W. Triaga Brasilica: renewed interest in a seventeenth-century panacea. **Toxicon**, v. 34, n. 5, p. 511-516, 1996.

PORTUGAl, F. **Yorubá a língua dos orixás.** 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

REHAH, H.M.S.; MAJUMDAR, D.K.; SINGH, S. Evaluation of antiinflammatory potential of fixed oil of *Ocimum sanctum* (Holybasil) and its possible mechanism of action. **J. Ethnopharm.**, v. 54, p. 19-26, 1996.

SOUZA, M.L.M**. Resposta imune e antiinflamatória de *Kalanchoe brasiliensis* Kamb**. 1995. Dissertação (Mestrado) - Núcleo de Pesquisas de Produtos Naturais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SULTANA, S.; PERUAIZ, S.; IQVAL, M.; ATHAR, M. Crude extracts of hepatoprotective plants*, Solanum nigrum e Chicorium intybus,* inhibit free radical-mediate*d* DNA damage. **J. Ethnopharm**., v. 45, n. 3, p. 189-192, 1995.

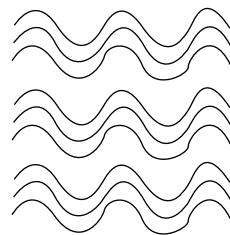
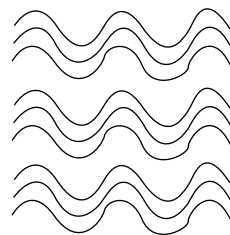
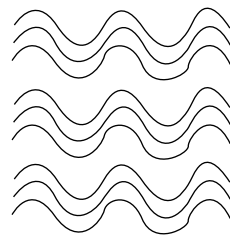
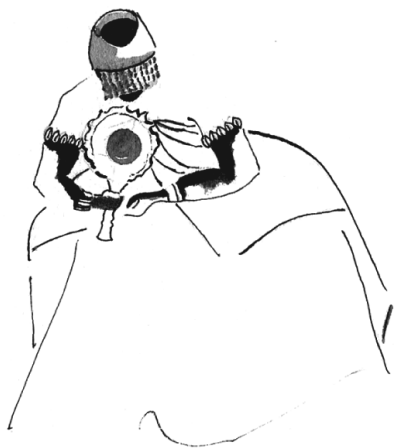
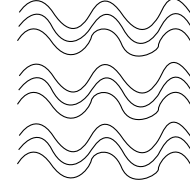
TREASE, G.E.; EVANS, W.C. **Farmacognosia.** 13. ed. México: Interamericana, 1991.

TYLER, V.E. Medicinal plant research: 1953-1987. **Planta Medica**, v. 54, n. 2, p. 95-100, 1988.

TYLER, W. et. al. Farmacognosia e Biotecnologia. 1ª ed. Baltimore: Ed. Premier, 1997

VILLAR, A.; PAYA, M.; TERENCIO, M.C. Plants with anti-hipertensive action. **Fitoterapia**, v. 57, n. 3, p. 131-145, 1986.

WAGNER, H.; NÖRR, H.; WINTERHOFF, H. Plant Adaptogens. **Phytomedicine**, v. p. 63-76, 1994.

Água

USO RITUAL

Orixá - Oxum / Yemanjá.
Elemento - Água.
Nome Yorubá - Rínrín.

Alfavaquinha-de-cobra

Nome Vulgar:	Oriri, Folha-de-oxum, Folha-de-vidro
Nome Botânico:	*Peperomia pellucida* H.B.K.
Família Botânica:	Piperaceae
Origem:	América do Sul. Herbário ALC/UFBA N.R. 029152
Parte Usada:	toda a planta
Indicação Terapêutica:	usada contra males gastro-intestinais e hipertensão, atua como diurético suave. O sumo da planta é indicado para as afecções oculares em geral.

Na família Piperaceae vários gêneros são indicados para fins medicinais, como o *Potomorphe peltata* L., *Piper macrophyllum* Loud. e *Piper umbellatum* L., conhecidas como Caapeba e Pariparoba, características por suas enormes folhas largas. Conhece-se ainda a Caapeba-cheirosa, a *Piper catalpaefolia* H. B. K. e Caapeba-do-norte, Caapeúva, a *Piper peltatum* L. No Nordeste e Sudeste do Brasil, suas folhas são muito indicadas para regularizar as funções hepáticas e digestivas; no alívio dos incômodos dos gases intestinais e nas afecções das vias urinárias. A planta fez parte do Projeto CEME, de estudos de plantas medicinais; foram validadas suas ações colerética e colagoga, o que justifica seu uso popular nas afecções hepáticas.

Essas plantas da família Piperaceae têm uma fitoquímica semelhante, produzem flavonóides e alcalóides.

A Kava está entre as drogas vegetais consideradas de registro simplificado pelo Ministério da Saúde ANVISA através da IN 5, de 11 de dezembro de 2008. Nesse marco regulatório orienta-se que a parte usada como medicinal de Piper methysticum sejam os rizomas. As kavapironas são as substâncias consideradas responsáveis pelos efeitos contra ansiedade e insônia.

O gênero Piper está presente na medicina popular de outros países como o *Piper nigrum* L. usada no Marrocos nos tratamentos para perda de peso e leucemia. *Piper aduncum* L, conhecida no Brasil como Erva-de-jaboti, é usada na Guatemala em tratamentos para vaginites. No Perú e no México tem indicação popular a *Piper unguiculatum* Ruiz et Pav. Essa planta, no Brasil, é denominada popularmente Aperta-ruão e Tapa-Buraco, uma referência à ação adstringente da planta. É indicada para uso externo em banhos de assento nos casos de vaginite e outras afecções dos orgãos genitais femininos. No México, usa-se *Piper tuberculatum* contra dores de estômago e, na Indonésia, *Piper methysticum*, popular Kava-kava, é indicada contra veneno de cobra e outros animais peçonhentos. Foi recentemente introduzida na fitoterapia ocidental por possuir também reconhecida atividade ansiolítica, controlando a ansiedade e melhorando a qualidade do sono.

Pelo nome popular Alfavaquinha-de-cobra, em algumas regiões do Brasil, foi identificada a espécie *Monnieria trifolia* da família Rutaceae, da qual foram isolados vários alcalóides. Nas regiões rurais do Nordeste do Brasil, a *Monnieria* é indicada nos casos de mordedura de cobra; deve-se mastigar a parte aérea da planta logo após a investida do ofídio e, em

OBSERVAÇÕES

É uma das plantas principais dos Amacis de feitura e banhos para os filhos de Oxum. Usado também para a lavagem de "contas" (guias) do mesmo orixá. Essa erva é utilizada em algumas cerimônias de Obori para os filhos de Yemanjá.
É planta de água, característica das Yabás, nasce espontaneamente em lugares úmidos.
Tem efeito ornamental, sendo bom cultivá-la com objetivo de trazer paz e proteção aos ambientes em que moram crianças devido a sua relação com Oxum, orixá relacionado com os arquétipos de proteção materna.

GLOSSÁRIO

Afecções - Situações patológicas indefinidas ou generalizadas, doenças.
Alcalóides e Flavonóides- Classes de substâncias químicas oriundas de biossíntese vegetal.

Amacis de feitura - Os amacis são uma espécie de suco de ervas, obtidos manualmente. Os de feitura são aqueles utilizados durante os rituais de iniciação do "filho de santo".
Lavagem de "contas" (guias) - Ato de imergir os colares rituais nos sumos das ervas, tornando-os elementos rituais.
Orixá - Divindade.
Obori - ritual com oferendas para o "dono-da-cabeça" do iniciado.
N.R. - número de registro recebido pela exsicata ao ser incluída no herbário.
Exsicata - são exemplares de vegetais desidratados e identificados por um botânico, no qual são registrados características morfológicas e local de coleta do mesmo.
Herbário - local onde são colecionadas as exsicatas.
Herbário A. L. C.\ UFBA - Herbário Alexandre Leal Costa, do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia.

seguida, colocar este "mastigado" da planta no local atingido. Acredita-se que a erva mantida no local da mordedura "puxa o veneno".

Estudos recentes comprovam uma significativa atividade analgésica do extrato das partes aéreas da planta, em experimentos realizados com camundongos. (KHAN, 2002; ARRIGONI–BLANK, 2004)

O sumo da Peperomia pellucida é indicado para tratamento de sarampo em levantamentos etnobotânicos realizados em Ijebu, estado de Ogun, no sudoeste da Nigéria. O uso em preparações caseiras faz--se junto com Melão de São Caetano " *Momordica charantia* e *Ocimum gratissimo*, que na Bahia é denominado pelo nome Yoruba, Kiôiô e no elenco das Farmácias Vivas, é chamado Alfavaca Cravo. O óleo essencial é rico em Eugenol e confere à planta aroma característico de cravo de doce (*Eugenia* spp.). Tem ação antisséptica local contra alguns fungos e bactérias, o que justifica seu uso em bochechos e gargarejos. (SONIBARE, 2009)

Alevante-miúda

USO RITUAL

Orixá - Xangô (Umbanda)
Yemanjá (Yorubá).
Elemento - Água.
Nome Yorubá - Olátoríje.

Nome Vulgar: Alevante, Água-de-alevante, Alevante-miúda

Nome Botânico: *Mentha gentilis* L.

Família Botânica: Lamiaceae

Origem: Europa/Herbário ALC/UFBA N. R. 024357

Parte Usada: toda a planta

Indicação Terapêutica: chá usado para aliviar a tosse. Está em algumas receitas populares de xaropes expectorantes. É considerado tônico, estomáquico e digestivo. A *Mentha gentilis* L., denominada na Bahia Alevante Miúda é Planta aromática para banhos de "AXÉ" com a intenção de trazer boa sorte e prosperidade. Com outras ervas cheirosas, seu banho é indicado como atrativo de amor. É usada também nos amacis e "firmeza-de-cabeça" para os filhos de Yemanjá e Xangô.

As mentas são citadas desde as civilizações greco-romanas. Conta-se que os romanos colocavam tigelas de folhas de Hortelã-pimenta, nas mesas de banquete, para aliviar os excessos alimentares. Seu nome está relacionado com a deusa Mintha. Essa jovem deusa ao apaixonar-se por Platão, despertou a ira de Perséfone, sua esposa,

GLOSSÁRIO

Tônico - que tonifica, que fortifica.
Estomáquico - atua beneficiando as funções do estômago.
Banhos de Axé - banhos feitos com ervas cheirosas que trazem boa sorte em todos os sentidos.
Firmeza-de-cabeça - acentuar a espiritualidade e a saúde mental.
Terpenóides - classe de substância química biossintetizada em alguns vegetais.
Limoneno, Mentol, Menteno - substâncias encontradas nos óleos essenciais produzidos por alguns vegetais.
Fluidificar - tornar mais fluido, mais líquido.
Muco nicotínico - secreção produzida pelo pulmão de fumantes.

senhora dos submundos. Perséfone vingou-se transformando Mintha em uma erva destinada a crescer em entradas de cavernas e lugares úmidos.

A planta chamada popularmente Alevante pertencente ao gênero *Mentha*. Desse gênero são conhecidas muitas espécies de uso medicinal e culinário tais como: *Mentha arvensis* L. – Hortelã-do-brasil, *Mentha piperita* L. – Hortelã-de-folha-longa, *Mentha pulegium* L. – Poejo, Mentha rotundiofolia Huds., *Mentha sativa* L., *Mentha spicata* L. e *Mentha villosa* Huds, todas denominadas hortelã.

A *M. villosa*, mostra atividades antiespasmódica e miorrelaxante além de ação analgésica em testes com animais. Esses resultados justificam seus usos populares. (LAHLOU, 2001; SAAD, 2009)

Com a *Mentha piperita* L. e *Mentha crispa* L. são industrializados, por laboratório fitoterápico brasileiro, alguns fitoterápicos para tosse e parasitoses respectivamente.

Na Bahia o *Plectranthus amboinicus*(Lour)Spreng. é denominado hortelã da folha grossa, hotelã graúdo e orelha de maroto embora não seja do gênero *Mentha*, o seu óleo essencial confere aroma e sabor de mentol.

As folhas são usadas na forma de chá, xarope ou lambedor, puro ou misturado com guaco – *Mikania glomerata* Spreng.

O xarope caseiro de guaco e hortelã grosso é preparado da seguinte maneira (MATOS, 2002):

Faz-se um cozimento das folhas de guaco em água, interrompendo-se a fervura logo que se perceba um forte cheiro adocicado, característico da Cumarina do guaco.

Prepara-se, em separado, um xarope feito com folhas frescas de hortelã grosso e açúcar, arrumados em camadas, em fogo baixo, sem colocar água, mas com cuidado para não deixar queimar.

Junta-se o xarope com o cozimento e côa-se para um frasco bem limpo.

Recomenda-se uma a duas colheres de sopa duas ou três vezes ao dia, especialmente durante as crises de tosse ou de cansaço. Crianças tomam metade desta dose.

As Menthas pertencem a família Lamiaceae, produtora de terpenóides (Menteno, Limoneno, Mentol), classe de substância química constituinte dos óleos essenciais, com reconhecida ação antisséptica no sistema respiratório. Essa ação deve-se ao fato de serem as vias respiratórias uma das principais vias de eliminação dos óleos essenciais.

Muitos desses óleos, possuem também ação expectorante através da fluidificação do muco e aumento das secreções brônquicas o que facilita a expulsão de tais secreções. Popularmente, o vegetal é chamado de erva para "tirar-catarro-preso". Essas plantas, devido ao seu alto teor em óleos essenciais, são indicadas ainda para a fluidificação do muco nicotínico característico nos fumantes.

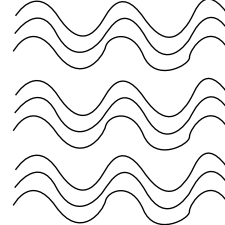
DICAS

Mulheres em período de amamentação devem evitar a ingestão das mentas bem como seu óleo essencial, pois colaboram para a diminuição do fluxo de leite.

Para a crise de tosse intensa a folha de hortelã grosso enrolado em formato de "rolinhos" com um pedacinho de rapadura ou açúcar macavo dentro, alivia imediatamente a tosse. Deve-se morder em pequenos pedaços e mastigar lentamente para que o sumo flua pela área irritada.

Colônia

USO RITUAL

Orixá - Yemanjá e Oxum
Elemento - Água.
Nome Yorubá - TóTó.

Nome Vulgar:	Água-de-alevante, Alevante Graúda, Flor-do-Coração, Lipurdina, Leopoldina, Colônia.
Nome Botânico:	*Alpinia zerumbet* (Pers.) B. L. Burtt. & R. M. Sm. / *Alpinia speciosa* K. Schum.
Família Botânica:	Zingiberaceae.
Origem:	América do Sul/Herbário ALC/UFBA N. R. 029208.
Parte Usada:	folhas e flores.
Indicação Terapêutica:	o chá das folhas e flores é indicado popularmente como calmante, diurético, auxiliar no tratamento da hipertensão, gripe e males do estômago.

Conhecida na Bahia como Alevante-graúda e Leopoldina, no sudeste do Brasil denomina-se Colônia. Devido ao seu rizoma semelhante ao gengibre *Zingiber officinale* Roscoe, também lhe atribuem o nome popular de gengibre-concha. Concha, pois suas belas inflorescências apresentam flores que se parecem com conchas brancas ou levemente róseas e intenso colorido interno de tons amarelos e vermelhos.

A exploração fitoquímica de *Alpinia zerumbet*, demonstrou que o óleo essencial das folhas e flores são ricos em monoterpenos

como terpinenol e cineol, sendo que há semelhanças entre a química encontrada nessas partes. Ao contrário, o óleo das raízes apresenta-se totalmente diferente em sua composição. (LORENZI; MATOS, 2008; CARDOSO, 2009)

As folhas, flores e rizomas são indicadas popularmente como calmante, auxiliar no tratamento da hipertensão, gripe e males do estômago. Alguns estudos confirmam ação vasodilatadora e hipotensora em animais de laboratório. (VICTÓRIO, 2009; LEAL-CARDOSO, 2003; PINTO, 2009) Extratos alcoólicos da planta apresentaram forte atividade contra *Helicobacter pylori*, em geral presente nos processo de gastrite e ulceração da mucosa gástrica, ou que sugere sua propriedade antiúlcera gástrica. (WANG, 2005) A Colônia também apresentou efeito anti-hiperlipidêmico o que poderia indicar seu uso como auxiliar no cuidado de pessoas com o colesterol elevado. (LI-YUN LIN, 2008) O poder de baixar a pressão arterial divulgado pela medicina popular foi comprovado por vários pesquisadores que estão desenvolvendo modelos para elucidar o mecanismo da ação hipotensora. (MOURA, 2005; PINTO, 2009; VICTÓRIO, 2009)

O uso popular como calmante tem validação científica através de estudos que comprovaram a atividade ansiolítica do óleo essencial das folhas e flores inalados e injetados em ratos. (DE ARAÚJO, 2009; MURAKAMI, 2009)

Faltam estudos clínicos que caracterizem melhor o efeito de *Alpinia zerumbet* em humanos. As indicações de uso sob a forma de chá orientam colocar uma folha em 1 litro de água aumentando a concentração desse infuso para, no máximo, duas folhas. No Memento Fitoterápico da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, está recomendado

GLOSSÁRIO

Rizomas - caule em forma de raiz, em geral subterrânea.

Fitoquímica - química dos vegetais.

Alcalóides, Esteróides, Triterpenóides Monoferpenos, Derivados Hidroxiantracênicos, Flavonóides e Saponinas - classes de substâncias biossintetizadas por alguns vegetais, em geral bioativas.

Espasmolítica - que elimina as dores com espasmos, contrações.

Banhos-de-cheiro - banhos com sumo de ervas aromáticas.

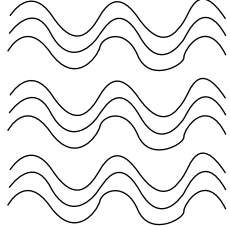
Memento - manual técnico para prescrições.

COMENTÁRIO

As flores e folhas dessa planta têm aroma agradável sendo usadas nos chamados "banhos-de-cheiro" que trazem "Axé" e bem estar geral. Esta erva faz parte dos amacis para banhos e "lavagem-de-contas". A colônia é indicada nas cerimônias de "Bori"para filhos de Yemanjá.

sob a forma de tintura. A dose deve ser preparada diluindo-se 10ml da tintura em um copo d'água. (REIS, 2002)

A Colônia tem uma forte relação com o mundo das águas, sua simbologia nas indicações tradicionais está categorizada como planta fria. Nessa mesma lógica, nos rituais afro-brasileiros pertence ao domínio das divindades mulheres, Yabás, consideradas as senhoras das águas, mães geradoras de vida. Além da beleza, esta espécie tem características aromáticas-perfumantes que ressaltam suas relações com o feminino, principalmente aquele que flui, e fluindo não acumula matéria e, portanto sempre é renovado. (CARDOSO, 2009)

As indicações de cura tradicionais de Alpinia zerumbet, estão fortemente atreladas as simbologias líquidas, femininas e maternais, são para o tratamento de problemas circulatórios, dores, inflamações, insônia e gripes do tipo quente (com febre e catarro), sob a forma de chás, macerações, banhos e aromaterapia com óleo essencial, preparados a partir das folhas, flores e raízes, associadas ou não a outras plantas.

Folha-da-costa/Saião

USO RITUAL

Orixá - Oxalá e Yemanjá. (Yorubá),
Xangô (Umbanda).
Elemento -
Água-Yemanjá
Xangô-fogo.
Nome Yorubá - Òdundú.

Nome Vulgar:	Coirama-branca, Folha-grossa, Fortuna, Saião.
Nome Botânico:	*Kalanchoe brasiliensis* Cambess, *Kalanchoe pinnata* Lam., *Bryophyllum pinnatum* Lam.
Família Botânica:	Crassulaceae.
Origem:	América do Sul/Herbário ALC/UFBA N. R. - 029195/028396.
Parte Usada:	folhas.
Indicação Terapêutica:	sumo usado nas afecções respiratórias em geral. uso externo: em frieiras, feridas, queimaduras, picadas de inseto, traumatismos e torções. Para traumatismos e torções as folhas devem ser piladas com sal grosso e colocadas sobre o local afetado. No Sudeste do Brasil ocorrem indicações de uso em crise de hipertensão.

As folhas-de-saião são muito utilizadas na medicina popular sobre a forma de sumo, nos casos de traumatismos e comprometimentos pulmonares. São frequentes também nos "meladores" ou xaropes, indicados para problemas respiratórios, gripes e resfriados. O *Kalanchoe* é gênero bem estudado anatômica e morfologicamente. Alguns de seus

GLOSSÁRIO

Mucilagem - nome comum de substâncias viscosas produzidas por vegetais.
Hipotensora - que tem capacidade de diminuir a pressão arterial.

usos populares podem ser atribuídos à sua comprovada atividade anti--inflamatória. (COSTAS, 1994, 2006; MOURAO, 1999)

Na medicina tradicional da Nigéria o suco das folhas é utilizado no tratamento de infecções no ouvido, tosse, desinteria. (AKIPELU, 2000) Estudos científicos também sugerem a comprovaçao das ações hipotensora, imunomoduladora e atividade antiulceração gástrica. (OJEWOLE, 2002; PAIVA, 2008; IBRAHIM, 2002) O *Kalanchoe pinnata* Lam. está entre as plantas de interesse ao SUS, a RENISUS, divulgada pela Diretoria de Assistência Farmacêutica do Ministério da Saúde em 2009. A Folha-da-Costa auxilia o alívio das tosses produtivas e faz parte das ervas que não devem ser fervidas, usa-se o sumo de 2 folhas batidas em 1/2 copo d´água, antes das refeições. (SAAD, 2009)

COMENTÁRIOS SOBRE USO RITUALÍSTICO

Usadas nos amacis e banhos para acalmar, refrescar e dar firmeza. Esta planta, segundo a classificação Jêje-nagô, no referente aos quatro elementos, pertence ao grupo Omí (Folhas-de-água), sendo uma Omí-èró (Água-que-acalma). Sua folha carnosa, rica em mucilagem, uma substância viscosa, relaciona-se com a água-sêmem, representando a fertilidade e a capacidade de unir e apaziguar. Suas folhas são usadas também como parte das oferendas para Oxalá, colocadas ao redor da "Comida-do-santo".

Como uma "Omí-èró, traduzida do yorubá, "Água-que-acalma", muitos significados podem ser atribuídos aos seus efeitos. Pode referir-se à ação farmacológica emoliente que "acalma" os processos inflamatórios, pode referir-se também aos estados emocionais e psicológicos, onde "acalmar" significa encarar os fatos do cotidiano com menos ansiedade e mais razão.

A *Kalanchoe brasiliensis* Camb. como outras espécies da família Crassulaceae, apresenta folhas carnosas. Esta é semelhante a outra planta, chamada de Folha-da-fortuna (*Bryophillum pinnantun* Kurtz.), que têm as folhas mais arredondadas e ovaladas, com bordas em tons lilás, chamada em Yorubá de Abamodá dedicada a Nanã.

Referências

ALFAVAQUINHA-DE-COBRA

AZIBA, P. I. et al. Analgesic activity of Peperomia pellucida aerial parts in mice. **Fitoterapia**, v. 72, n. 1, p. 57-58, jan. 2001.

BHATTACHARYYA, J.; SERUR, L. M. Structures of Montrifoline and Delbine - 2 New Furoquinoline Alkaloids from Monnieria-Trifolia L. **Heterocycles**, v. 16, n. 3, p. 371-374, 1981.

CRUZ, G. L. **Dicionário das Plantas úteis do Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

DE FATIMA ARRIGONI-BLANK, M. et al. Anti-inflammatory and analgesic activity of *Peperomia pellucida* (L.) HBK (Piperaceae). **J Ethnopharmacol**, v. 91, n. 2-3, p. 215-218, Apr. 2004.

KHAN, M. R.; OMOLOSO, A. D. Antibacterial activity of Hygrophila stricta and *Peperomia pellucida*. **Fitoterapia**, v. 73, n. 3, p. 251-254, Jun. 2002.

KINDER, C.; CUPP, M. J. Kava: an herbal sedative. **Nurse Pract**, v. 23, n. 6, p. 14, 156, Jun. 1998.

LUDE, S. et al. Hepatocellular toxicity of kava leaf and root extracts. **Phytomedicine**, v. 15, n. 1-2, p. 120-31, Jan. 2008.

MOULIS, C. et al. Nouvelles Furoquinoléines de Monnieria trifolia. **Planta Med**, v. 42, n. 8, p. 400-402, 1981.

PARMAR, V. S. et al. Phytochemistry of the genus Piper. **Phytochemistry**, v. 46, n. 4, p. 597-673, Oct. 1997.

PEREIRA, L. A. et al. Plantas medicinais de uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental: Aspectos utilitários de espécies das famílias Piperaceae e Solanaceae. **Revista Brasileira de Agroecologia**. v. 2, n. 2, p. 1385-1388, Out. 2007.

SAAD, G.; LEDA, P. C. **Fitoterapia Contemporanea**: tradição e ciencia na prática clínica. Rio de Janeiro; Elsevier, 2009, p. 274.

SENGUPTA, S. RAY, A. B. The chemistry of Piper species: a review. **Fitoterapia**, v. 58, p. 147-166, 1987.

SINGH, Y. N. Kava: an Overview. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 37, n. 1, p. 13-45, Aug. 1992.

SONIBARE, M. A. et al. Use of medicinal plants for the treatment of measles in Nigeria. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 122, n. 2, p. 268-272, Mar. 2009.

ALEVANTE-MIUDA

BRUNETON, J. **Elementos de fitoquimica y de farmacognosia**. Zaragoza: Acribia, 1991. 594 p.

LAHLOU, S. et al. Cardiovascular effects of the essential oil of Mentha x villosa and its main constituent, piperitenone oxide, in normotensive anaesthetised rats: role of the autonomic nervous system. **Planta Med**, v. 67, n. 7, p. 638-43, Oct. 2001.

MATOS, F. J. A. **Farmácias Vivas**. 4.ed. Fortaleza: Editora da UFC, 2002.

SAAD, G.; LEDA, P. C. **Fitoterapia Contemporanea:** tradição e ciencia na prática clínica. Rio de Janneiro: Elsevier, 2009, p. 266-267.

COLONIA

BULHÕES, G. C. C.; DA MOTA, A. S. Phytochemical screening of plants native to northeastern Brazil. **An. Dep. Farm. Centro Ci. Saúde Univ. Fed. Pe.**, v. 15, p. 45-50, 1976.

CARDOSO, D. C. N. **Avaliação do óleo essencial de *Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burtt. & R. M. Sm. coletada em maio de 2009, na cidade de Salvador, Bahia**. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Farmácia) – Faculdade de Farmácia, Universidade Federal da Bahia.

DE ARAUJO, F. Y. et al. Central nervous system effects of the essential oil of the leaves of *Alpinia zerumbet* in mice. **J Pharm Pharmacol**, v. 61, n. 11, p. 1521-7, Nov. 2009.

DE MOURA, R. S. et al. Antihypertensive and endothelium-dependent vasodilator effects of *Alpinia zerumbet*, a medicinal plant. **Journal of Cardiovascular Pharmacology**, v. 46, n. 3, p. 288-294, Sep. 2005.

FERREIRA, A. C. F. et al. Thyroid Peroxidose Inhibition by *K. brasiliensis* Aqueous Extract. **Food and Chemical Toxicology**. v. 38, p. 417-421, 2000.

HARAGUCHI, H. et al. Antifungal activity from Alpinia galanga and the competition for incorporation of unsaturated fatty acids in cell growth. **Planta Med**, v. 62, n. 4, p. 308-313, Aug. 1996.

LAHLOU, S. et al. Antihypertensive effects of the essential oil of *Alpinia zerumbet* and its main constituent, terpinen-4-ol, in DOCA-salt hypertensive conscious rats. **Fundamental & Clinical Pharmacology**, v. 17, n. 3, p. 323-330, 2003.

LIU, M. H. et al. Synergistic effect of kaempferol glycosides purified from *Laurus nobilis* and fluoroquinolones on methicillin-resistant *Staphylococcus aureus*. **Biol Pharm Bull**, v. 32, n. 3, p. 489-92, Mar. 2009.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Medicinais do Brasil**: nativas e exóticas. 2.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

PADALIA, R. C. et al. Compositional Variability in Essential Oil from Different Parts of *Alpinia speciosa* from India. **Natural Product Communications**, v. 5, n. 2, p. 279-282, Feb. 2010.

REIS, M. C. P. et al. **Memento Terapêutico**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Saúde; Programa de Fitoterapia, 2002.

PINTO, N. V. et al. Endothelium-dependent vasorelaxant effects of the essential oil from aerial parts of *Alpinia zerumbet* and its main constituent 1,8-cineole in rats. **Phytomedicine**, v. 16, n. 12, p. 1151-5, Dec. 2009.

VICTORIO, C. P. et al. Vasodilator activity of extracts of field *Alpinia purpurata* (Vieill) K. Schum and *A. zerumbet* (Pers.) Burtt et Smith cultured in vitro. **Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 45, n. 3, p. 507-514, Jul./Sep. 2009.

_______. Simultaneous Distillation-Extraction, Hydrodistillation and Static Headspace Methods for the Analysis of Volatile Secondary Metabolites of *Alpinia zerumbet* (Pers.) Burtt et Smith. from Southeast Brazil. **Journal of Essential Oil Bearing Plants**, v. 12, n. 2, p. 137-143, Mar./Apr. 2009.

WANG, Y. C.; HUANG, T. L. Screening of anti-Helicobacter pylori herbs deriving from Taiwanese folk medicinal plants. **Fems Immunology and Medical Microbiology**, v. 43, n. 2, p. 295-300, Feb. 2005.

FOLHA-DA-COSTA/SAIÃO

AKINPELU, D. A. Antimicrobial activity of *Bryophyllum pinnatum* leaves. **Fitoterapia**, v. 71, n. 2, p. 193-4, Apr. 2000.

BALBACH, A. **A Flora Nacional na Medicina Doméstica**. São Paulo: Editora do Lar, 1969. 1289p.

CAMARGO, M. T. L. A. **Plantas Medicinais e de Rituais Afro-Brasileiros I**. São Paulo: ALMED, 1988. 97p.

COSTA, S. S. et al. Patuletin Acetylrhamnosides from Kalanchoe-Brasiliensis as Inhibitors of Human Lymphocyte Proliferative Activity. **Journal of Natural Products-Lloydia**, v. 57, n. 11, p. 1503-1510, Nov. 1994.

______. et al. Kalanchosine dimalate, an anti-inflammatory salt from Kalanchoe brasiliensis. **Journal of Natural Products**, v. 69, n. 5, p. 815-818, May, 2006.

DA PAIVA, L. S. et al. Inhibition of B cell development by kalanchosine dimalate. **International Immunopharmacology**, v. 8, n. 6, p. 828-835, Jun. 2008.

______. et al. Selective blockade of lymphopoiesis induced by kalanchosine dimalate: inhibition of IL-7-dependent proliferation. **Journal of Leukocyte Biology**, v. 83, n. 4, p. 1038-1048, Apr. 2008.

HYAKUTAKE, S. et al. Morphological and anatomical study of Kalanchoe brasiliensis Camb. (Crassulaceae). **Revista de Farmácia e Bioquímica da Universidade de São Paulo**. v. 10, p. 217-237, 1972.

IBRAHIM, T. et al. Immunomodulatory and anti-inflammatory effects of *Kalanchoe brasiliensis*. **Int Immunopharmacol**, v. 2, n. 7, p. 875-83, Jun. 2002.

MOURAO, R. H. V. et al. Antiinflammatory activity and acute toxicity (LD50) of the juice of Kalanchoe brasiliensis (Comb.) leaves picked before and during blooming. **Phytotherapy Research**, v. 13, n. 4, p. 352-354, Jun. 1999.

OJEWOLE, J. A. O. P-2: Antihypertensive properties of *Bryophyllum pinnatum* (Lam) Oken leaf extracts. **Am J Hypertens**, v. 15, n. S3, p. 34A-34A, 2002.

SAAD, G.; LEDA, P.C. **Fitoterapia Contemporanea**: tradição e ciencia na prática clínica: Elsevier, Rio de Janeiro, 2009, p. 314.

VERGER, P. F. **Awon ewé Osanyin. Yoruba Medicinal Leaves**. [S.l.]: Institut of African Studies, University of Ifè, 1967. 72 p.

Terra

Alecrim

Nome Vulgar:	Alecrim-de-casa, Alecrim-de-cheiro, Alecrim-de-horta, Rosmarinho, Erva-coroada.
Nome Botânico:	*Rosmarinus officinalis* L.
Família Botânica:	Lamiaceae.
Origem:	Mediterrâneo/Herbário ALC/UFBA, N.R. 30834.
Parte Usada:	folhas e flores.
Indicação Terapêutica:	uso interno - infusão das folhas como estomacal, carminativo e emenagogo. uso externo - usado no reumatismo articular na forma de banho e fricção. Indicada também na formulação de xampus estimulantes do folículo capilar (crescimento).

O Alecrim, Rosmarinho dos portugueses, é erva conhecida desde a antiguidade. Planta aromática, rica em óleos essenciais. Seu óleo essencial começou a ser destilado no século XIV. Seus principais constituintes são: pineno, canfeno e cineol.

O extrato do alecrim apresenta atividade colerética e hepatoprotetora. O vegetal contém substâncias que têm atividade antioxidante. O alecrim têm um potencial terapêutico no tratamento ou prevenção da

USO RITUAL

Orixá - Oxossi / Oxalá.
Elemento - Terra.
Nome Yorubá - Sawéé.
Seu uso como incenso durante as aberturas dos "rituais de cruzamento" e defumação dos templos está registrado nos cânticos.

Defuma com as
ervas da jurema.
Defuma com arruda e
guiné
Alecrim, benjoim e
alfazema
Vamos defumar
filhos de fé.
(OMOLUBÁ, 1994)

asma brônquica, úlcera péptica, doenças inflamatórias, aterosclerose. (AL-SEREITI, 1999)

Vários testes em laboratório têm comprovado as atividades anti--inflamatória, antimicrobiana e antioxidante dos extratos das folhas de Rosmarinus. Essas atividades são atribuidas ao alto teor de substâncias fenólicas nas folhas de Alecrim, destacando-se o grande número de publicações científicas de vários países que confirmam o poder anti--inflamatório das folhas de Rosmarinus. (ALTINIER, 2007; TAKAKI, 2008; KLANCNIK, 2009; PINTORE, 2009; PÉREZ-FONS, 2010; KIM SY, 2010) A ação hepatoprotetora (protetora do fígado) e auxiliar na perda de peso também foi comprovada em animais de laboratório. (HARACH, 2010)

Para os Gregos a planta simbolizava amor e morte. Os estudantes na Grécia antiga, usavam grinaldas de Alecrim para melhorar sua memória na época dos exames.

Além do uso tradicional, é atualmente um dos óleos essenciais mais indicados em aromaterapia, tanto para massagens como para a inalação. Indicado como estimulante geral, sinusite, bronquite, bem como nos casos de dor de cabeça, enxaqueca e fadiga mental. O seu óleo é antisséptico para o couro cabeludo.

As doses excessivas podem causar distúrbios renais e hipertensão, embora estudos etnobotânicos realizados no Marrocos tragam informações sobre o uso popular do chá de alecrim para tratar hipertensão arterial e diabetes. (TAHRAOUI, 2006) São inúmeras e bem estudadas as atividades medicinais do Rosmarinus officinalis, mas é importante ressaltar que é contra indicado durante a gravidez.

O Alecrim-do-campo ou Alecrim-do-mato, foi identificado como *Lippia thymoides* L., da família Verbenaceae, é também indicado como

GLOSSÁRIO

Anti-ulcerogênica - que dificulta a formação de úlceras

Carminativo - que elimina gases.

Emenagogo - que aumenta o fluxo menstrual.

Óleos essenciais - óleos aromáticos produzidos nas células vegetais.

Pineno, canfeno e cineol - terpenóides constituintes químicos dos óleos aromáticos.

Ritual de cruzamento - momento inicial das atividades religiosas, quando são colocados nos quatro cantos do local algumas ervas e outros itens bem como as fumaças aromáticas eliminadas pelo incensador.

Substância fenólica - classe de substâncias químicas.

digestivo e antirreumático. Usado sob a forma de tinturas e pomadas. Estudos realizados com óleo essencial do alecrim demonstram significativa atividade antimicrobiana. (MANGENA, 1999)

O extrato hidroalcoólico do alecrim, em investigações recentes apresentou resultados que sugerem uma ação anti-ulcerogênica. (DIAS, 2000)

COMENTÁRIOS SOBRE USO RITUALÍSTICO

O Alecrim é planta cheirosa usada nos amacis de fortificação de "cabeça" e incensos. O Alecrim pode ser usado para Oxóssi, Caboclos e Pretos-velhos na Umbanda.

No candomblé de Ketu a erva é usada nos amacis e na iniciação dos filhos de Oxalá. Certamente é uma planta mística importante, seu aroma penetrante é considerado poderoso para a obtenção de circunstâncias favoráveis aos iniciados e sacerdotes. Alguns estudiosos mencionam o alecrim em associação a malva-rosa, rosa branca, açucena, manjerona e crisântemo branco como formulação utilizada para a preparação do amaci para a fortificação de cabeça (ori, coroa) do pai ou mãe de santo nos rituais de confirmação na umbanda, repetidos de 7 em 7 anos.

OBSERVAÇÕES

Alguns autores estudiosos do candomblé citam outros tipos de Alecrim: Alecrim-do-campo – *Lippia thymoides* L., Alecrim-de-tabuleiro – *Lantana microphilla* Mart., Alecrim-d'angola – *Vitex agnus – castus* L (BASTIDE, 1978; FIGUEIREDO, 1983).

Arruda

Nome Vulgar:	Arruda-doméstica, Ruta-de-cheiro-forte
Nome Botânico:	*Ruta graveolens* L.
Família Botânica:	Rutaceae.
Origem:	Região Mediterrânea /Herbário ALC/ UFBA, N. R. 027117.
Parte Usada:	toda a planta.
Indicação Terapêutica:	o sumo das folhas frescas é usado como vermífugo, emenagogo e abortivo.
	uso externo - sob a forma de óleo, contra dores de ouvido e dentes.

Muitas preparações populares denominadas garrafadas, são utilizadas com o propósito de aumentar o fluxo menstrual. Essas indicações em geral, têm como objetivo final a ação abortiva. Nessas beberagens, é comum a presença da Arruda. A mistura de Poejo, Losna, Arruda e Cebolinha-branca, macerada em vinho, na Bahia é chamada "meladinha", sendo muito usada com o objetivo de eliminar restos placentários no pós-parto. A mesma bebida é também oferecida aos que visitam o recém-nascido, como um ritual de boas vindas e sorte. O Poejo e a Losna são muito indicados para diversos sintomas das chamadas "doenças-de--senhoras" ou "doenças-de-ventre".

USO RITUAL

Orixá - Oxóssi.
Elemento - Terra (Yorubá)/ Ar (Umbanda).

A arruda é muito usada nos incensos e vários cânticos para defumação citam a erva.
A arruda é utilizada em vários rituais como catimbó e pajelanças. Nos banhos, está presente para afastar olho gordo e má sorte, banhos de cheiro usados para purificação e defesa.
Na umbanda a planta também é muito usada, sendo inclusive nome de um caboclo, conforme o cântico citado por Decelso (1973).

"Fui buscar o meu "Congá"
Que deixei lá na Ruanda
Já chegou caboclo Arruda
Pra vencer essa demanda.
As falanges do Arruda
Têm sempre boa vontade
Andam por toda parte

Espalhando a caridade.
São de força e ação
Do nosso Pai Oxalá
Elas têm proteção."

GLOSSÁRIO

Garrafadas - bebida com fins medicinais preparada com ervas e vinho ou cachaça.
Meladinha - bebida preparada com mistura de plantas e cachaça.
Cumarinas - classe de substâncias bioativas.

Esses usos populares são confirmados pela indicação abortiva da Arruda, em medicina popular de vários países, com atividade antifertilidade confirmada em ensaios farmacológicos pré-clínicos. A Ruta é rica em cumarinas, classe de substâncias químicas bioativas de reconhecida ação antiespasmódica. Produz ainda flavonóides, principalmente Rutina e óleo essencial que lhe confere o aroma intenso e peculiar.

O interesse sobre as ações biológicas da Ruta é crescente e nos últimos anos foram publicadas na literatura especializada várias confirmações de bioatividade tais como: ação anti-inflamatória e analgésica, antirreumática, antimicrobiana, antifúngica e estimulante do SNC com melhora de memória. Entretanto, os estudos de toxidez da planta não são bem definidos o que sugere que se tenha cuidado com as doses e cuidados com o uso interno sob a forma de chás e tinturas. Embora seja usada na medicina tradicional indiana para dores articulares e para reumatismo e na África, além dessas indicações de uso popular, também é indicada para tratamento de debilidades mentais e falta de memória em idosos. (RATHESH, 2010; GONZALEZ-TRUJANO, 2006; ANDERSEN, 2005; RAGHAV, 2005; IVANOVA, 2005; HAL-HEALI, 2006)

No Memento Fitoterápico da Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro há uma loção com tintura de arruda para matar piolhos. (REIS, 2002)

COMENTÁRIOS SOBRE USO RITUALÍSTICO

Planta introduzida no Brasil pelos africanos que usavam um raminho atrás da orelha contra "mau-olhado". Esse costume preservado era comum entre os negros no Brasil desde o século XIX, documentado por Debret no desenho de negras vendendo Arruda.

Erva aromática usada nos amacis para banhos de "limpeza" e purificação. Planta favorita dos pretos-velhos, rezadores e benzedores para afastar "mau-olhado" e "quebranto". Seus galhinhos são usados durante a reza. Se murcharem rapidamente ou não durante o benzimento, pode-se avaliar a condição em que a pessoa se encontrava.

A Arruda segundo alguns sacerdotes tem duplo poder, o de retirar a negatividade e o de buscar os bons fluidos. Acredita-se que essa erva garante bons negócios aos comerciantes e afasta dos lares as doenças. A Arruda está sempre presente nos arranjos das chamadas "Plantas Protetoras", com finalidade de proteger casas e comércios do mau-olhado. Acredita-se que o aroma dessas plantas tem o poder de facilitar também as realizações, trazendo boa sorte. Um bom arranjo seria: alecrim, alfazema, arruda, espada-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode; e kiôiô ou manjericão. Conhecido como Vaso das 7 Ervas Protetoras.

CURIMBA

cântico para Defumação

Umbanda cherô
Cherô a defumador.
A Umbanda cherô
Cherô a defumador.
Como cheira Umbanda-cherô.
Ela cheira alecrim-cherô.
Ela cheira guiné-cherô.
Ela cheira arruda-cherô.

OBSERVAÇÕES

As grávidas devem evitar o uso devido a sua ação abortiva.

USO RITUAL

Orixá - Omulú/Ogun/ Oxossi.
Elemento - Terra (Yorubá)/ Ar, fogo, terra, água (Umbanda).
Nome Yorubá - Ewé Ojúsájú. O guiné é usado em amacis para banhos de "limpeza", descarrego e nos incensos para defumadores. Vários cânticos rituais citam o guiné.

> *"A lua nasce por detrás da serra.*
> *Hoje é dia de festa, na Vila Nova.*
> *Oxóssi, é, Ele é o rei da guiné. (bis)"*

Guiné

Nome Vulgar: Guiné pipio, ou Guiné e pipio.

Nome Botânico: *Petiveria alliaceae* L.

Família Botânica: Phytolaccaceae.

Origem: América tropical. Herbário ALC/UFBA - N. R. 027115 e 029160.

Parte Usada: folhas e raízes.

Indicação Terapêutica: o chá é usado como diurético, febrífugo, anti-reumático e abortivo. Uso externo em reumatismo e dores articulares. O pó da raiz, colocado em dentes cariados, ameniza as dores. Essa espécie era utilizada pelos Maias na medicina e na feitiçaria. Tem sido indicada para diversos fins, em vários países. Em Cuba, é utilizada para afecções da pele e artrite; no Panamá, para resfriados, caimbras, inflamação da bexiga e asma; na Colômbia, como antifebril.

Alguns estudos de avaliação da atividade terapêutica foram realizados com Guiné, estando bem estudada a sua ação anti-reumática, analgésica, anticonvulsivante e o efeito abortivo. (OLUWOLE,1998)

Deve-se evitar doses elevadas ou repetidas por via oral porque algumas publicações demonstram sua toxidez. (LORENZI, 2008)

É indicada em uso externo para afecções bucais e inflamação de garganta em bochechos e garagrejos. (MORS, 2000).

As folhas apresentam esteróides, terpenóides, saponinas, polifenóis e taninos. As raízes contêm cumarinas, alantoína e ácido benzóico. Foram encontradas em diversas partes da planta: alcalóides, substâncias sulfuradas, derivados da prolina, lipídeos e ß-sitosterol. A substância responsável pela toxidez é a petiverina.

Os extratos alcoólicos das folhas apresentam atividade antibacteriana para vários microorganismos que causam infecções da pele, mucosas do trato digestivo e respiratório e ainda atividade antimicótica para vários fungos patogênicos. O óleo essencial das folhas demonstrou atividade inseticida para insetos adultos de *Musca domestica* (mosca). É tóxica para o gado. Os extratos metanólicos causam contração uterina, o que justifica a ação abortiva. Em pesquisas atuais, ensaios biológicos com o extrato bruto de *P. alliaceae* apresentaram aumento da produção dos glóbulos vermelhos do sangue e melhorando a resposta imunológica em ratos.

COMENTÁRIOS SOBRE USO RITUALÍSTICO

O Guiné é planta de vários usos em ritual, na região do recôncavo baiano, tem o nome popular de "Amansa-senhor" porque a raiz era usada pelas negras em cativeiro misturada à comida ou café e chás para amansar os feitores. Segundo Caminhoá (1884), o uso contínuo do Guiné torna os indivíduos apáticos levando à idiotia. No século XVII, escrevia Santos Filho (1947), "já estava em voga o quebranto e a vítima morria, na verdade envenenada pelas ervas Tipi ou Amansa-senhor."

CURIMBA

cântico para Cabloco

Cabloco! Cabloco!
Se ele é filho da guiné,
Cabloco! Cabloco!
Se ele é filho da guiné,
O seu pai é rei,
Ele é príncipe,
Ele é príncipe,
Ele é!

OBSERVAÇÕES

Segundo Mãe Mariazinha da "Casa-branca-de-omolú", terreiro de Umbanda do Rio de Janeiro: "O guiné é considerado uma das plantas mais poderosas nos trabalhos de umbanda. Ela não somente afasta os malefícios como também traz Axé". Essa observação de certa forma, explica porque o guiné, está sempre presente em jardins, jarros e canteiros na frente de residências e casas comerciais.

A madeira clara dos galhos e das raízes de Guiné, que desprendem forte cheiro de alho, é favorita para fabricação de “figas”, pequenos talismãs usados contra os malefícios em geral.

Tapete-de-oxalá

USO RITUAL

Orixá - Oxalá.
Elemento - Terra / Água.
Nome yorubá - Ewé Bàbá.

Nome Vulgar: Falso-boldo, Folha-de-oxalá, Boldo, Sete-dores, Boldo nacional, Malva-santa.

Nome Botânico: *Plectranthus barbatus* Andr.,

Família Botânica: Lamiaceae.

Origem: Região Mediterrânea. Herbário ALC/UFBA, N. R.

Parte Usada: parte aérea.

Indicação Terapêutica: usada contra os males do fígado e digestão difícil resultante de excessos alimentares; dor de cabeça e náuseas pós-alcoólica e prisão de ventre. Em estudos etnofarmacológicos, constatou-se que *P. amboinicus* (Alfavaca-grossa) é uma das plantas de uso popular no tratamento caseiro de afecções cutâneas causadas por *Leishmania* entre a população rural da área produtora de cacau no Sul da Bahia. Entretanto, foi registrada no Quênia a ocorrência de dermatite no período de utilização da espécie *P. barbatus*.

O gênero *Plectranthus*, até recentemente denominava-se *Coleus*. Muitas ervas da família Lamiaceae pertencem a esse gênero e muitas

OBSERVAÇÕES

Usada em banhos dedicados aos filhos de Oxalá nos rituais de umbanda. A planta constitui entre muitas outras, a variada composição do "Abô". Tem o nome popular de Tapete-de-oxalá, certamente devido ao aspecto esbranquiçado que os pêlos de suas folhas apresentam quando crescem mas não há informações do uso da erva nos rituais de fundamento para os assentamentos ou lavagem de contas dedicadas a Oxalá.

outras espécies são denominadas Boldo ou Falso-boldo. Entre elas, o Alumã ou Boldo-da-folha-fina, Boldo-nacional, arbusto da família Asteraceae, do gênero *Vernonia*, identificado por *Vernonia condensata*. O alumã de nome Yorubá Éwúró, é dedicada a Ogum. Entretanto, é interessante lembrar que o boldo verdadeiro tem a folha coriácea, é o chamado Boldo-de-farmácia, Boldo-do-chile, cientificamente denominado *Peumus boldus* Molina, cujas especificações encontram-se nas últimas edições da Farmacopeia Brasileira.

O boldo nacional, Tapete-de-Oxalá na Bahia, no elenco de plantas das Farmácias Vivas denominado Malva Santa, foi estudado a fim de verificar sua atividade nas afecções de estômago, fígado e vesícula. Esses testes com animais comprovaram a sua atividade hepatoprotetora, colerética e colagoga. Dessa forma atua no trato biliar estimulando a produção da bílis e promove o esvaziamento da vesícula biliar. Um grande número de drogas vegetais demonstram essas propriedades. Entre as mais eficazes estão a Alcachofra (*Cynara scolimus*), o Boldo do Chile (*Peumus boldus*), e o Açafrão (*Curcuma longa*). (SCHULTZ, 2007; ALASBAHI, 2008, 2010).

Na RDC n. 10 de 10 de março de 2010, referente às drogas vegetais, o *P. barbathus* tem alegação para distúrbios da digestão. É contra-indicada para gestantes, lactantes, crianças e indivíduos portadores de hepatites e obstrução das vias biliares.

Ressalta-se como precaução que doses acima da recomendada e a utilização por um período de tempo maior que o indicado podem causar irritação gástrica. Não deve ser usado com medicamentos anti-depressores do SNC ou anti-hipertensivos. (ANVISA, 2010)

Devido à morfologia das folhas e aos pêlos abundantes, essa erva parece-se muito com o Hortelã-da-folha-grossa, *Plectranthus amboinicus*. Porém, através das propriedades organolépticas, fica fácil identificá-las, visto que o *P. barbathus*, Tapete-de-oxalá, tem sabor amargo intenso e o Hortelã-da-folha-grossa, *P. amboinicus*, tem aroma e sabor característico das mentas (hortelã). O que diferencia de forma fácil ambas as espécies é que o *P. barbathus* (Boldo) possui folhas flexíveis enquanto o *P. amboinicus* (Hortelã-graúdo) possui folhas mais duras e quebradiças.

Referências

ALECRIM

AL-SEREITI, M. R. et al. Pharmacology of rosemary (Rosmarinus officinalis Linn.) and its therapeutic potentials. **Indian J Exp Biol**, v. 37, n. 2, p. 124-30, Feb. 1999.

ALTINIER, G. et al. Characterization of topical antiinflammatory compounds in *Rosmarinus officinalis* L. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 55, n. 5, p. 1718-1723, Mar. 2007.

BASTIDE, R. **Candomblé da Bahia, Rito Nagô**. 29.ed. Brasília: Editora Nacional, 1978.

BASTOS, A. **Os cultos Mágicos**: religiosos no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1979, 233p.

CACCIATORE, O. G. **Dicionário de Cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CORRÊA DIAS, P. et al. Antiulcerogenic activity of crude hydroalcoholic extract of Rosmarinus officinalis L. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 69, n. 1, p. 57-62, 2000.

FAHIM, F.A. et al. Allied studies on the effect of Rosmarinus officinalis L. on experimental hepatotoxicity and mutagenesis. **International Journal of Food Sciences and Nutrition**, v. 50, p. 413-427, 1999.

FIGUEIREDO, N. **Banhos de cheiro, ariachés & amacis**. Rio de Janeiro: FUNARTE; Instituto Nacional do Folclore, 1983, 47p.

HARACH, T. et al. ROSEMARY (*Rosmarinus officinalis* L.) Leaf Extract Limits Weight Gain and Liver Steatosis in Mice Fed a High-Fat Diet. **Planta Medica**, v. 76, n. 6, p. 566-571, Apr. 2010.

KIM, S. Y. et al. The Plant Phenolic Diterpene Carnosol Suppresses Sodium Nitroprusside-Induced Toxicity in C6 Glial Cells. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 58, n. 3, p. 1543-1550, Feb. 2010.

KLANCNIK, A. et al. In Vitro Antimicrobial and Antioxidant Activity of Commercial Rosemary Extract Formulations. **Journal of Food Protection**, v. 72, n. 8, p. 1744-1752, Aug. 2009.

MANGENA, T.; MUYIMA, N. Y. O. Comparative evaluation of the antimicrobial activities of essential oils of Artemisia afra, Pteronia incana and Rosmarinus officinalis on selected bacteria and yeast strains. **Letters in Applied Microbiology**, v. 28, n. 4, p. 291-296, 1999.

OMOLUBÁ, M. **Cadernos de Umbanda**. Rio de Janeiro: Palas, 1994, 256p.

PEREZ-FONS, L. et al. Relationship between the Antioxidant Capacity and Effect of Rosemary (*Rosmarinus officinalis* L.) Polyphenols on Membrane Phospholipid Order. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 58, n. 1, p. 161-171, Jan. 2010.

PINTORE, G. et al. *Rosmarinus officinalis* L.: Chemical Modifications of the Essential oil and Evaluation of Antioxidant and Antimicrobial Activity. **Natural Product Communications**, v. 4, n. 12, p. 1685-1690, Dec. 2009.

TAHRAOUI, A. et al. Ethnopharmacological survey of plants used in the traditional treatment of hypertension and diabetes in south-eastern Morocco (Errachidia province). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 110, n. 1, p. 105-117, Mar. 2007.

TAKAKI, I. et al. Anti-Inflammatory and Antinociceptive Effects of *Rosmarinus officinalis* L. Essential Oil in Experimental Animal Models. **Journal of Medicinal Food**, v. 11, n. 4, p. 741-746, Dec. 2008.

ARRUDA

ADSERSEN, A. et al. Screening of plants used in Danish folk medicine to treat memory dysfunction for acetylcholinesterase inhibitory activity. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 104, n. 3, p. 418-422, Apr. 2006.

AL-HEALI, F. M.; RAHEMO, Z. The combined effect of two aqueous extracts on the growth of *Trichomonas vaginalis*, in vitro. **Turkiye Parazitol Derg**, v. 30, n. 4, p. 272-4, 2006.

DEBRET, J. B. **Viagem Pitoresca e Historica do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Martins, 1949. 2v.

DECELSO, M. **Umbanda de Caboclos**. Rio de Janeiro: ECO, 1973.

GONZALEZ-TRUJANO, M. E. et al. Neuropharmacological profile of an ethanol extract of *Ruta chalepensis* L. in mice. **J Ethnopharmacol**. v. 106, n. 1, p. 129-35, Jun. 2006.

IVANOVA, A. et al. Antimicrobial and cytotoxic activity of *Ruta graveolens*. **Fitoterapia**, v. 76, n. 3-4, p. 344-347, Jun. 2005.

KONG, Y. C. et al. Antifertility principle of Ruta graveolens. **Planta Med**, v. 55, n. 2, p. 176-178, Apr. 1989.

KONG, Y. C. et al. Potential anti-fertility plants from Chinese medicine. **Am J Chin Med (Gard City N Y)**, v. 4, n. 2, p. 105-28, Summer, 1976.

MALHI, B. S.; TRIVEDI, V. P. Vegetable Antifertility drugs of India. **Q J Crude Drug Res**, v. 12, n. 3, p. 1922, 1972.

RATHEESH, M. et al. Protective Effects of Isolated Polyphenolic and Alkaloid Fractions of *Ruta graveolens* L. on Acute and Chronic Models of Inflammation. **Inflammation**, v. 33, n. 1, p. 18-24, Feb. 2010.

REIS, M. C. P. et al. **Memento Terapêutico**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Saúde - Programa de Fitoterapia, 2002.

GUINÉ

LORENZI, H. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. 2.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

MALPEZZI, E. L. et al. Antimitotic action of extracts of Petiveria alliacea on sea urchin egg development. **Braz J Med Biol Res**, v. 27, n. 3, p. 749-754, Mar. 1994.

MORS, W. et al. **Medicinal plants of Brazil**. California (EUA): Reference Publications, 2000. 501 p.

PACIORNIK, E. F. **A planta nossa de cada dia**. Curitiba: Copygraf, 1990.

PIERSON, D. **Brancos e pretos na Bahia**. São Paulo: Editora Nacional, 1971. (Brasiliana , 241) 2v.

QUADROS, M. R. et al. *Petiveria alliacea* L. extract protects mice against Listeria monocytogenes infection-effects on bone marrow progenitor cells. **Immunopharmacol Immunotoxicol**, v. 21, n. 1, p. 109-24, Feb. 1999.

VERGER, P. F. **Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 761p.

TAPETE-DE-OXALÁ

ALASBAHI, R.; MELZIG, M. F. Screening of some Yemeni medicinal plants for inhibitory activity against peptidases. **Pharmazie**, v. 63, n. 1, p. 86-88, Jan. 2008.

_______. *Plectranthus barbatus*: a review of phytochemistry, ethnobotanical uses and pharmacology - Part 1. **Planta Med**, v. 76, n. 7, p. 653-61, May 2010.

ALVES, T. M. et al. Antiplasmodial triterpene from Vernonia brasiliana. **Planta Med**, v. 63, n. 6, p. 554-555, Dec. 1997.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC n. 10, de 9 de Março de 2010. Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 10 de Março de 2010.

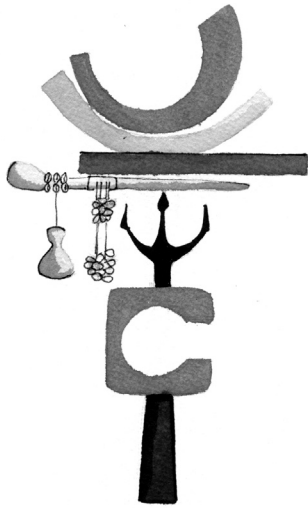
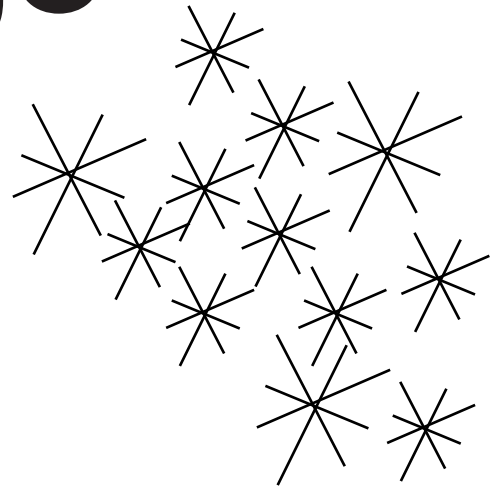
FRANCA, F. et al. Plants used in the treatment of leishmanial ulcers due to Leishmania (Viannia) braziliensis in an endemic area of Bahia, Brazil. **Rev Soc Bras Med Trop**, v. 29, n. 3, p. 229-232, May/Jun. 1996.

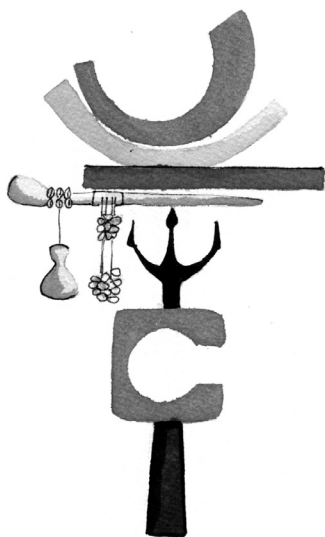
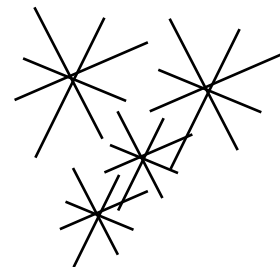
FRUTUOSO, V. S. et al. Analgesic and anti-ulcerogenic effects of a polar extract from leaves of Vernonia-Condensata. **Planta Medica**, v. 60, n. 1, p. 21-25, Feb. 1994.

OWILI, D. M. Perianal dermatitis in Kenya Due to Plectranthus-Barbatus Leaves (Maigoya Leaves). **East African Medical Journal,** v. 54, n. 10, p. 571-573, 1977.

SCHULTZ, C. et al. Inhibition of the gastric H+,K+-ATPase by plectrinone A, a diterpenoid isolated from *Plectranthus barbatus* Andrews. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 111, n. 1, p. 1-7, Apr. 2007.

Fogo

Dendezeiro

USO RITUAL

Orixá - Ogum / Exú.
Elemento - Terra /Fogo.
Nome Yorubá - Igó ópé/ Máriwó.

Nome Vulgar:	Coco-de-dendê, Dendê-da-costa, Coco-de-azeite.
Nome Botânico:	*Elaeis guineensis* N. J. Jacquin.
Família Botânica:	Palmaceae.
Origem:	África Ocidental - Herbário A. L. C./ UFBA N. R. 015866.
Parte Usada:	folhas e frutos.
Indicação Terapêutica:	uso externo: como emoliente e anti-reumático. Usa-se o azeite levemente aquecido ou sob forma de emplastros.

Na Colômbia os frutos são utilizados em medicina popular como vermífugo e tenífugo. O azeite, é usado externamente nas dermatoses persistentes. Recentemente, estudos realizados na Guiné Bissau, relativos às plantas usadas popularmente como repelente para insetos, indicaram que os frutos do dendê apresentam atividade repelente aos mosquitos.

Estudos da medicina tradicional em Ghana, na África, levaram ao interesse em testar a atividade antimalária. Os resultados iniciais são promissores. (ASASE, 2010) Dos extratos e óleo dos frutos busca-se

atividade antioxidante em centros de pesquisa na Nigéria e na Austrália. (BALASUNDRAM, 2006; OLUBA, 2009)

O óleo de dendê é considerado alimento favorável para a recuperação de anêmicos, porém poucos estudos comprovam as atividades medicinais de uso tradicional para este fim. Entre as propriedades medicinais está confirmada a significativa ação gastroprotetora dos frutos. (GÜRBÜZ, 2003)

O azeite de dendê, extraído por compressão da polpa ou mesocarpo dos frutos, é rico em vitamina A, ácidos palmítico, mirístico e oléico.

COMENTÁRIOS SOBRE USO RITUALÍSTICO

Segundo estudiosos dos cultos afro-brasileiro: “Do dendê tudo se aproveita”. O azeite de dendê (“epó”) é utilizado em quase todos os pratos de culinária africana: acarajé, abará, efó, xinxim, vatapá, caruru, amalá, farofas (padés), ipeté, omolocum e nas oferendas aos orixás.

No litoral sul da Bahia, na região denominada “Costa do Dendê”, as sobras do azeite extraído dos frutos são utilizados para o fabrico artesanal de sabão em barra que é vendido nas feiras livres da região.

Com as palhas das palmeiras desfiadas preparam-se os “mariôs”, colocados nas portas e janelas dos terreiros com o propósito de criar uma proteção mágica contra os malefícios e em especial, afastar os “Eguns”. Das nervuras das folhas da Palmeira-de-dendê, faz-se o “Isan” ou vara ritual empregada pelo “Ojé” para chamar os “Eguns” e guiá-los, segundo os rituais do culto dos Egúngún, na Bahia.

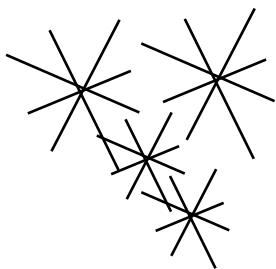
GLOSSÁRIO

Emoliente - medicamento próprio para amolecer, abrandar uma inflamação.
Emplastro - forma farmacêutica para uso tópico (externo).
Omalá - comida preparada com quiabos. Oferenda para Xangô.
Omolocum - comida preparada com feijão fradinho e camarão seco. Oferenda para Oxum.
Padés - farofas. Oferendas para Exú.
Mariôs - espécie de franjas feitas com a palma (folhas) do dendezeiro.
Isan - vareta feita com a nervura central da folha do dendê.
Ojé - sacerdote do culto aos Eguns.
Eguns - divindades ancestrais.
Ifá - tipo de jogo divinatório.
Itã - lenda, história.
Oxalufã - Divindade. Orixá.
Exú Elepô - Orixá denominado de Exú-do-dendê.

Opaxorô - Tipo de cajado que a divindade Oxalá carrega.

Epó - Azeite-de-dendê.
Quizila, Ewó - segredo, ponto fraco.

Os frutos do dendezeiro são usados para adivinhação no oráculo de "Ifá". Com a seiva do Dendê (incisões profundas no último gomo do tronco), faz-se uma bebida chamada Vinho-de-palma.

Conta um "Itã" que é muito popular entre o "Povo-de-santo", que Oxalufã estava a caminho para visitar Xangô, rei de Oyó e encontrou Exú Elepô, "Exú", dono do azeite de dendê", pediu que Oxalufã, mesmo velho e curvado, apoiado em seu "Opaxorô", ajudasse Exú a colocar um pote no seu ombro, e, de repente Exú Elepô vira o pote cheio de azeite de dendê sobre Oxalufã. Daí acredita-se que surgiu essa quizila (Ewó) e as comidas e oferendas de Oxalá não devem ter dendê (Epó). Oxalá é denominado orixá "Fun Fun", branco.

Quiabeiro

USO RITUAL

Orixá - Xangô / Ibeji.
Elemento - Fogo.
Nome Yorubá - Ilá.

Nome Vulgar:	Quiabo.
Nome Botânico:	*Hibiscus esculentus* L. e *H. abelmosclus* L.
Família Botânica:	Malvaceae.
Origem:	Ásia / África. Herbário ALC/UFBA - N. R. 06575.
Parte Usada:	frutos.
Indicação Terapêutica:	as folhas e os frutos são indicados para uso externo em cataplasmas, como emoliente em casos de furunculoses e abscessos. Os frutos, os Quiabos, possuem intensa propriedade emulsificante. Indicado como alimento favorável para a recuperação de anêmicos. Na Guiana Francesa, fabricam-se colares com as suas sementes com objetivo de combater enxaqueca.

O Quiabo é uma planta mucilaginosa, cujas sementes têm em torno de 20% de um óleo amarelado, empregado no enriquecimento de ração para gado. As folhas são consideradas forragem para animais, da casca do caule são extraídas fibras de boa qualidade têxtil. Estudos recentes dos frutos de quiabo como fonte de insumos para a preparação de comprimidos mostrou resultados satisfatórios. (KALU, 2007)

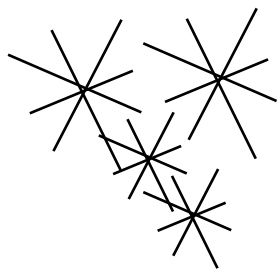
GLOSSÁRIO

Ageum - comida.
Caruru - prato típico feito com quiabos, camarão seco e dendê.
Cataplasma - papa medicamentosa que se aplica (geralmente quente), entre dois panos, a uma parte do corpo dolorida ou inflamada.

COMENTÁRIOS SOBRE USO RITUALÍSTICO

O Quiabo é fundamental para muitas receitas da culinária africana. É utilizado em várias oferendas, "Ageum" para os Orixás. O "Caruru" que pode ser oferecido aos "Ibejis" ou a "Iansã" tem como principal diferença a forma de cortar os quiabos.

Com esta planta prepara-se também o "Amalá de Xangô" e o "Agebó" que é feito com os quiabos crus. O "Agebó" deve ser feito com o objetivo de alcançar uma graça de Xangô com urgência, principalmente em casos relacionados à justiça dos homens e dos deuses.

Na cidade de Salvador, Bahia, durante todo o mês de setembro, são oferecidos os "Carurus de Cosme". Além de ser uma oferenda ritual, onde comem primeiro 7 crianças, é também considerado um evento social. Em dezembro, são oferecidos os "Carurus de Santa Barbára", também considerada ocasião festiva social onde os convidados comparecem, preferencialmente vestidos de vermelho e branco.

Alfavaca

Nome Vulgar:	Alfavaca-de-galinha, Quiôiô, Manjericão-dos-cozinheiros, Manjericão-de-molho
Nome Botânico:	*Ocimum gratissimum* L.
Família Botânica:	Lamiaceae.
Origem:	Ásia/Herbário A. L. C / UFBA N. R. - 029142 e 026632.
Parte usada:	folhas e sementes.
Indicação terapêutica:	é indicada nas dores articulares, alivia os incômodos dos gases intestinais, das gripes, resfriados e afecções respiratórias de diversas origens. Causa o aumento da secreção láctea (produção do leite materno).

Na Bahia, usado como tempero para aves foi identificado com o nome popular de Alfavaca-de-galinha, a espécie *Ocimum campechianum*, Herbário ALC/UFBA, N. R. - 029142. O Quiôiô, *Ocimum gratissimum*, é muito usado como condimento para temperar o feijão e a carne no litoral e recôncavo baiano.

Essa planta tem uso medicinal em muitos países, onde recebe os nomes de: Albahaca, dos hispano-americanos; A. moruna, dos

USO RITUAL

Orixá - Oxóssi/Ogum/ Xangô.
Elemento - Terra / Fogo.
Nome yorubá - Ẹ̀fínrín.
É comum encontrar a Alfavaca, ao lado do Comigo-ningué-pode (*Diffenbachia* sp.), Espada-de-ogum (*Sansevieria zeilandica)*, Espada-de-iansã (*Rhoeo discolor*) e Guiné (*Petiveria alliaceae*), todos utilizados com o propósito de proteção.

GLOSSÁRIO

Estudos farmacológicos pré-clínicos - avaliação da atividade biológica de determinada substância ou extratos vegetais em animais de laboratório. Os estudos realizados em humanos são denominados Estudos Clínicos.

espanhóis; Babui-tulshi, na Índia; Balanoi, nas Filipinas; Basilic aux cuseniers, Herbe Royale e Oranger de Savonetier, dos franceses; Há-bag, dos árabes; Sessék, na Absínia; Suvandu-talá, no Ceilão; Sweet-basil, dos ingleses.

Várias plantas do gênero Ocimum, são utilizadas em medicina popular e culinária. Entre essas, Alfavaca-de-cheiro – *Ocimum canum* Sim., Alfavaca-do-campo – *Ocimum incanescens* Mart. , Alfavaca-cheirosa – *Ocimum frutescens* Miil.

São ervas muito aromáticas, com alto teor de óleos essenciais e as mais populares são: *Ocimum basilicum* Hort. Manjericão-roxo, Manjericão-da-folha-larga, Basilicão; *Occimum minimum* L. , Manjerona, Manjericão; *Occimum crispum* Thbg. Manjericão-de-folha-crespa, Manjericão-da-Itália. Geralmente são indicadas em medicina popular sob a forma de xaropes e infusos para uso interno e inalações. Os banhos com o chá morno de *O. Gratissimum* é muito utilizado em banhos antigripais, especialmente em crianças. (REIS, 2008) O óleo essencial de *Ocimum gratissimum* L., o quiiôiô tem gerado muitas publicações que atestam suas ações como antidiabético, hipotensor, antifúngica, cicatrizante e anti-inflamatório, antimicrobiano, atividade contra vírus, leshimaniose e larvicida testada para o mosquito da dengue. A literatura mais extensa é para as ações antimicrobiana e repelente de insetos.

O Basilicão, como é conhecido na europa, provavelmente tem sua etiologia do grego *basilikon* e quer dizer real ou régia. Da mesma forma que se usa o termo basílica para qualificar uma igreja principal. Muitos afirmam que este termo poderia ter vindo do latim *basilisco*, nome do réptil que segundo a lenda matava com um simples olhar, em tempos atrás.

No século XVIII, um médico chamado Juan Holerio, escreveu em sua prática: "A maior virtude que tem a alfavaca é a de que se alguma mulher for atormentada no parto com veemíssimas dores, e puserem em sua mão a raiz inteira desta planta, então parirá prontamente, com pouca dor".

A planta traz muitas histórias antigas, quase sempre relacionadas com as conquistas amorosas, tais como o oferecimento dos galhos ou o preparo de perfumes, filtros, e pós mágicos de atração. Em diversas civilizações as espécies do gênero *Ocimum* estão relacionados com rituais religiosos. Nos cultos afro, pertencem a Oxóssi e Ogum. Na Índia, as sementes de formas variadas do manjericão são usadas para fazer rosários. A erva é consagrada a Krishna e Vishnu. É tradicional colocar um galho no peito dos mortos para servir de passaporte ao paraíso.

O óleo essencial de quiôiô é indicado em aromaterapia como estimulante geral, relaxante muscular, contra dor de cabeça e estresse. Neste predomina eugenol e cineol. O aroma do eugenol também majoritário no óleo essencial de *Syzygium aromaticum* L., cravinho-da-índia, faz com que tenha o nome popular em muitas regiões de Alfavaca Cravo. (LORENZI, 2008)

Na composição química de seu óleo essencial predomina linalol e cineol. As folhas apresentam Flavonóides e Triterpenóides.

Das diversas indicações medicinais, podem ser comprovadas as ações no sistema respiratório. A atividade inseticida, antimicrobiana, analgésica e espamolítica é devida à composição de seu óleo essencial. O extrato aquoso das folhas de *Ocimum gratissimum* demonstrou atividade antidiarréica significativa em estudos farmacológicos pré-clínicos. O gênero é muito usado na indústria de cosméticos e alimentos.

Plantas adaptógenas- são plantas que não atuam especificamente em determinado órgão ou sistema embora melhorem o estado geral do paciente. São consideradas imunoestimuladoras (que estimulam o sistema imunológico).

OBSERVAÇÕES

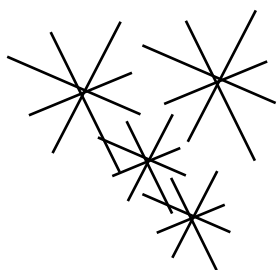
A alfavaca é utilizada em banhos de limpeza, descarrego, para retirar mau-olhado e doenças sem origem definida. A erva entra em outros rituais de limpeza como sacudimentos e ebós. É muito usada em jarros no interior das residências para afastar todo tipo de negatividade. Nos jardins são plantadas em frente às residências e casas comerciais com a finalidade de proteção. É planta guardiã, masculina, que afasta malefícios.

Em trabalhos conceituados com plantas adaptógenas, o gênero Ocimum, está incluído entre os melhores resultados para plantas testadas como possuidoras de atividade anti-stress. (WAGNER, 1994)

Resultados de estudos em animais de laboratório sugerem que o extrato aquoso de folhas da alfavaca pode produzir um efeito antidiarréico, pela inibição da mobilidade intestinal (ação antiespasmódica). (OFFIAH, 1999) Em avaliações posteriores, comprovou-se a ação hipoglicemiante da alfavaca em ratos. (AGUIYI, 2000)

Sabugueiro

USO RITUAL

Orixá - Obaluaie, Omulu e Xangô.
Elemento - Terra/Fogo.
Nome Yorubá - Àtòrìnà.

Nome Vulgar:	Sabugueiro
Nome Botânico:	*Sambucus australis* Cham. & Schltdl., *Sambucus nigra* L.
Família Botânica:	Caprifoliaceae.
Origem:	África/Ásia/Herbário ALC/UFBA/ N. R. 045784.
Parte Usada:	folhas e flores.
Indicação Terapêutica:	febres.

Testes laboratoriais e em humanos indicaram uma significativa inibição do vírus influenza, responsável por viroses do tipo gripe. O uso do vegetal alivia os sintomas causados por gripes em geral e febres. A literatura aponta que foram bem sucedidos os testes pré-clínicos para atividade anti-inflamatória. Os extratos aquosos em ratos, causaram aumento da diurese.

Na medicina popular é utilizado para aliviar febres sobre a forma de chá para banho e também para beber. Os banhos tem propósito cicatrizante e anti-inflamatório nos ferimentos em geral e principalmente naqueles causados pelo sarampo. Esse chá pode se preparado com 1 colher de sobremesa de flores picadas para 1 copo de água fervente. Tomar 2 vezes ao dia. Não fazer uso das folhas.

Na IN 05 da ANVISA-MS, D.O.U. de 12 de dezembro de 2008, temos a citação do uso das flores de *Sambucus nigra* L., entre as drogas vegetais de registro simplificado, ou seja, aquelas que têm eficácia e segurança bem estudadas.

O uso do sabugueiro está listado sob a forma de tintura e extrato, o principal bioativo é o flavonóide isoquercetina e tem como indicação terapêutica o tratamento sintomático de gripes e resfriados atuando como mucolítico e expectorante.

COMENTÁRIOS SOBRE USO RITUALÍSTICO

O Sabugueiro é utilizado nos banhos e lavagem de contas para os filhos de Obaluaiê, suas flores podem ser colocadas em oferenda para o Orixá. Ressalta-se a analogia do uso em medicina popular das flores do Sabugueiro para sarampo com a função de aliviar a febre e "abrir as erupções", denominado popularmente "puxar a doença", pelo fato de Obaluaiê está relacionado com as doenças contagiosas e afecções cutâneas em geral. A questão da referência da doença ao Orixá é complementada com o hábito de se colocar um pano vermelho na janela do quarto do doente (que deve estar escuro). É usado também o banho de pipocas, (denominado "banho-de-flores"), que tem sua explicação no fato de que no momento da preparação das mesmas, o milho eclode, tal como as erupções da pele que são características do período em que o sarampo se manifesta.

GLOSSÁRIO

D.O.U - Diário Oficial da União

Referências

DENDEZEIRO

ASASE, A. et al. Ethnopharmacological use of herbal remedies for the treatment of malaria in the Dangme West District of Ghana. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 129, n. 3, p. 367-376, Jun. 2010.

BALASUNDRAM, N., et al. Antioxidants from palm (*Elaeis guineensis*) fruit extracts. **Asia Pac. J. Clin. Nutr.**, v. 12, p. S37, 2003. Suppl.

BASTIDE, R. **O canbomblé da Bahia**. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1978.

GARCIA-BARRIGA, H. **Flora medicinal da Colombia**. Bogotá: Univ. Nac. Bogotá, Instituto de Ciências Naturais, 1975.

LODY, R. **Tem dendê, tem axé**: etnografia do dendezeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 1992. 120p.

OLUBA, O. M. et al. Effects of palm oil supplementation on lipid peroxidation and glutathione peroxidase activity in cholesterol – fed rats . **The Internet Journal of Cardiovascular Research**. v. 6, n. 1, 2009. Disponível em < http://www.ispub.com/journal/the_internet_journal_of_cardiovascular_ research/volume_6_number_1_30/article/effects_of_palm_oil_supplementation_on_lipid_peroxidation_and_glutathione_peroxidase_activity_in_cholesterol_fed_rats.html>. Acesso em: 04 nov. 2010.

PALSSON, K.; JAENSON, T. G. T. Plant products used as mosquito repellents in Guinea Bissau, West Africa. **Acta Tropica**, v. 72, n. 1, p. 39-52, Jan. 1999.

SANTOS, J. E. **Os nagos e a morte**: pàde, àsèsè e o culto ègun na Bahia. 6.ed. Rio de janeiro: Vozes, 1986. 240p.

VERGER, P. F. **Lendas africanas dos orixás**, 4.ed. Salvador: Corrupio, 1997. 95p.

QUIABEIRO

ALZUGARAY, D. et al. **Plantas que curam**: a natureza a serviço de sua saúde. São Paulo: Ed. Três, 1983, 720p.

CORRÊA, M. P. **Dicionário das plantas uteis do Brasil e das exóticas Cultivadas.** 2.ed. Rio de Janeiro: IBDF, 1984. 4330p. 3.v.

CRUZ, G. L. **Dicionário das plantas úteis do Brasi**l. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. 599p.

GURBUZ, I. et al. Anti-ulcerogenic activity of some plants used as folk remedy in Turkey. **J. Ethnopharmacol**, v. 88, n. 1, p. 93-97, Sep. 2003.

KALU, V. D. et al. Matrix properties of a new plant gum in controlled drug delivery. **Arch. Pharm. Res**., v. 30, n. 7, p. 884-889, Jul. 2007.

NDJOUENKEU, R. et al. Emulsifying properties of three African food hydrocolloids: okra (Hibiscus esculentus), dika nut (Irvingia gabonensis), and khan (Belschmiedia sp.). **Plant foods for human nutrition**, v. 51, n. 3, p. 245-255, 1997.

ALFAVACA

AGUIYI, J. C. et al. Hypoglycaemic activity of *Ocimum gratissimum* in rats. **Fitoterapia**, v. 71, n. 4, p. 444-446, Aug. 2000.

AHONKHAI, I. et al. Antimicrobial activities of the volatile oils of *Ocimum bacilicum* L. and *Ocimum gratissimum* L. (Lamiaceae) against some aerobic dental isolates. **Pak J Pharm Sci**, v. 22, n. 4, p. 405-409, Oct. 2009.

AZIBA, P. I. et al. Pharmacological investigation of Ocimum gratissimum in rodents. **Phytotherapy Research**., v. 13, n. 5, p. 427-429, Aug 1999.

BRAGA, F. G. et al. Antileishmanial and antifungal activity of plants used in traditional medicine in Brazil. **J Ethnopharmacol**, v. 111, n. 2, p. 396-402, May 2007.

CAVALCANTI, E. S. et al. Larvicidal activity of essential oils from Brazilian plants against *Aedes aegypti* L. **Mem Inst Oswaldo Cruz**, v. 99, n. 5, p. 541-544, Aug. 2004.

COSTA, A. F. **Farmacognosia**. Lisboa: Fund. Caloust Gulbenkian, 1970.

CRUZ, G. L. **Dicionário das plantas úteis do Brasil**. 5.ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1995. 599p.

EGESIE, U. G. et al. Safety and hypoglycaemic properties of aqueous leaf extract of *Ocimum gratissimum* in streptozotocin induced diabetic rats. **Niger J Physiol Sci**, v. 21, n. 1-2, p. 31-35, Jun./Dec. 2006.

ILORI, M. O. et al. Antidiarrhoeal activities of Ocimum gratissimum (Lamiaceae). **Journal of Diarrhoeal Diseases Research**, v. 14, n. 4, p. 283-285, Dec. 1996.

INTERAMINENSE, L. F. et al. Pharmacological evidence of calcium-channel blockade by essential oil of *Ocimum gratissimum* and its main constituent, eugenol, in isolated aortic rings from DOCA-salt hypertensive rats. **Fundam Clin Pharmacol**, v. 21, n. 5, p. 497-506, Oct. 2007.

LORENZI H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas**. 2.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. p. 320.

MATASYOH, L. G. et al. Antimicrobial activity of essential oils of Ocimum gratissimum L. From different populations of Kenya. **Afr J Tradit Complement Altern Med**, v. 5, n. 2, p. 187-193, 2008.

NAKAMURA, C. V. et al. Antibacterial activity of Ocimum gratissimum L. essential oil. **Memorias Do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 94, n. 5, p. 675-678, Sep./Oct. 1999.

OFFIAH, V. N.; CHIKWENDU, U. A. Antidiarrhoeal effects of Ocimum gratissimum leaf extract in experimental animals. **J Ethnopharmacol**, v. 68, n. 1-3, p. 327-330, Dec. 1999.

OPARAOCHA, E. T. et al. Preliminary study on mosquito repellent and mosquitocidal activities of *Ocimum gratissimum* (L.) grown in eastern Nigeria. **J Vector Borne Dis**, v. 47, n. 1, p. 45-50, Mar. 2010.

SILVA, B. M.; MARQUES, E. B. V. **As essências florais de Minas**: síntese para uma medicina de almas. 2.ed. São Paulo: Aquariana. 1997. 301p.

SILVA, M. R. et al. Antifungal activity of *Ocimum gratissimum* towards dermatophytes. **Mycoses**, v. 48, n. 3, p. 172-175, May 2005.

_______. Evaluation of anti inflamatory activity of fatty acids of *Ocimum sanctum*, fixed oil, **Indian J. Exp. Biol**. v. 35, n. 4, p. 380-383, Apr. 1997.

SINGH, S. et al. Evaluation of anti-inflammatory potential of fixed oil of Ocimum sanctum (Holybasil) and its possible mechanism of action. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 54, n. 1, p. 19-26, Oct. 1996.

TANKO, Y. et al. Anti-nociceptive and anti-inflammatory activities of aqueous leaves extract of *Ocimum gratissimum* (Labiate) in rodents. **Afr J Tradit Complement Altern Med**, v. 5, n. 2, p. 141-146, 2008.

UEDA-NAKAMURA, T. et al. Antileishmanial activity of Eugenol-rich essential oil from *Ocimum gratissimum*. **Parasitol Int**., v. 55, n. 2, p. 99-105, Jun. 2006.

USIP, L. P. et al. Longitudinal evaluation of repellent activity of *Ocimum gratissimum* (Labiatae) volatile oil against *Simulium damnosum*. **Mem Inst Oswaldo Cruz**, v. 101, n. 2, p. 201-205, Mar. 2006.

WAGNER, H. N. et al. Plant Adaptogens I. **Phytomedicine**. v. 1, p. 63-76, 1994.

SABUGUEIRO

BATTELLI, M. G. et al. Toxicity and cytotoxicity of nigrin b, a two-chain ribosome-inactivating protein from Sambucus nigra: Comparison with ricin. **Archives of Toxicology**, v. 71, n. 6, p. 360-364, Apr. 1997.

BEAUX, D. et al. Effect of extracts of Orthosiphon stamineus Benth, Hieracium pilosella L., Sambucus nigra L. and Arctostaphylos uva-ursi (L.) Spreng. in rats. **Phytotherapy Research**, v. 13, n. 3, p. 222-225, May 1999.

BRASIL. **Instrução Normativa n. 5, de 11 de dezembro de 2008**. Determina a "Lista de Medicamentos Fitoterápicos de Registro Simplificado". Diário Oficial da União, 12 dezembro de 2008.

ITO, T. et al. Receptor specificity of influenza A viruses correlates with the agglutination of erythrocytes from different animal species. **Virology**, v. 227, n. 2, p. 493-499, 1997.

LORENZI H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais do Brasil**: nativas e exóticas. 2.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

SCHULZ, V.; TYLER, E. V. **Fitoterapia racional**. 4.ed. São Paulo: Manole, 2001.

SILVA, R. A. D. **Farmacopeia dos Estados Unidos do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1926.

UENO, K. et al. Reduced sialylation of glycoproteins in nasal glands of patients with chronic sinusitis. **Acta Otolaryngol**, v. 117, n. 3, p. 420-3, May 1997.

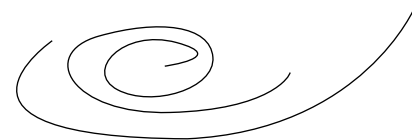
YESILADA, E. et al. Inhibitory effects of Turkish folk remedies on inflammatory cytokines: interleukin-1alpha, interleukin-1beta and tumor necrosis factor alpha. **J Ethnopharmacol**, v. 58, n. 1, p. 59-73, Sep. 1997.

ZACAY-RONES, Z. et al. Inhibition of several strains of influenza virus in vitro and reduction of symptoms by an elderberry extract (*Sambucus nigra* L.) during an outbreak of influenza B Panama. **J. Altern. Complement Med.** v. 1, n. 4, p. 361-369, 1995.

Ar

Aroeira

USO RITUAL

Orixá - Iansã/Ogum.
Elemento - Ar/Terra.
Nome Yorubá - Àjóbi Pupa.
Observações - Nos rituais afro-brasileiros são usados também as folhas de aroeira-branca, dedicadas a Xangô e Iansã chamada em Yorubá, Àjóbi funfun. A espécie citada, *Lithrea malleoides* Engl, pertence à família Anacardiaceae.

Nome Vulgar: Aroeira-roxa, Aroeira-vermelha, Pimenta-rosa.

Nome Botânico: *Schinus terebinthifolius* Rad.

Família Botânica: Anacardiaceae.

Origem: América do Sul/Herbário ALC/UFBA N. R. 31086.

Parte Usada: folhas e cascas de caule.

Indicação Terapêutica: chá usado como antiulceroso, antirreumático, antidiarreico e adstringente. Uso externo como cicatrizante, anti-inflamatório. Indicado em banhos de assento nos corrimentos vaginais. É usado também para febres em geral.

Outras espécies são conhecidas como Aroeira-vermelha, *Schinus aroeira*, *Schinus molle* L. e *Astronium urundeuva*, todas da família Anacardiaceae, características de remanescentes da Mata Atlântica no Nordeste do Brasil.

A planta é arbusto de médio porte, com ramos folhosos e frutos vermelhos. Como outros gêneros da família Anacardiaceae, como o *Anacardium occidentale* L. (o caju), tem como principal característica química a abundante biossíntese de polifenóis, dentre estes, taninos.

As propriedades antidiarréica e antisséptica intestinal dos taninos, devem-se a formação de complexos com as proteínas diminuindo sua permeabilidade, resultando numa proteção insolúvel sobre a mucosa intestinal, tendo assim ação antidiarréica.

O uso da Aroeira em medicina popular contra ulcerações gástricas está validado por testes farmacológicos e estudos clínicos que confirmam tal atividade terapêutica. Entretanto, o uso prolongado pode causar irritação na mucosa gástrica.

Algumas das atividades citadas na medicina popular que incentivam o amplo uso das folhas da aroeira, continuam sendo estudadas em laboratório com resultados promissores, tais como ação anti-inflamatória, antimicrobiana e além de não apresentar toxidez nas doses terapêuticas. Esses resultados podem justificar seu uso como cicatrizante. (LIMA, L. 2009; EL-MASSARY, 2009; LUCENA; 2006; BRANCO NETO, 2006), (LIMA, M., 2006) Em vários projetos da pastoral da saúde e movimentos populares de saúde são preparados os sanativos, uma tintura com aroeira, barbatimão e entrecasco de cajueiro, para uso externo em curativos.

A portaria n. 2.982, de 26 de novembro de 2009, listou seis fitoterápicos para serem incluídos no Elenco de Referência de Medicamentos e Insumos Complementares para a Assistência Farmacêutica na Atenção Básica em Saúde. Entre esses está a *Schinus terebintifolius*, para uso ginecológico. Os demais são: *Cynara scolymus* (alcachofra), *Rhamnus purshiana* (Cascara sagrada), *Glycine max* (soja), *Uncaria tomentosa* (unha-de-gato) e *Harpagophytum procumbens* (garra-do-diabo).

Na sua composição química estão principalmente: monoterpenos (alfa-pineno, limoneno, alfa-felantreno), sesquiterpenos e triterpenos esteroidais.

COMENTÁRIOS SOBRE USO RITUALÍSTICO

Sendo folha de Iansã, senhora dos “Eguns”, é muito usada para banhos de “descarrego” e “limpeza”. Pode também servir de folhas de “batimento” nos “sacudimentos”. Está entre as plantas selecionados para a preparação do “Abô”. O “Abô”, líquido considerado como possuidor de poderes sagrados para afastar malefícios e “Eguns,” é preparado com vários itens vegetais fermentados, armazenados por várias luas em potes de barro enterrados no solo.

Com o “Abô”, prepara-se banhos e águas para “limpeza” do corpo e de ambientes.

Louro

Nome Vulgar: Folha-de-louro, Loureiro, Loureiro-dos-poetas, Loureiro-de-apolo.

Nome Botânico: *Laurus nobilis* L.

Família Botânica: Lauraceae.

Origem: Europa, aclimatado no Brasil / Herbário ALC/ N. R. 16788.

Parte Usada: folhas.

Indicação Terapêutica: digestivo, auxiliar nos tratamentos dos gases intestinais e estomacais. Usado nos casos de amenorreia. Deve ser evitado pelas senhoras grávidas. Foi comprovada a atividade antiúlcera do extrato aquoso em estudos farmacológicos pré-clínicos, porém pouco significativa. Na África, em Ghana, estudos etnofarmacológicos indicam o uso das folhas de louro para o tratamento da malária. (ASASE, 2010)

Em muitos países seu uso na culinária tem não apenas o propósito de ser condimento aromático, mas também auxiliar na digestão e eliminação de gases. A atividade antioxidante estomacal, carminativa e antimicrobiana, voltou a despertar o interesse no estudo do vegetal de uso milenar. (DALL'ACQUA, 2009; MISHARINA, 2009; LIU,2009)

USO RITUAL

Orixá - Iansã / Ossain.
Elemento - Ar.
Nome Yorubá - Ewé Oyá/ Ewé Osá.

GLOSSÁRIO

Amenorreia - ausência do fluxo menstrual.

OBSERVAÇÕES

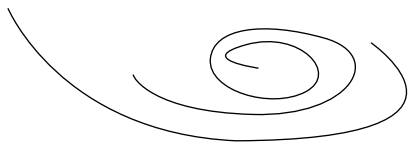
As folhas de louro são utilizadas nos banhos e oferendas para Iansã. Nos banhos pode estar associada a erva-prata ou erva-de-sta-barbára, como é conhecida na Bahia. Em defumadores, com o propósito de atrair prosperidade, usa-se folhas de louro, noz-moscada ralada e alguns cravos-da-índia, resultando em incenso de aroma exótico e agradável. Na oferenda de acarajés para Oyá, é comum ornamentar o prato com folhas de louro.

As folhas-de-louro preservam tradições que remetem às civilizações greco-romanas pois com o Louro faziam-se, nessa época, coroas oferecidas aos homens ilustres, que se destacavam nas artes, nas letras, na política e nas batalhas. Com essas coroas, premiavam-se os campeões esportivos, costume que foi mantido. Daí, origina-se o adágio: "Ao vencedor, os louros".

As folhas-de-louro mantêm várias relações místicas. Na Europa antiga, era símbolo de ressurreição e divinações. Acreditava-se que usada sob o travesseiro, estimulava sonhos mágicos e revelações. Da mesma forma, os galhos colocados atrás da porta principal da casa têm função de proteção contra raios e trovões, além de afastar feitiços e demônios.

No Brasil, as folhas-de-louro estão relacionadas com prosperidade e obtenção de bens materiais. Existe um costume de no dia 1º de janeiro, logo após o início do novo ano, colocar uma Folha-de-louro na carteira de notas. Caso haja uma do ano anterior, deve-se trocar por outra, objetivando sucesso financeiro durante o ano que se inicia.

Algumas famílias, colocam uma bandeja com louro sobre a mesa da ceia de reveillon, para trazer prosperidade aos familiares. As mesmas são distribuídas entre os convidados.

O Louro é condimento tradicional da culinária brasileira, seu aroma característico transmite aos alimentos sabor agradável além de facilitar a digestão de pratos gordurosos como feijoada, sarapatel, mocotó, petiscos onde as Folhas-de-louro sempre fazem parte das receitas.

Milho

USO RITUAL

Orixá - Iansã/Oxóssi.
Elemento - Ar/Terra.

Nome Vulgar:	Milho, Cabelo-de-Milho.
Nome Botânico:	*Zea mays* L.
Família Botânica:	Poaceae.
Origem:	América do Sul/Herbário A. L. C./UFBA/N. R. 00847.
Parte Usada:	estigmas. Popularmente conhecido como Cabelo-de-milho.
Indicação Terapêutica:	algumas publicações científicas atestam como verdadeira a atividade diurética dos estigmas do milho e sua influência no controle da hipertensão, relatados na medicina popular. É auxiliar nos tratamentos de cálculos renais. É um alimento bastante energético devido ao seu alto teor de açúcar e amido. As atividades diurética, hipotensora, hipoglicemiante e colagoga dos extratos dos estigmas de milho em camundongos mostraram resultados promissores. (VELASQUEZ, 2005)

O milho, originário de costumes dos índios sul-americanos, ganhou o mundo e, além de seu valor nutritivo, tem destaque no mercado

pelo seu valor industrial na obtenção de óleo comestível. Depois do trigo e arroz, aparece como o cereal mais cultivado, de mais amplo emprego. Está presente na culinária de muitos países sob a forma fresca (o grão) ou de farinha.

No Brasil, o angú, a polenta, o cuscuz, a canjica e a pamonha estão bem representados nas diferentes regiões do país. O milho cozido, assado, a pamonha e a canjica são pratos regionais nordestinos, que têm destaque no período das festas juninas.

Símbolo de prosperidade para o homem do campo, reza a tradição que tem de chover no dia de São José (19/03) para ter milho em S. João (24/06). Na região do Crato, no Ceará, um prato salgado de origem indígena e restrito àquela região, é o mugunzá. É semelhante à feijoada e preparado com carnes salgadas de boi e porco onde o feijão é substituído pelo milho branco.

COMENTÁRIOS SOBRE USO RITUALÍSTICO

Nos rituais de origem africana, o milho de vários tipos está presente em muitas oferendas e rituais de proteção e prosperidade. O milho-alho, com o qual faz-se pipoca, é oferenda para Obaluaiê e integra rituais de limpeza e pedido de saúde. Em Salvador, na porta da Igreja de São Lázaro, os fiéis tomam o “banho-de-pipoca” para pedir saúde ou para livrar-se mais rápido de doenças.

O milho branco cozido com o qual se faz mugunzá, é oferecido a Oxalá. O milho vermelho seco é comida de Ogum e de Oxóssi. O milho vermelho picado, tipo canjiquinha é oferecido a Ossaim.

Nos terreiros, é comum como parte da chamada “segurança da casa”, as espigas de milho verde, que devem ser amarradas a fitas de

várias cores e colocadas no centro do salão, no local mais alto (cumieira). Este hábito é mais comum se o terreiro for de Oxóssi.

Para trazer boa sorte e dinheiro são colocadas espigas de milho com fitas coloridas atrás da porta principal da residência ou comércio. Esse mesmo milho verde assado, é oferenda para Oxóssi e Iansã. Para oferendas a Iansã, pode-se também abrir a espiga, sem retirar toda a palha e espalhar mel sobre o milho verde e fresco, acompanhada do banho de alfavaca, cravo-da-índia e 14 caroços de milho.

Em algumas casas de umbanda, no dia 13 de maio, dedicado às "Almas Santas Benditas", a comida oferecida é o mugunzá, feito com milho branco e leite de côco.

Bambu

USO RITUAL

Orixá - Iansã.
Elemento - Ar.
Nome Yorubá - Dankó.
Observações - As folhas de bambu são usadas nos banhos para os filhos de Iansã e a árvore é local sagrado para a colocação de oferendas à deusa. Seus galhos são utilizados também em rituais de "limpeza" e banhos para o mesmo fim. O aspecto dos mesmos, leves, sensíveis ao vento, emitem sons ao se movimentar que segundo a tradição do candomblé, seria uma forma de comunicação do Orixá com seus devotos.

Nome Vulgar: Bambu, Broto de Bambu.

Nome Botânico: *Bambusa vulgaris* L.

Família Botânica: Poaceae.

Origem: Ásia/Herbário A. L. C./UFBA/N. R. 00731.

Parte Usada: folhas e brotos.

Indicação Terapêutica: em medicina popular, é indicado como diurético, hipotensor, auxiliar nos tratamentos de cálculos renais. Para dores de coluna, calcanhar e outras dores articulares indica-se popularmente o uso do chá das folhas e imersão das partes doloridas no decocto das mesmas.

Em testes terapêuticos realizados com pacientes que estão em tratamento quimioterápico, foram utilizadas plantas da tradicional medicina chinesa para aliviar os incômodos da quimioterapia. Entre elas o Bambu, obtendo como resultado o alívio dos sintomas causados por altas doses de metotrexato. Os extratos aquosos de *B. vulgaris* L., testados em ratos, indicaram atividade hipoglicêmica, diminuindo significativamente o nível de glicose sanguínea. Publicações recentes abordam a toxicidade para o fígado dos extratos aquosos do chá de bambu apesar

de a literatura recente divulgar experiências bem sucedidas para o tratamento da malária. (ASASE, 2010; YAKUBU, 2009)

O Bambu é uma árvore originária da Índia, onde é considerada "Planta Sagrada". Do sumo das suas folhas, faz-se o denominado "Açúcar-de-bambu", provavelmente o primeiro açúcar usado pelo homem. Do mesmo sumo, prepara-se uma espécie de aguardente, denominado "tabaxir". Seus brotos comestíveis têm sabor semelhante ao do palmito e são utilizados na culinária chinesa. Na Ásia, o bambu fornece matéria-prima para a fabricação de papel e de objetos artesanais. O chá das folhas tem sido usado popularmente para o tratamento de doenças da coluna, em analogia ao formato ereto da planta e dividido em gomos (colmos), semelhante à coluna vertebral. As folhas são indicadas popularmente como possuidoras de ação anti-hemorrágica e os brotos pela ação estomáquica e antidiarréica.

GLOSSÁRIO

Metotrexato - droga usada em tratamento quimioterápico.

Decocto - preparação farmacêutica resultante do cozimento de folhas ou outra parte do vegetal, em água.

Referências

<u>AROEIRA</u>

BRANCO NETO, M. L. et al. [Evaluation of hydroalcoholic extract of Aroeira (*Shinus Terebinthifolius Raddi*) in the healing process of wound skin in rats]. **Acta Cir Bras**, v. 21, p. 17-22, 2006. Suppl 2.

DE LIMA, M. R. F. et al. Anti-bacterial activity of some Brazilian medicinal plants. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 105, n. 1-2, p. 137-147, 2006.

EL-MASSRY, K. F. et al. Chemical compositions and antioxidant/antimicrobial activities of various samples prepared from *Schinus terebinthifolius* leaves cultivated in Egypt. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 57, n. 12, p. 5265-5270, 2009.

GUNDIDZA, M. Antimicrobial activity of essential oil from Schinus molle Linn. **Cent Afr J Med**, v. 39, n. 11, p. 231-234, Nov. 1993.

HASLAM, E. et al. Traditional Herbal Medicines: the Role of Polyphenols. **Planta Medica**, n. 1, p. 1-8, Feb. 1989.

JAIN, M. K. et al. Specific competitive inhibitor of secreted phospholipase A2 from berries of Schinus terebinthifolius. **Phytochemistry**, v. 39, n. 3, p. 537-547, Jun. 1995.

LIMA, L. B. et al. Acute and subacute toxicity of *Schinus terebinthifolius* bark extract. **J Ethnopharmacol**, v. 126, n. 3, p. 468-473, Dec. 2009.

LUCENA, P. L. et al. [Evaluation of the aroreira (*Schinus terebinthifolius* Raddi) in the healing process of surgical incision in the bladder of rats]. **Acta Cir Bras**, v. 21, p. 46-51, 2006. Suppl 2.

MARTINEZ, M. J. et al. Screening of some Cuban medicinal plants for antimicrobial activity. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 52, n. 3, p. 171-174, Jul. 1996.

MENEZES, A. M. et al. Antiulcerogenic activity of Astronium urundeuya (aroeira). **Fitoterapia**, v. 57, p. 253-256, 1986.

MENEZES, A. M.; RAO, V. S. Effect of Astronium urundeuva (aroeira) on gastrointestinal transit in mice. **Braz J Med Biol Res**, v. 21, n. 3, p. 531-533, 1988.

REIS, M. C. P. et al. **Memento Terapêutico**: Programa de Fitoterapia, Secretaria de Saúde do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

STRYER, L. **Bioquímica**. 5.ed. Rio de janeiro: Guanabara Koogan, 1996. 1000p.

LOURO

AFIFI, F. U. et al. Evaluation of the gastroprotective effect of Laurus nobilis seeds on ethanol induced gastric ulcer in rats. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 58, n. 1, p. 9-14, 1997.

ASASE, A. et al. Ethnopharmacological use of herbal remedies for the treatment of malaria in the Dangme West District of Ghana. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 129, n. 3, p. 367-376, 2010.

DALL'ACQUA, S. et al. Phytochemical composition and antioxidant activity of *Laurus nobilis* L. leaf infusion. **J Med Food**, v. 12, n. 4, p. 869-876, Ago. 2009.

LIU, M. H. et al. Synergistic effect of kaempferol glycosides purified from *Laurus nobilis* and fluoroquinolones on methicillin-resistant *Staphylococcus aureus*. **Biol Pharm Bull**, v. 32, n. 3, p. 489-492, Mar. 2009.

MATSUDA, H. et al. Preventive effect of sesquiterpenes from bay leaf on blood ethanol elevation in ethanol-loaded rat: structure requirement and suppression of gastric emptying. **Bioorg Med Chem Lett**, v. 9, n. 18, p. 2647-2652, Sep. 1999.

MISHARINA, T. A. et al. [Antioxidant properties of essential oils]. **Prikl Biokhim Mikrobiol.**, v. 45, n. 6, p. 710-716, Nov./Dec. 2009.

MILHO

FERNANDO, M. R. et al. Hypoglycemic Activity of Some Medicinal-Plants in Sri-Lanka. **General Pharmacology**, v. 21, n. 5, p. 779-782, 1990.

LAINETTI, R. et al. **A cura pelas ervas e plantas medicinais brasileiras**. [Rio de Janeiro]: Tecnoprint. 1979, 169p.

MORGAN, R. **Enciclopedia das ervas & plantas medicinais**. São Paulo: Hemus, 1979. 555p.

VELAZQUEZ, D. V. et al. *Zea mays* L. extracts modify glomerular function and potassium urinary excretion in conscious rats. **Phytomedicine**, v. 12, n. 5, p. 363-369, Maio 2005.

BAMBU

ASASE, A. et al. Ethnopharmacological use of herbal remedies for the treatment of malaria in the Dangme West District of Ghana. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 129, n. 3, p. 367-376, 2010.

FERNANDO, M. R. et al. Hypoglycemic Activity of Some Medicinal-Plants in Sri-Lanka. **General Pharmacology**, v. 21, n. 5, p. 779-782, 1990.

LIU, J. Q.; WU, D. W. [32 cases of postoperative osteogenic sarcoma treated by chemotherapy combined with Chinese medicinal herbs]. **Zhongguo Zhong Xi Yi Jie He Za Zhi**, v. 13, n. 3, p. 150-152, Mar. 1993.

YAKUBU, M. T. et al. Toxicological implications of aqueous extract of *Bambusa vulgaris* leaves in pregnant Dutch rabbits. **Hum Exp Toxicol**, v. 28, n. 9, p. 591-598, Set. 2009.

Almanaque

O Almanaque é originário do árabe, AL-MANAKH, uma das formas mais antigas de compilação do conhecimento, contendo informações de interesse geral, científico e literário.

Foi pensando no resgate das tradições que criou-se o almanaque, para contar de forma simples e didática a história e o que se deve saber sobre o uso de plantas com fins medicinais.

Ao longo da história, na Grécia Antiga, acreditava-se que o poder curativo das plantas vinha do fato de serem propriedade dos deuses. A sistematização sobre as formas de percepção das plantas medicinais construiu-se a partir dos alquimistas, filósofos e pensadores que produziram ao longo da evolução da humanidade uma série de manuscritos. Um dos considerados mais importantes é o "Papiro de Egbers", originário do Egito, datado de 2000 a.C, descrevendo mais de 700 tipos de plantas, receitas e formas de uso, para dores, angústias, doenças de pele, inalações, gargarejos, banhos de assento, dentre outros...

Algumas receitas despertam grande interesse até os dias atuais. Dentre elas o "creme antienvelhecimento da pele", com Olíbano e Cipreste, pela eficácia destes óleos essenciais nos tratamentos de pele.

"A partir de meados do século XX, pesquisas transculturais e médicas com evidências anatômicas, fisiológicas e emocionais vem transformando o papel da aromaterapia, através da utilização dos óleos essenciais oriundos das plantas aromáticas.

O fomento pela (re)construção de práticas e conceitos em relação ao que se entende por saúde e doença vem transformando a forma de "pensar a ação", priorizando as ações complementares, ou seja, a inserção do conhecimento popular na ciência e vice-versa. Sendo assim, a evolução da química sintética não elimina o reconhecimento das

práticas tradicionais em saúde. O retorno às práticas mais próximas à natureza vem demonstrando uma tendência do homem do século XXI em resgatar suas tradições e heranças culturais na busca por melhor qualidade de vida.

Conhecimentos botânicos

A Botânica, direcionada às plantas medicinais, deve fundamentar-se principalmente na identificação de drogas vegetais e na sistemática vegetal, procurando sempre usar exemplos de espécies vegetais com atividades farmacológicas conhecidas.

É de grande importância para quem trabalha com drogas vegetais, conhecer o nome botânico das plantas, pois os nomes populares variam de uma cultura para outra e da região geográfica onde se localiza.

O nome científico das espécies vegetais é binominal e escrito em latim. A primeira palavra corresponde ao nome genérico e a segunda corresponde ao nome específico. Por exemplo:

Coffea	*arabica* L. (nome do autor que descreveu o vegetal, Linee.)
nome genérico	nome específico

Com certa frequência, costuma-se acrescentar ao conjunto, o nome do autor que descreveu o vegetal pela primeira vez. No caso acima, L., corresponde ao nome do botânico Linee.

O nome científico é universal e serve para caracterizar a espécie que designa. Em levantamentos bibliográficos na literatura especializada, é o nome científico do vegetal que deve ser empregado como palavra-chave.

Coleta, armazenamento e conservação de plantas medicinais

Coleta

As plantas medicinais podem ser cultivadas em hortas denominadas "hortos farmacobotânicos" ou as populares "farmácias vivas". Geralmente usam-se as plantas nativas da região e é importante conhecer algumas informações sobre como coletar estes vegetais.

Existem períodos mais adequados para coleta das plantas de acordo com a parte necessária para preparar os remédios caseiros.

As plantas são verdadeiras "fábricas de substâncias químicas" e em determinados horários do dia e períodos de seu crescimento, elas têm diferentes quantidades das substâncias bioativas responsáveis pelos efeitos terapêuticos desejados.

As melhores horas para efetuar coleta são as do período matinal, logo após a total secagem do orvalho, e as horas do fim da tarde em dias de muito sol. Não devemos colher plantas umedecidas pelo orvalho, ou chuva, porque esta água favorece as fermentações e formação de bolores, fungos, inutilizando a planta.

Nota: O melhor, quando possível, é usar as plantas frescas, mas nem sempre quando precisamos, elas estão disponíveis. Outras são de difícil acesso como aquelas encontradas em matas e montanhas. Por essas razões, é bom colher e guardá-las secas para usar quando necessário.

Folhas, Talos e Flores

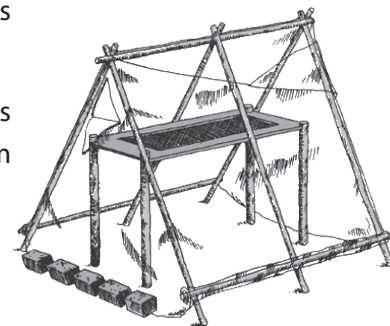
Devem ser colhidos, preferencialmente, quando as flores da planta estão a ponto de se abrir.

Raízes e Rizomas

A época melhor para coletá-las é no outono e inverno, período em que a planta está preparando-se para o verão próximo, período mais seco, armazenando mais alimento e portanto maior concentração de substâncias úteis ao homem.

Secagem

A secagem das plantas medicinais, principalmente as aromáticas, deve ser iniciada após a colheita e no mesmo dia. Se uma planta levar muitas horas para ser limpa e começar a secar, poderá alterar seus princípios ativos perdendo sua qualidade medicinal.

Deve-se separar as folhas furadinhas, secas, atacadas por insetos e as mofadas. É de extrema importância a qualidade das folhas a serem utilizadas.

A secagem tem por objetivo retirar a água existente no interior da planta (desidratar) para conservar por mais tempo. Assim, diminui-se a perda de seus princípios medicinais e aromáticos, pois evita-se o ataque de enzimas. As enzimas existem no interior das plantas e logo após a coleta começam a agir e podem destruir os seus princípios bioativos.

As enzimas agem, principalmente, nos casos onde há maior umidade. Para as plantas com fins medicinais é fundamental evitar a ação das mesmas, secando-as o mais rápido possível após a coleta.

A secagem pode ser ao sol, na sombra ou em estufas. As plantas devem ser distribuídas sobre estrados, esteiras suspensas ou telas levantadas por estacas.

Quando secamos em sol direto é aconselhável usar um paninho fino e claro ou palha sobre as plantas para proteger do sol excessivo, da poeira e dos insetos.

Algumas plantas, como as ervas aromáticas, devem ser secas ao ar livre, na sombra; indica-se o mesmo para flores em geral. As raízes suculentas e sem cheiro forte, os frutos carnudos, as cascas, as folhas e sementes não aromáticas devem ser secas ao sol.

As sementes oleaginosas devem ser secas com pouco calor para não alterar o óleo.

Para as folhas, é bom método secá-las em maços. As sementes podem ser colocadas dentro de sacos de tecido fino de algodão, pendurados em locais altos e arejados.

Armazenamento

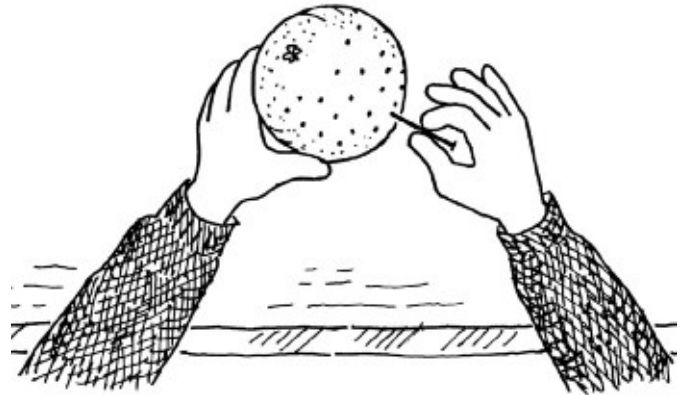
Existem alguns cuidados que são imprescindíveis no armazenamento das plantas:

O local deve ser seguro, onde ratos e insetos não penetrem e que esteja totalmente livre da umidade, calor excessivo e incidência de raios solares. Assim, garantimos que as plantas tenham boa qualidade para uso por muitos meses; algumas chegam até a durar dois anos. Prazo (médio) de validade para as plantas.

Guardar em vidros, latas ou potes plásticos bem vedados. Os vidros, de preferência escuros para evitar a luz do sol direta, pois pode alterar as propriedades das plantas, inativando sua ação medicinal. Uma boa forma de vedar as tampas dos vidros e latas é colocar cera líquida (vela derretida) ao seu redor.

As plantas devem estar bem secas para serem guardadas, com rótulos contendo o seu nome, data da coleta e indicação de uso.

É importante lembrar que esses potes devem estar em locais altos onde as crianças não alcancem.

Pomanders - Espeta-se cravos por toda superfície da maçã.
Símbolo de proteção.
As frutas não apodrecem, mumificam.

Conhecimentos farmacológicos

No decorrer da história da terapêutica várias foram as iniciativas para sistematizar os conhecimentos farmacológicos. Destacando-se no século I da Era Cristã, Dioscórides, médico eminente, autor da famosa *De Matéria Médica*, guia de ensino sobre formulações farmacêuticas praticadas até o Renascimento. Neste trabalho são citadas várias drogas provenientes exclusivamente dos reinos animal, mineral e vegetal, enfatizando as preparações com plantas.

Atualmente ainda usamos a expressão "Matéria Médica" como sinônimo de Farmacologia, a ciência dos medicamentos e da sua ação sobre o organismo sadio ou doente.

Em tempos remotos, os medicamentos eram preparados para cada pessoa, como atualmente de forma crescente, vem ocorrendo com o retorno às fórmulas personalizadas de manipulação.

Drogas, Fármacos e Farmacopeias

A origem da palavra droga é desconhecida, muito antiga, usada desde o período dos navegadores na busca do Novo Mundo, para designar produtos oriundos do Oriente, em particular as especiarias.

É comum, ao traduzir-se a palavra *Drug* (inglês), atribuir-lhe um sentido errado. Recentemente, nas ciências farmacêuticas, a palavra fármaco, do grego Pharmakon, significa substância principal da formulação do medicamento responsável pelo efeito terapêutico. Composto químico obtido por extração, purificação, síntese ou semi-síntese (ANVISA/MS).

É usada com o significado restringido às substâncias medicinais simples usadas nas composições dos medicamentos. Podemos definir droga e fármaco de acordo com as legislações da Vigilância Sanitária Nacional em vigor.

Droga

É qualquer substância de origem diversa, simples ou composta, natural ou sintética, utilizada com variados fins e que quando administrada aos organismos vivos neles podem produzir alterações somáticas ou funcionais.

Droga vegetal

Segundo a Resolução RDC n. 14 ANVISA, de 05/04/2010, droga vegetal é planta medicinal, ou suas partes, que contenham as substâncias, responsáveis pela ação terapêutica, após processos de coleta, estabilização, quando aplicável, e secagem, podendo estar íntegra, rasurada, triturada ou pulverizada.

Os Hindus têm numerosas plantas da sua valiosa flora que consideram sagradas, sendo utilizadas para fins medicinais e rituais. O médico Caetano Francisco Xavier Brácias, natural de Goa, colônia portuguesa na Índia, escreveu um interessante volume de 166 páginas, dando notícias de numerosas plantas consideradas pelos hindus como sagradas e fazendo o seu estudo químico-medicinal, de importância comercial e industrial. Esta obra, hoje rara, tem por título *Flora Sagrada da Índia* e foi impressa em Margão.

A ação das drogas vegetais é devida à presença de princípios bioativos, sendo este uma substância ou ainda conjunto de substâncias químicas, constituídos de uma substância ou conjunto de substâncias quimicamente conhecidas.

Por exemplo, o estramônio, a beladona, o meimendro são drogas antiespasmódicas em virtude de possuírem alcalóides, tais como escopolamina e a hiosciamina, que são os seus princípios ativos. A casca da quina é utilizada em função de princípios ativos alcaloídicos que contêm, especialmente, quinina. As folhas das Digitalis encerram como princípios ativos, glicosídeos cardiotônicos, denominados digoxina, digitoxina.

Planta Medicinal

De acordo com a nova Resolução, RDC 10 de 10/03/2010 da ANVISA/MS, Planta Medicinal é uma espécie vegetal cultivada ou não, utilizada com propósito terapêutico.

Medicamentos

Produto farmacêutico, tecnicamente obtido ou elaborado que contém um ou mais fármacos juntamente com outras substâncias com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico.

Medicamento magistral

É o prescrito e preparado para cada caso com indicação da composição qualitativa e quantitativa, da forma farmacêutica, assim como da maneira de administração, caracterizando-se como manipulado, são os medicamentos preparados em farmácia de manipulação.

Especialidade farmacêutica ou medicinal

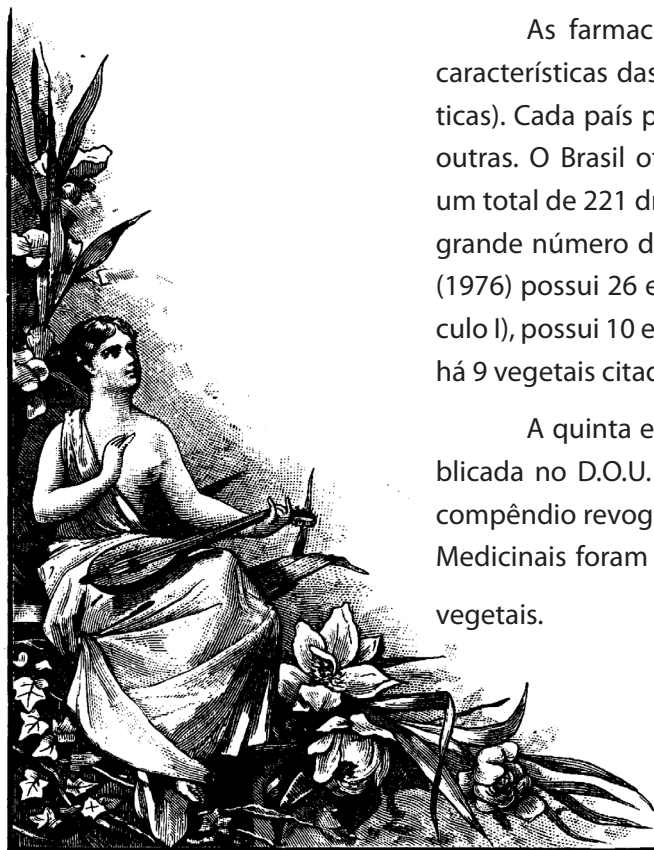
É o medicamento de fórmula declarada, de ação terapêutica comprovada, acondicionado uniformemente e distinguido por meio de um nome comercial e ou genérico, sendo o seu consumo condicionado a autorização oficial prévia, caracterizando-se como medicamento alopático.

Farmacopeia

Este termo foi utilizado pela primeira vez no século XVI. Hoje, de uso generalizado, às vezes tem como sinônimo os termos Codex ou Código. As farmacopeias modernas são publicações oficiais, elaboradas por comissões e designadas pelos governos, destinadas a estabelecer

normas para a uniformização do preparo de medicamentos instituindo as especificações mínimas da qualidade dos produtos farmacêuticos, desde a matéria-prima até a embalagem. Consequentemente, todos os insumos utilizados na fabricação de todas as formas farmacêuticas é de competência legal exclusiva das Farmacopeias. Essas especificações regulam as relações com o comércio exterior (importação e exportação), bem como estabelecem os requisitos mínimos da qualidade da matéria-prima e especialidades farmacêuticas produzidas ou usadas em nosso país, servindo, ainda, como parâmetro para as ações da Vigilância Sanitária. Tais códigos devem ser atualizados a intervalos preferencialmente curtos.

As farmacopeias reúnem informações padronizadas sobre as características das drogas (propriedades físicas, químicas e organolépticas). Cada país pode ter a sua farmacopeia, que não é mera cópia de outras. O Brasil oficializou a sua primeira farmacopeia em 1926, com um total de 221 drogas vegetais. A Segunda edição (1959) suprimiu um grande número destas drogas, restando apenas 160. A terceira edição (1976) possui 26 espécies citadas. A quarta edição (1988, Parte II, fascículo I), possui 10 espécies vegetais citadas. Na parte II, fascículo II (2000), há 9 vegetais citados.

A quinta edição da Farmacopéia Brasileira volume 1 e 2, foi publicada no D.O.U. através da RDC 49/2010 em 24/11/2010. Esse novo compêndio revogou as 4 edições anteriores. As monografias de Plantas Medicinais foram elevadas significamente para um total de 54 drogas vegetais.

Métodos para obtenção de soluções

Nota: medida base para chás - 1 (uma) colher de chá do vegetal para um copo de água.
1 punhado para
1 litro de água.

Chás modo de preparo

Infusão

Colocar a erva dentro de uma vasilha, verter água fervente, tampar e deixar descansar por 10 minutos, coando em seguida.

Este método é usado nos chás feitos a partir das folhas, flores, caules finos e para todas plantas aromáticas.

Decocção

Cozimento. Lavar a planta na água fria e em seguida fervê-la. Deixar o chá no fogo por volta de 10 minutos, dependendo da parte da planta a ser utilizada. Descansar por mais 15 minutos, coando em seguida. Este método é usado nos chás feitos a partir de cascas, raízes e sementes

Maceração

A planta é deixada, previamente dividida, em contato com o solvente ficam (água, álcool, vinho ou vinagre) Folhas, flores, sementes ficam de 30 min a 12 h. Talos, cascas e raízes duras, entre 22 e 24 horas e são filtradas em seguida. As plantas são mergulhadas no veículo líquido usado para extrair os princípios ativos da mesma. No caso da utilização

Nota: é de toda a conveniência fazer as preparações vegetais em recipientes de esmalte, vidro e inox. O alumínio não é indicado, pois pode reagir com princípios orgânicos do vegetal utilizado.

de veículos como vinagre, álcool ou vinho, a maceração pode processar-se durante algumas horas ou dias, em temperatura ambiente.

As tinturas, extratos fluidos, tabletes, cápsulas podem substituir os chás.

Hidrolatos

Líquido resultante do processo de destilação por arraste sobre a droga vegetal.

Alcoolatos

São formas farmacêuticas obtidas pela ação dissolvente do álcool sobre uma ou várias partes de vegetais fresco conforme indica a segunda edição da *Farmacopeia Brasileira*.

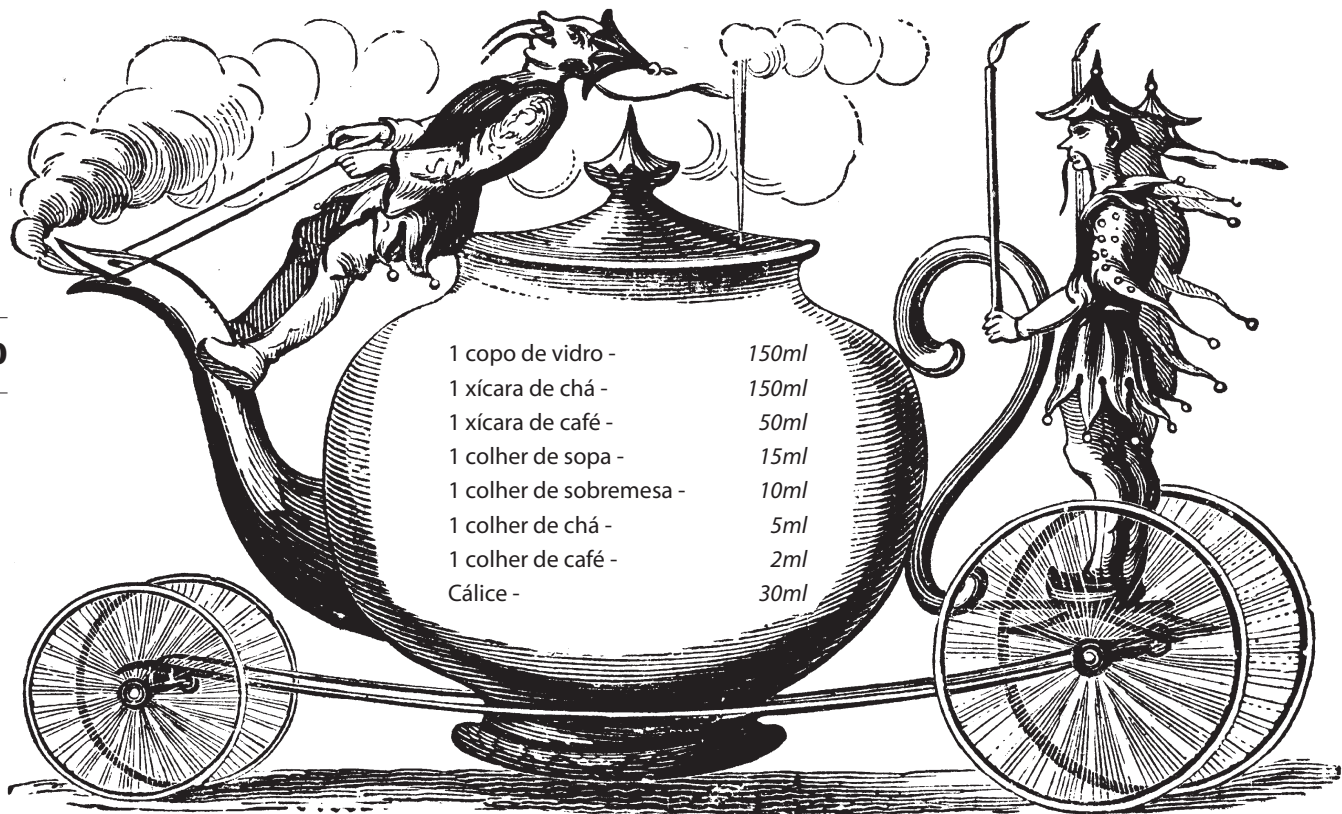
Tintura

São preparações alcoólicas ou hidroalcoólicas resultantes da extração de drogas vegetais ou animais ou da diluição dos respectivos extratos segundo a quarta edição da Farmacopeia Brasileira.

Tratando-se de plantas não tóxicas, a forma de preparação é a seguinte:

- 200g de plantas convenientemente cortadas para um litro de álcool. Deixar dez dias de maceração no álcool. Agitar o frasco todos os dias, durante um minuto. Se o frasco não for de cor, convém que este não esteja exposto a luz do dia. A claridade pode alterar, de certo modo, a química da tintura. Passado o período indicado, proceder-se-á à filtragem por meio de papel de filtro.

Medidas usadas

1 copo de vidro -	*150ml*
1 xícara de chá -	*150ml*
1 xícara de café -	*50ml*
1 colher de sopa -	*15ml*
1 colher de sobremesa -	*10ml*
1 colher de chá -	*5ml*
1 colher de café -	*2ml*
Cálice -	*30ml*

Cuidados com o uso de plantas medicinais

Para uma utilização adequada das plantas medicinais faz-se necessário o conhecimento sobre a origem, forma de uso, a parte da planta com fins medicinais (folha, flor, sementes e raiz), observando sempre a boa qualidade da matéria-prima vegetal para que realmente cumpra seus propósitos terapêuticos. O não atendimento a estas medidas de cautela poderá expor o usuário a sérios danos à sua saúde ou à própria vida.

São citados, a seguir, algumas formas de uso de plantas que podem ser danosas à saúde:

O uso descuidado de plantas tóxicas mesmo quando corretamente indicadas

Algumas plantas podem causar graves intoxicações, agudas ou crônicas, se ingeridas em doses altas ou em doses repetidas por muito tempo. Pode-se incluir, neste caso, as seguintes plantas: Zabumba (Datura), Cabacinha (Buchinha), Jaborandi, Pinhão, Mamona, Espirradeira (Oleandra), Cardo-santo, Melão-de-são-caetano e Confrei.

O leite de muitas plantas pode ser também muito venenoso, como nos casos do Purga-do-campo e do Avelós (Dedo-do-diabo). Outras, como o Comigo-ninguém-pode, causam violenta crise alérgica.

O uso de plantas tóxicas de ação retardada

Neste caso, se incluem as plantas biossintetizadoras de alcalóides pirrolizidínicos, um tipo de constituinte altamente perigoso. Algumas espécies da família Boraginaceae como o Confrei, o Fedegoso do gênero Cassia e as Crotalarias, ambas da família Leguminosae todas produtoras desses alcalóides. Essas substâncias, quando ingeridas por longo tempo, provocam graves perturbações hepáticas e pulmonares que podem aparecer mesmo alguns anos após o uso.

O uso de plantas mofadas

Ocorre, em geral, quando o processo de secagem e armazenamento é realizado em local impróprio e de forma inadequada, como é o caso de muitas cascas, folhas, flores e raízes, mas principalmente algumas sementes, como as de amendoim (*Arachis hypogaea*), estão sujeitas a infestações por fungos.

Aspergilus flavus e *A. parasiticus*, são os principais tipos de mofo portadores de substâncias tóxicas, carcinogênicas, que em linguagem científica são conhecidas por Aflotoxinas. Seu uso em doses altas ou mesmo em pequenas doses repetidas, pode causar o aparecimento de intoxicação grave e de câncer no fígado.

Uso de plantas indicadas ou adquiridas erradamente

Nesse caso, pode-se correr o risco de cair numa das três situações referidas anteriormente, isto é, no lugar da planta medicinal certa,

o usuário pode receber ou colher outra planta que pode ser tóxica ou estar alterada por algum motivo. Nesses casos, a incidência de erros aumenta no consumo de cascas, pela sua semelhança e de plantas vendidas sob a forma de pó ou rasuras, situação em que não é possível identificar o aspecto morfológico característico da planta.

Doses

É muito importante para o bom resultado da terapêutica com plantas medicinais observar a noção de dose. Farmacologicamente, dose é a relação entre "miligramas da droga por quilograma de peso do paciente" ou faixa etária, daí a razão das doses menores para crianças e idosos. As doses devem seguir uma certa periodicidade, intervalos de tempo. Por exemplo, 500 mg de certo medicamento de 8 em 8 horas.

Quanto aos fitoterápicos, fica mais difícil estabelecer as doses, visto que as quantidades de princípios bioativos, em geral não são definidas. O modismo atual de indicar o chá como água, de guardar na geladeira para uso contínuo, não tem fundamentação terapêutica. Não é o consumo de forma exagerada que garantirá que os resultados tenham maior eficácia.

Considerações e orientações sobre remédios vegetais

• As plantas para a preparação dos remédios deverão encontrar-se limpas e livres de corpos estranhos.

• Deve-se escolher da planta a parte que interessa para fins medicinais (raiz, folhas, flor, bagas, sementes, cascas, entrecascas etc.).

• Os recipientes em que serão preparados os remédios deverão estar devidamente limpos.

• Não fazer chás fortes, sempre preparar em harmonia com a sensibilidade, idade, tipo de doença de cada pessoa. Uma medida básica consiste em duas colheres de sopa do pó da planta para um litro d'água.

• Evite o uso contínuo e excessivo. Chá não é água.

• Não use chás em gestantes, pois muitas plantas são abortivas podendo causar alterações na formação do bebê e até mesmo a sua morte.

• Plantas de local poluído, nem pensar! Fossa, lixo, esgoto, beira de estradas ou tratadas com agrotóxicos. Avalie bem o estado de conservação das plantas.

• Se tomar remédios e não sentir melhora não insista, procure um médico ou serviço de saúde.

• Não compre remédios chamados "naturais" que não tenham o nome da planta, indicação de seu uso, parte usada, dose, data de validade, farmacêutico responsável e órgão de registro.

• Evite misturar chás com medicamentos de farmácia. Em alguns casos, pode ser perigoso.

• Evite misturas de ervas em chá.

• Evite o uso interno de Confrei, fedegoso e cinerária devido ao poder hepatotóxico (tóxico para o fígado) apresentado por estas espécies.

• Não ferva folhas e flores, pois pode alterar a ação medicamentosa. Despeje água fervente sobre as mesmas (infusão).

• Preparações com água (chás) não devem ser ingeridas após um período de 24h.

• Não vá na onda de que porque é natural não faz mal, pois muitas plantas podem matar. Exemplos: espirradeira, comigo-ninguém-pode e cabacinha.

• Plantas adstringentes são aquelas que possuem a propriedade de fazer a constrição dos vasos e tecidos vivos em geral. Auxiliam as cicatrizações, inibem a secreção das mucosas, perdas de sangue e suores e ainda combatem a diarreia. Algumas plantas adstringentes: cascas e frutos jovens de goiabeira, cascas de cajueiro, cascas de quixabeira, folhas e cascas de aroeira.

As plantas e suas misturas

As misturas vegetais muito complexas devem ser evitadas, havendo inclusive orientações da Organização Mundial da Saúde, para associações que tenham fins terapêuticos compatíveis e propósitos de potencialização do efeito medicamentoso. Essas precauções devem-se ao fato de conhecermos a química e as ações farmacológicas das drogas vegetais separadamente. Quase sempre são absolutamente desconhecidas suas interações e possíveis reações químicas ocorridas quando em misturas e consequentemente, os seus reais efeitos.

Para validar essas misturas seriam necessários estudos químicos, farmacológicos e toxicológicos dos produtos finais, das formulações.

Algumas indicações vegetais:

Chá digestivo: auxiliar na digestão e eliminação de gases. Hortelã-pimenta, erva-doce, alumã e boldo.

Chá para o fígado: nas afecções hepáticas, excessos alimentares e alcoólicos. Alumã e tapete-de-oxalá.

Chá diurético: para promover a secreção e eliminação da urina. Útil nos casos de pressão alta e afecções urinárias. Cabelo-de-milho, cavalinha e quebra-pedra.

Chá para tensão alta: alfavaquinha-de-cobra, folha-da-costa e alevante-graúda.

Chá para catarro e tosse: hortelã-grosso, folha-da-costa, gengibre e alho.

Apesar das recomendações científicas contra as misturas, os chás, xaropes e lambedores para gripes tosses e secreções brônquicas são indicados em geral na medicina popular, como fórmulas compostas.

Chá para diarreia: aroeira, folha-de-pitanga e casca-de-goiabeira.

O que é e para que serve o Chá Verde ?

Atualmente muitas pessoas usam, perguntam e querem informações sobre as qualidades medicinais do Chá Verde. Inúmeras reportagens da imprensa escrita e televisiva abordam o tema. A academia tem colaborado para o entendimento das ações terapêuticas do Chá Verde e muitas publicações científicas e trabalhos acadêmicos foram elaborados nos últimos anos.

Em pouco tempo passou-se a alegar maravilhas para a saúde através do uso, não apenas do Chá Verde, mas do Chá Branco e do Chá Vermelho. Todos esses na verdade por muito tempo foram conhecidos popularmente como Chá Preto, Ban Chá, Chá Oolong ou Chá da Índia. O mais interessante é que todos são originários da mesma droga vegetal, a espécie *Camelia sinensis*, da família Theaceae, que durante muitos anos teve o nome botânico *Thea sinensis*. Qual a diferença entre eles? O beneficiamento da planta após a coleta.

O Chá Oolong é um chá chinês tradicional. As folhas de Oolong podem ser processadas de duas formas diferentes. Em uma delas as folhas são coletadas e desidratadas até ficarem enroladas em longas folhas curvas, ao passo que em outro método as folhas são comprimidas numa forma esférica. O primeiro método de processamento é o mais antigo.

Para a produção do Chá Verde, as folhas vão para a secagem em estufa após a coleta. Seu sabor é fortemente amargo. As folhas

são passadas pelo calor, imediatamente após coleta, evitando, assim, a fermentação.

No caso do Chá Preto ou Vermelho, as folhas sofrem um processo de fermentação que confere ao líquido um tom avermelhado escuro e um sabor intenso. As folhas são colocadas em tanques fechados até fermentarem. Depois são aquecidas e desidratadas.

O Chá Branco, assim como o Chá Verde e o Chá Preto, é preparado a partir da planta *Camellia sinensis*, porém, de maneira diferenciada dos demais. Para o seu preparo as folhas são coletadas dos arbustos antes que as flores desabrochem e quando os brotos ainda permanecem protegidos por pelos finos. As folhas e os brotos são cozidos por um processo de vaporização sem algum tipo de fermentação e então são levados à secagem.

Resumindo, quando as folhas passam por um processo de fermentação origina o Chá Preto ou Vermelho. Quando são semifermentadas, o Chá Oolong e quando não são fermentadas ou as folhas são desidratadas, o Chá Verde. O Chá Branco é produzido a partir das primeiras folhas da planta, que são colhidas e secas, com o mínimo de processamento.

A *Camellia sinensis* (L.) é um arbusto ou árvore de pequeno porte, de origem asiática. Em forma de chá é uma das bebidas mais consumidas no mundo.

As folhas da *C. sinensis* são ricas em flavonóides, especialmente catequinas. Elas são capazes de reduzir o peso corporal, a gordura total e consequentemente auxiliar no tratamento e prevenção da obesidade e doenças associadas, como por exemplo o diabetes e problemas cardiovasculares. Além de flavonóides (catequinas), as folhas utilizadas para a

produção do Chá Verde contém proteínas, ácido ascórbico, vitaminas do complexo B e altos teores de cafeína e taninos.

Durante a fermentação das folhas ocorre a oxidação das catequinas encontradas no Chá Verde. Essas são substituídas por teaflavinas, teasinensinas, dando origem ao Chá Preto. A oxidação ocorre devido a ação de enzimas que são liberadas quando as folhas secas são trituradas.

A alta concentração de flavonóides presente no Chá Verde é capaz de, no organismo humano, modificar a absorção de ferro e vitaminas, estimular a cicatrização, atuar como agente antioxidante, desenvolver atividade antimicrobiana e imunomoduladora, promover ações anti-inflamatória, analgésica, antialérgica além de promover a redução de gordura e do peso corporal, auxiliando assim no tratamento e prevenção de doenças associadas a obesidade.

Devido à grande quantidade de ações farmacológicas atribuídas a *C. sinensis*, ela é considerada um alimento funcional, ou seja, quando consumido rotineiramente pode trazer inúmeros benefícios à saúde humana. Porém ao ser consumido de maneira indiscriminada, em excesso, como o hábito popular de gelar o chá e usar em substituição a água, pode levar a vários efeitos danosos à saúde, como problemas renais e hepatotoxicidade. Deve-se ainda evitar o uso desses chás próximo ao horário de dormir, pois efeitos como a diurese e o poder estimulante da cafeína, típicos da *Camelia sinensis*, podem interferir na qualidade do sono.

O estudo e a divulgação de maneira ética da *Camelia sinensis* em suas diversas formas de preparo é necessária, pois seu intenso uso popular em doses contínuas por longos períodos caracteriza um problema de saúde individual e coletiva.

Para exemplificar o interesse científico pela planta, informo que esse texto foi escrito com a colaboração de um trabalho de conclusão de curso de farmácia, no estado da Bahia, denominado *Benefícios e riscos associados ao uso da Camellia sinensis L.* elaborada pelo acadêmico Marcos Vinícios Sales Teixeira. Sob a orientação do Prof. Dr. Matheus Sá, do grupo Farmácia da Terra UFBA.

Aromaterapia

É a prática que utiliza-se de aromas, odores para a cura dos males do psique e do soma. A origem de plantas aromáticas com fins curativos faz parte da história do homem. Desde o período Neolítico, há evidências de que as ervas aromáticas eram usadas na culinária e na medicina, bem como várias ervas e flores eram usadas em civilizações como a egípcia, indiana e budista que colocavam ervas aromáticas e flores para enterrar seus mortos a fim de guiá-los pelos caminhos de luz.

As fumigações, os incensos e os defumadores foram provavelmente as mais antigas formas de uso de plantas aromáticas e seus subprodutos, como óleos e resinas em rituais de oferendas aos deuses. Acreditava-se que, como um mensageiro, a fumaça aromática levava até os deuses os mais diversos anseios dos homens e, para esses, proporcionava efeitos alucinógenos, estimulantes e calmantes. O termo AROMATERAPIA foi introduzido na década de 1930 pelo Monsier Gattefosse. "[...] Uma terapia que emprega arômatas numa esfera de pesquisas, abrindo enormes perspectivas para aqueles que começarem a explorá-la".

Daí a importância de escolher o perfume ou o incenso a ser usado, que como as cores, podem atrair ou repelir vibrações positivas ou negativas.

Na Aromaterapia, o elemento ativo é o óleo essencial extraído de plantas aromáticas. Os óleos essenciais são subprodutos ou produtos voláteis do metabolismo das plantas, e são produzidos e armazenados em células especiais dos tecidos vegetais. Podem ser extraídos por destilação a vapor e são solúveis em óleos e gorduras. São produzidos em várias partes dos vegetais, tais como: flores (rosa e jasmim), folhas e talos (hortelã e patchuli), sementes (anis e salsa), cascas de frutas (limão e laranja), raízes (vetivert e gengibre) e tronco (sândalo e cedro).

Os óleos essenciais são substâncias orgânicas que, em geral, constituem-se de moléculas de álcoois, aldeídos, ésteres, cetonas e fenóis pertencentes à classe das substâncias químicas dos terpenóides. Essas substâncias atuam no nosso corpo físico tratando de vários distúrbios. Possuem propriedades gerais, comuns a todo óleo essencial, como atividade antisséptica, expectorante e rubefaciente (ativador da circulação sanguínea). A ação antimicrobiana é provavelmente a mais reconhecida dos óleos essenciais, sendo usada há séculos como preservativo de alimentos, nas preparações cosméticas e farmacêuticas.

Como o óleo essencial, ao ser inalado, é registrado pelo cérebro?

Primeiro, o óleo essencial evapora e as partículas odoríferas entram pelo nariz com o ar que respiramos, chegam à mucosa da cavidade nasal interna, onde existem minúsculos terminais nervosos olfativos

que transmitem informações à parte mais primitiva do nosso cérebro, o sistema límbico. Esta é uma área complexa relacionada com a percepção do odor, sensações de prazer e dor, emoções diversificadas. Sendo assim, a estimulação do sistema límbico desencadeia a ativação de mecanismos viscerais e comportamentais, atingindo diretamente nossas funções autonômas como respiração, digestão, circulação, comportamento e funcionamento das glândulas hormonais. Algumas áreas do sistema límbico são especificamente relacionadas à emoção e à memória, isto explica porque o olfato pode reter lembranças e emoções vividas. A memória olfativa persiste muito mais tempo que a memória visual.

Óleos Essenciais

Manjericão (Basílico) - A palavra *basilicum* vem do grego e significa "régio", considerado rei das ervas. Muito utilizado pelos hindus é uma planta sagrada de proteção dedicada aos deuses Vishnu e Krishna. É antisséptica, antidepressiva, rica em óleos essenciais especialmente para as vias respiratórias, rins, nervos e sistema digestivo sendo o seu chá para uso externo, recomendado para queda de cabelo.

Tomilho - Do Grego *Thymus*, perfumar ou fumigar, era usado nos templos como incenso. Todas as antigas civilizações conhecem sua história enquanto planta medicinal e para uso culinário. Substituto do café em alguns países, devido às suas propriedades tônicas e estimulantes. Seu poder místico de atrações para despertar paixões é bem divulgado recebendo o nome de "agarradinho".

Manjerona - Os gregos acreditavam que Afrodite cultivou-a pela primeira vez, sendo responsável pela sua fragrância encantadora. Um dos mais usados óleos sedativos em aromaterapia. Bom também como analgésico, anafrodisíaco, antisséptico, antiespasmódico, digestivo, dentre outros...

Eucalipto - Na Austrália, os aborígenes o consideravam "um cura tudo" e usavam as folhas para tratar dos ferimentos bem graves. Suas qualidades terapêuticas são: analgésica, antisséptica, cicatrizante, expectorante, estimulante dentre outras.

Cipreste - Platão disse que simbolizava a imortalidade da alma, os gregos e romanos dedicavam o ciprestre aos Deuses da Morte e do Inferno (Plutão e Hades) e os egípcios o usavam em seus sarcófagos por ser considerado quase indestrutível. Suas principais qualidades terapêuticas são: antirreumática, diurética, adstringente dentre outras.

Jasmim - Na Índia, extraía-se o seu óleo colocando junto às flores de jasmim sementes de gergelim aquecidas e debulhadas, adquirindo o aroma das flores. Usado para perfumar o corpo e os cabelos. Suas principais qualidades terapêuticas são: antidepressiva, antisséptica, afrodisíaca, sedativa dentre outras.

Lavanda - Uma das ervas dedicadas a Hécate, a deusa de bruxos e feiticeiras e às suas duas filhas Medeia e Circe. Utilizada para articulações doloridas (em casos de artrite e reumatismo), é também antiséptica, diurética, antidepressiva, sedativa, analgésica, dentre outras.

Rosa - Botões de cores diversas que simbolizam diferentes emoções: rosa, a simplicidade e o amor, branco, a pureza e vermelho, a

paixão e o sacrifício. O mais antialérgico de todos os óleos essenciais. É tambem antidepressivo, anti-séptico, afrodisíaco, laxativo, sedativo, adstringente, dentre outros.

Alecrim - Para os gregos e romanos o Alecrim simbolizava amor e morte. Adstringente, analgésico, antisséptico, antidiarréico, estimulante geral, tônico cardíaco, carminativo, antirreumático, colagogo, emenagogo, estimulante cerebral, sudorífero, parasiticida e cicatrizante. O alecrim pode ser considerado um complemento da lavanda, sendo esta calmante enquanto o alecrim é estimulante.

Bergamota - Um dos mais estimulantes e agradáveis óleos usados na aromaterapia. Possui qualidades analgésicas, antidepressivas, antissépticas, antiespasmódicas, carminativas, cicatrizantes, desodorantes, digestivas, expectorantes, febrífugas, sedativas e vermífugas. Deve-se ter cuidado ao utilizar na pele, pois em contato com o sol tem alto poder irritante. Como todos os outros cítricos (limão, laranja etc).

Camomila - O nome camomila, do grego *chamoemelon*, significa "maçã da terra", na linguagem das flores, "paciência na adversidade". Suas qualidades terapêuticas são: analgésica, antidepressiva, antisséptica, antiespasmódica, carminativa, colagoga, cicatrizante, digestiva, diurética, emenagoga, febrífuga, sedativa, estomacal, sudorífera e tônica.

Funcho (erva-doce) - Uma das mais antigas plantas cultivadas, apreciadas por Romanos e Gregos, sendo chamada por estes de *marathon*, significando "manter a forma". Suas qualidades terapêuticas são: antisséptica, antiespasmódica, carminativa, diurética, laxante, estomacal e tônica.

Nota: os óleos essenciais não devem ser usados diretamente sobre a epiderme, podendo causar irritações e queimaduras na pele. Deve-se preparar os óleos aromáticos utilizando um óleo base ou carreadores (semente de uva, amêndoa, mamona e abacate), o óleo essencial em questão e um fixador. Nos casos de uso por inalação recomenda-se o uso de 2 a 3 gotas do óleo em água aquecida no aromatizador ou difusor. Recomenda-se solicitar a orietação de profissionais especializados no uso de óleos essencias.

Gengibre - O mais apreciado dos remédios antigos. Suas qualidades terapêuticas são: carminativa, estimulante, estomacal, antisséptica, tônica, febrífuga, analgésica.

Gerânio - Deriva do Grego *geranos*, nativa da Africa do Sul. Suas qualidades terapêuticas são: tônica, adstringente, antisséptico, cicatrizante, analgésico, parasiticida, repelente de insetos, antidepressivo e diurético.

Hortelã-pimenta - A família da menta deve seu nome a Minta, filha de Cócito. Minta amava Adônis, quando a esposa deste, Perséfone, descobriu a infidelidade do marido. Num acesso de ciúmes, ela transformou Minta na erva que leva seu nome. Suas qualidades terapêuticas são: antigalactagoga, analgésica, antiespasmódica, carminativa, febrífuga, estimulante, sudorífera, emenagoga e estomacal.

Ilangue-ilangue - Descoberta em 1770, em Ceram, arquipélago da Indonésia. Suas qualidades terapêuticas são: hipotensiva, afrodisíaca, antidepressiva, sedativa e antisséptica.

Junípero - Considerada uma planta mágica. Queimado, afasta os maus espíritos e animais selvagens. Era usado como desinfetante em tempos de epidemia. Suas qualidades terapêuticas são: antidiabética, anti-reumática, adstringente, carminativa, cicatrizante, depurativa, diurética, emenagoga, estomacal, sudorífera e tônica.

Laranja - Do árabe *narandj*, que foi transformado para o espanhol *naranja*. Este fruto foi provavelmente o pomo de ouro procurado por Hércules no jardim das Hespérides. Suas qualidades terapêuticas

são: antidepressiva, antiespasmódica, digestiva, levemente hipnótica e sedativa, normaliza a ação peristáltica dos intestinos.

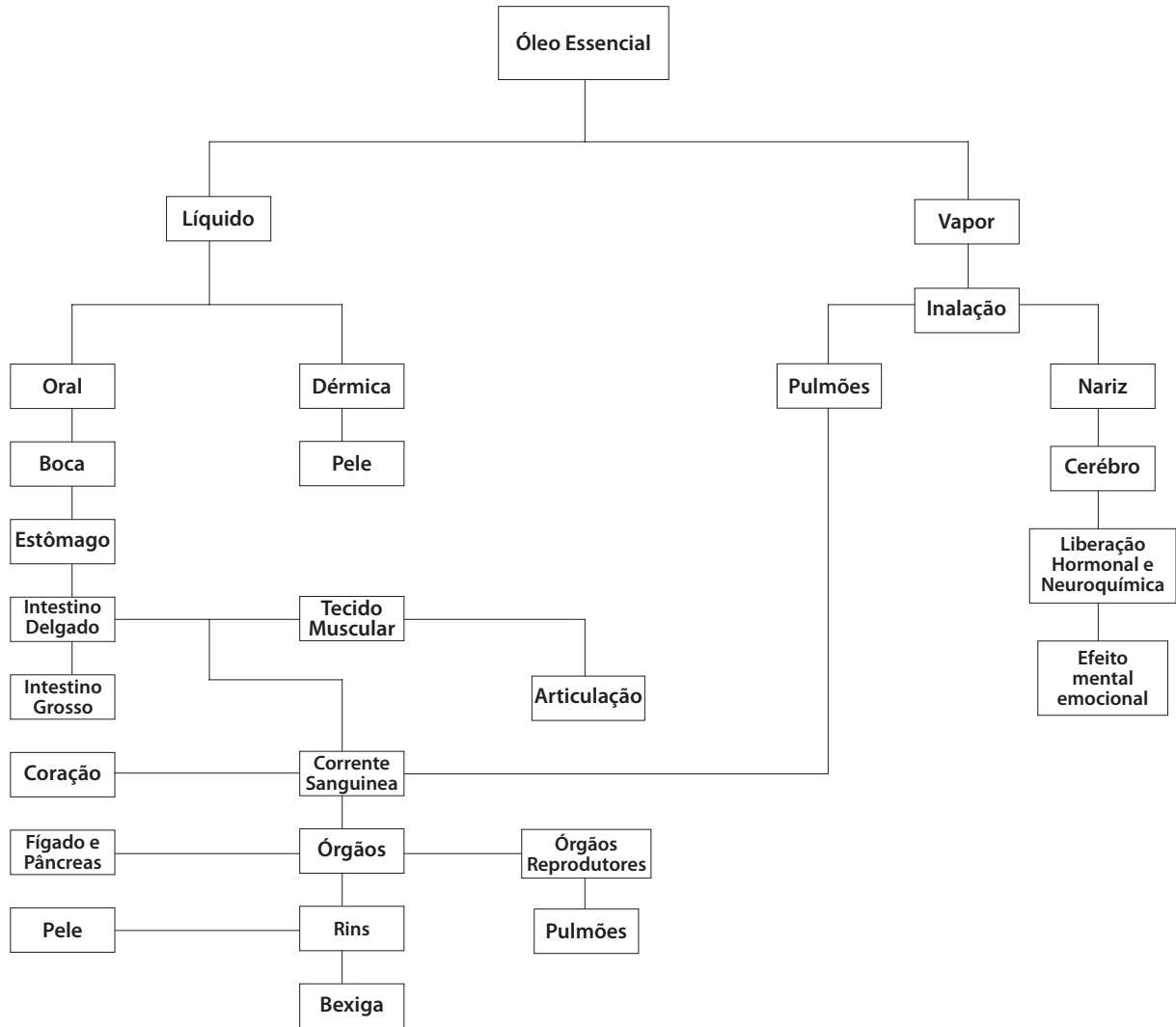
Limão - Acredita-se que o limão seja originário da Índia. Suas qualidades terapêuticas são: bactericida, antisséptico, febrífugo, tônico para o sistema nervoso, cardiotônico, antirreumático, antigota, calmante, diurético, antiescorbútico, carminativo e vermífugo.

Neróli - O nome se deu por causa da princesa de Nerola, no sec. XVI, que apaixonou-se pelo seu aroma tornando-o bastante popular. Suas propriedades terapêuticas são: antidepressiva, antisséptica, antiespasmódica e afrodisíaca.

Olíbano - Uma das plantas sagradas da Antiguidade. Sendo no mundo antigo, olíbano, ouro e mirra as três mais valiosas substâncias conhecidas pelo homem. Suas qualidades terapêuticas são: antisséptica, adstringente, carminativa, cicatrizante, digestiva, diurética e sedativa.

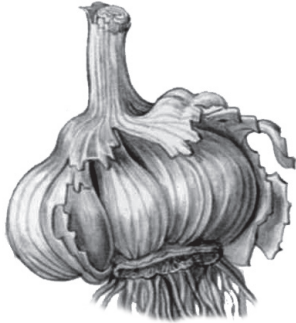
Sândalo - O ponto do 3º olho, situado entre os olhos, era feito com pasta de sândalo para simbolizar a contemplação interior. Acreditava-se que seu suave aroma induzia a calma e a serenidade. Suas qualidades terapêuticas são: antidepressivo, antisséptico, antiespasmódico, adstringente, afrodisíaco, bactericida, carminativo, expectorante e sedativo.

Tea-tree - Antigo remédio aborígine, as folhas amassadas eram usadas como cataplasma para feridas infeccionadas e problemas de pele. Suas qualidades terapêuticas são: antibiótico, antisséptico, bactericida, fungicida, imunoestimulante, tônico cardíaco, sudorífero.

Trajetória do óleo essencial no corpo físico

O uso das ervas sempre esteve ligado à magia e aos sonhos de realizações materiais ou afetivas. Esse não é um privilégio de civilizações mais primitivas, muito menos restrito à nossa herança africana.

A Europa nos trouxe também muito de suas tradições com as plantas. De origem remotíssima, essas ervas mágicas estão relacionadas aos cultos da Grande Deusa, aos deuses do panteão grego-romano, aos monges, às bruxas e a todos os que mantiveram o sonho como resistência. Esses sempre trouxeram consigo poderosas ervas que proporcionaram a vivência da Magia, a construção dos sonhos, uma certa leitura diferenciada das ofertas da Grande Mãe Fértil, "Terra", que tudo nos oferece. Uma dádiva dos deuses. Basta decodificar o poder dessas porções com olhos de sonhador... Seus usos diversos e seu potencial transformador nos ensina a virtude da paciência, tal qual os ciclos da natureza. A planta simboliza a energia solar condensada e manifesta.

Plantas Mágicas

Abacate - Planta feminina, regida por Vênus. Muitas são as porções mágicas com fins de conquista amorosa, que usam o caroço seco e as folhas de abacate. Dedicada às deusas Afrodite e Ísis. Afrodite simboliza as forças irreprimíveis da fecundidade, não em seus frutos, mas no desejo apaixonado que acende entre os vivos. A deusa Isis, fonte mágica de toda a transformação, identificada com Demeter, a deusa das práticas mágicas. Várias fórmulas para a beleza da pele facial e dos cabelos incluem a polpa do abacate.

Alho - Planta masculina, regida por Marte, dedicada a Hécate, senhora da feitiçaria. Está ligado à saúde e à proteção. Ao longo da história, o alho é conhecido pelo seu poder curativo. O hábito de usar o alho contra os maus espíritos é cultural em quase todo. É um poderoso antibacteriano. Colocar cascas de alho dentro do travasseiro é um protetor contra doenças e pesadelos, podendo também utilizar o defumador preparado com o mesmo.

Canela - Planta masculina, regida pelo sol, dedicada a Eros e Afrodite. Ligada à espiritualidade, à saúde, ao sucesso e ao amor. Importada do Oriente é um fortificante tradicional da Farmacopeia Chinesa. Alimento habitual dos imortais, é considerada um princípio vital. Indicada para aumentar a energia sexual, porém, em grandes doses pode vir a ser abortiva.

O alecrim seco dentro dos armários é um ótimo truque contra as traças, assim como a semente de umburana para as baratas.

Alecrim - Planta masculina, regida pelo sol, dedicada a Apolo e Hera. Está ligada à proteção e à purificação. Seu nome em latim, *rosmarinus*, significa "o orvalho que vem do mar". Estimula a memória, sendo

também antidepressivo. As folhas secas, queimadas são um ótimo purificador do ambiente afastando os pensamentos negativos. Usado no banho traz uma intensa sensação de frescor e vitalidade, purificando a alma.

Arruda - Planta masculina, regida por Marte, dedicada a Artemis. Ligada à saúde, à proteção e ao amor. Presente em vários rituais africanos. Aspirar um galho fresco de Arruda ajuda na tomada de decisões, clareando o pensamento. Para a proteção e limpeza do ambiente espalhe arruda e sal grosso pela casa.

Erva-cidreira - Planta masculina, regida pela lua, dedicada a Eros e Afrodite. Seu poder está ligado ao sucesso, amor e saúde. Suas folhas secas, colocadas em um pequeno saco de algodão vermelho, levadas sempre consigo, é um ritual poderoso para encontrar um amor.

Hortelã-pimenta - Planta masculina, regida por mercúrio, dedicada a Hades. Seu poder está ligado à purificação, saúde e amor. De especial aroma, conta-se que foi usada por Sherezade durante as mil e uma noites de suas histórias, o bom chá de hortelã, a erva mensageira da amizade e do amor. Era usada na Idade Média para limpar e perfumar a casa. O chá com mel é bom para dores de garganta e para febre.

Lavanda - Planta masculina, regida por mercúrio, dedicada a Artemis e Hera. A famosa água de lavanda, além de refrescante é também anti-séptica e germicida. Para ter uma boa noite de sono, nada melhor que um banho perfumado com óleo de lavanda.

Louro - Planta masculina, regida pelo sol, dedicada a Apolo e Dionísio. Seu poder é o da proteção, purificação e saúde. O louro tem

o poder da inspiração. Simboliza a imortalidade por pertencer ao grupo das plantas que permanecem verdes no inverno. Para os romanos transformou-se em símbolo de glória. Na Grécia, advinhos mascavam ou queimavam folhas de louro, pois acreditavam que possuíam qualidades divinatórias. Na África do Norte, era usado em rituais para purificação.

Rosa - Planta feminina, regida por Vênus, simboliza a alma, o coração e o amor. Traz a ideia de regeneração e iniciação aos mistérios... Para ter sonhos reveladores, basta antes de dormir tomar uma xícara de chá com botões de rosas brancas. Consagrada a Afrodite e Atena. Melhora a circulação, limpando veias e tonificando o coração. É considerada ainda poderoso calmante.

Arnica - Planta feminina regida por Vênus e associada a Perséfone, simbolizando a chegada da clarividência. Um raminho abaixo do travesseiro pode trazer sonhos reveladores.

Artemísia - Planta feminina, regida por Vênus, dedicada a Artemis, considerada a selvagem deusa da natureza. Seu poder está associado à proteção, saúde e poderes psíquicos, sendo no extremo oriente "uma planta dotada de virtudes purificadoras".

Basílico - Planta masculina, regida por Marte, dedicada a Afrodite, Apolo, Eros e Zeus. Conhecida também como manjericão, é uma planta de folhas mágicas e aroma penetrante. Seu poder está ligado ao amor por todas as coisas. No Congo central, as folhas eram usadas para combater os maus espíritos. Alguns galhinhos pendurados pela casa protegem o ambiente deixando todos contentes.

Erva-doce - Planta masculina, regida por Júpiter, dedicada a Zeus, Apolo e Artemis. Seu poder está ligado à purificação e proteção. Durma em um travesseiro recheado com sementes de erva-doce quando desejar livrar-se de um problema persistente. Um banho de imersão com sementes de erva-doce e folhas de louro, é um maravilhoso banho purificador.

Gengibre - Planta masculina, regida por Marte, dedicada a Afrodite e Atenas. Ligada ao amor e à prosperidade. É considerada afrodisíaca na África setentrional. Antes de realizar um feitiço, é bom comer um pedacinho de gengibre para dar mais força ao ritual. É indicada para potencializar o sistema imunológico.

Ginseng - Planta masculina, regida pelo sol, dedicada a Apolo. Ligada ao amor e à realização de desejos. É a planta medicinal mais popular da Farmacopeia do Extremo Oriente. Considerada erva divina, conhecida como raiz da vida, devido ao seu formato semelhante ao do corpo humano. Carregar uma raiz de ginseng, junto a si, abre as percepções do amor.

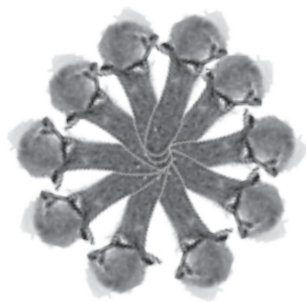
Maracujá - Planta feminina, regida por Vênus, dedicada a Afrodite e Poseidon. Ligada à serenidade e ao respeito entre os homens. Coloque três folhas de maracujá embaixo do travesseiro e terá um sono tranquilo e reparador. Suas folhas são reconhecidamente calmantes.

Mil-folhas - Planta feminina, regida por Vênus, dedicada a Afrodite. Ligada ao amor e à purificação. Suas flores despertam coragem em quem as colher. Em um pequeno saco de cetim amarelo coloque as folhas secas, que lhe trará amor e notícias dos familiares distantes.

Noz-moscada - Planta masculina, regida por Júpiter, dedicada a Apolo e Hermes, mensageiro do tempo. Ligada ao dinheiro e à saúde. Para atrair prosperidade transforme em pó uma noz-moscada, esfregando-o numa vela de 7 dias verde, e queimando-a na 3ª noite de lua crescente. Concentre-se bastante no momento em que estiver realizando o ritual. Magos e alquimistas usavam a noz-moscada para ampliar a visão sobre os conhecimentos, antes de iniciar suas experiências.

Romã - Planta masculina, regida por Mercúrio, dedicada a Hera, Perséfone e Afrodite. Ligada à sorte, à realização dos desejos e à fecundidade. Fruto sagrado, é capaz de mostrar quantos filhos uma mulher terá, apenas jogando à terra uma romã aberta ao meio e contando quantas sementes ficarão no solo. Para afastar a negatividade basta colocar um galho de romã à entrada da casa. É considerada a árvore que afasta os Karmas.

Sândalo - Planta feminina, regida pela Lua, dedicada a Artemis e Apolo. Ligada à proteção e à espiritualidade. Queimado em forma de pó ou incenso protege o indivíduo e o ambiente.

Cravo-da-índia - Planta masculina, regida por Júpiter, dedicada a Zeus. Ligado à proteção, prosperidade e ao amor. O incenso de cravo traz serenidade e sucesso. Uma taça com água, cravo, pitadas de canela, durante a lua cheia, é um ótimo ritual para atrair o inesperado... É importante estar sozinho na hora do ritual e concentrar-se em si mesmo por um tempinho.

Árvores sagradas

As árvores são símbolos da vida, de contínua evolução, transformação e verticalidade. Representam o aspecto cíclico da evolução, morte e regeneração. Ligadas intimamente ao movimento da terra e aos quatro elementos da natureza, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas da terra em busca de água; o ar da superfície com seu tronco e folhas, seu topo que corre atraído pela luz do céu.

Pelo fato de suas raízes mergulharem na terra, e de seus galhos se elevarem aos céus, a árvore tem sua representação universal como símbolo de relação entre o céu e a terra. Por isso, tem o sentido de centro e tanto é assim que a árvore do mundo é sinônimo de eixo do mundo, por onde deuses, espíritos e almas transitam entre o céu e a terra.

São muitas as associações e símbolos que são destinados às árvores, dentre eles, o da fecundidade, onde em certas tribos nômades iranianas, as mulheres jovens enfeitam o corpo com a tatuagem de uma árvore, cujas raízes partem do sexo e cujas folhagens se espalham sobre os seios.

A abundância, nas lendas de "pais-árvores" e "mães-árvores" conduz à árvore-ancestral, cuja imagem, desvinculou-se com o tempo do seu contexto mítico, transformando-se em nossos dias na árvore genealógica.

Acácia - Símbolo solar de renascimento, dando a ideia de iniciação e de conhecimento das coisas secretas. Na Índia, acredita-se que a Acácia seja habitada por espíritos, sendo realizadas diversas oferendas

e sacrifícios em troca de proteção. Diz-se, que a coroa de espinhos de Cristo teria sido trançada com espinhos de acácia.

Macieira - A maçã é simbolicamente representada, no caso do pomo de ouro do Jardim das Hespérides, como os frutos da imortalidade. Trata-se, portanto, ora do fruto da Árvore da Vida, ora da Árvore do Conhecimento do bem e do mal.

Nas tradições celtas, a maçã é o fruto da ciência, da magia e da revelação. A mulher do outro mundo, que vem buscar Condle, o filho do rei Conn, héroi das cem batalhas, lhe remete uma maçã que é suficiente para alimentá-lo durante um mês.

Bambu - Para os japoneses o bambu traz a boa sorte. Para os Budistas, a pintura de bambu tem uma relação muito próxima com a caligrafia: é uma verdadeira linguagem, mas à qual tem somente acesso a percepção intuitiva.

Entre os nômades ianomames do sul da Venezuela é a partir do bambu que se obtém o fogo. Para os seus vizinhos os iecuanas, é utilizado como instrumento musical sagrado, denominado de uana (clarineta), entendida em seu sentido mais amplo como a árvore cósmica ou árvore da vida.

Loureiro - Simboliza a imortalidade. Considerada a árvore das virtudes apolíneas, significa as condições espirituais da vitória, a sabedoria unida ao heroísmo. Na África do Norte, para a tribo dos beni snus, usa-se uma vara de loureiro-rosa nas cerimônias sazonais. A escolha deste arbusto vem carregado de significados e virtudes purificadoras e de proteção.

Cedro - Os egípicios faziam embarcações, ataúdes e estátuas de cedro; os hebreus, durante o reinado de Salomão, construíram em cedro o vigamento do Templo de Jerusalém. Haviam estátuas gregas e romanas feitas em madeira de cedro. Dessa madeira resinosa, os romanos também fizeram tochas olorosas; esculpiam as imagens de seus deuses e de seus ancestrais, que consideravam sagradas. Por vezes, Cristo é representado no centro de um cedro.

Coqueiro - Árvore sagrada ao norte da Itália, símbolo de fertilidade. Árvore mágica, na Índia Ocidental, seus frutos e flores são referenciados aos deuses do mar.

Laranjeira - Símbolo da fecundidade e do amor, como todas as frutas de numerosos caroços. Na China antiga a oferta de laranjas às moças simbolizava um pedido de casamento.

Salgueiro - No Tibet, o Salgueiro representa a árvore central, ou seja, a árvore da vida. Associado a rituais de magia; no norte da Europa, o salgueiro sempre aparecia em referência à religião antiga que pode se observar na própria semântica, a palavra *Witch* (feiticeira) e *Willow* (salgueiro).

Gameleira - Árvore sagrada dos Yorubás, conhecida no candomblé pelo nome de Iroko, deve ser plantada nos locais sagrados, dedicada no Brasil ao orixá Tempo. Com a madeira da Gameleira são esculpidos os recipientes denominados gamelas.

Manifestações culturais e naturais

Janeiro

Primeiro (1º) dia do ano: Bom Senhor dos Navegantes

Processão marítima que inicia o Ano novo. É um ótimo ritual começar o ano tomando um banho de cheiro, pedindo aos Deuses e orixás abertura dos caminhos e boa sorte. Vestir-se de cores claras e oferecer flores a Yemanjá completa o ritual.

Segunda quinta-feira do ano: Lavagem do Bonfim

Procissão de muita fé, levada por baianas que têm como prática lavar a cabeça dos devotos com a água de cheiro dos potes de cerâmica. A água do pote contém perfume de alfazema ou lavanda e flores brancas, principalmente crisântemo e a perfumada angélica.

Quarto sábado de janeiro: Festa de São Lázaro

Realizada em frente à igreja de São Lázaro, no bairro da Federação, em Salvador. Tem sua parte profana no banho de flor de pipoca, também chamada de “flor-de-velho”, ritual para os pedidos de saúde. Faz parte também desta festa a oferenda de comida branca como munguzá, arroz doce, pipoca e outros.

Fevereiro

Dois: Dia de Yemanjá

Festa popular, desvinculada da igreja católica, onde uma multidão se dirige à praia do Rio Vermelho em Salvador, à casinha de Yemanjá construída pelos pescadores. Neste dia, reverencia-se a sereia, colocando as oferendas em balaios de palha, que são levados por pescadores até fora da barra da Baía de todos os Santos. Os presentes oferecidos à rainha do mar são muitas flores, ervas de proteção, sabonetes, espelhos, perfumes, frutas, bolos, doces, dentre outros.

Março/Abril

Semana Santa

Para a igreja católica é o período que finda a quaresma, iniciada na 4ª feira de cinzas. Neste período, as atividades ritualísticas do Candomblé são interrompidas, as ferramentas e assentamentos são cobertos com ervas como Melão-de-são-caetano e Rabujo. Na Sexta-feira Santa é feita a limpeza de todos os objetos. Esta abertura de rituais é denominada Ossé. Para esfregar usa-se a folha de aroeira, mangueira, peregun, entre outras. No sábado de Aleluia, quase todas as casas fazem sua abertura. Neste dia, são renovados os mariôs, espécie de franja feita com as palmas do dendê seco, que ficam nas portas e janelas dos terreiros. No chão, onde se realizará o ritual se faz um tapete de folhas de São-gonçalinho, coirama, aroeira, canela-de-velho, pitanga e mangueira.

Junho

Treze: Santo Antônio

É sincretizado com o Ogum para os ritos da cultura afro-baiana. Nada melhor para este período que um banho de Axé e Abre-caminho. Muitos devotos oferecem farta feijoada neste dia.

Vinte e quatro e vinte e nove: São João e São Pedro

Sincretizados com Xangô. Predomina doces e salgados preparados com milhos.

Julho

Vinte e seis: Senhora Santana

Faz referência a Nanã. São oferecidos mingau e alimentos brancos. É a protetora dos idosos. Comemora-se o dia dos avós.

Agosto

Dez: São Lourenço

Considerado senhor do vento, sincretizado por Tempo. Dia em que se troca as bandeiras brancas da Árvore Sagrada da comunidade do terreiro. Faz-se oferendas com muitas frutas, paçoca de amendoim e aves assadas. Geralmente a Árvore Sagrada é a Gameleira - Iroko (nome em Iorubá).

Dezesseis: São Roque

Sincretizado com o Omolu, conhecido por "médico dos pobres". Sua festa acontece na porta da igreja de São Lázaro. Neste dia, rituais e banho de flor de pipoca e ervas de limpeza e descarrego são feitos para proteção e prevenção da saúde.

Setembro

Vinte e sete: Cosme e Damião

Santos gêmeos, Ibejí, protetor das crianças. O ritual consiste na preparação do Caruru do Cosme, para no mínimo sete crianças. Devendo ainda ter sete tipos de comida, sendo um prato para cada orixá. O Caruru preparado desta forma, é Caruru de Preceito. Os quiabos devem ser cortados em cubinhos miudinhos. Os outros pratos que devem ser servidos junto ao caruru são:

Feijão fradinho com camarão seco: *oferenda à Oxum*

Feijão preto com camarão seco e dendê: *Obaluaê*

Arroz branco: *Yemanjá*

Xinxim de galinha: *Iansã*

Farofa de azeite: *Ogum*

Vatapá: *Yabás*

Cubinhos de inhame: *Xangô*

Cubinhos de côco seco: *Oxóssi*

Pipoca: *Omolu*

Cubinhos de rapadura: *Nanã*

Cubinhos de abóbora: *Caboclos*

Milho branco cozido: *Oxalá*

Batata doce: *Oxumaré*

Outubro

Vinte e cinco: Crispim-Crispiniano

Santos gêmeos relacionados com a boa saúde das crianças, referencia-se com os Ibejís (Erês), sendo mais cultuados no candomblé de Angola. Em seu ritual se oferece ao orixá um caruru de preceito e frutas.

Vinte e oito: São Judas Tadeu

Faz referência a Xangô. Relacionado com as questões de justiça. No seu ritual a oferenda é colocada em gamelas, travessa esculpida em madeira branca da gameleira, quiabos cortados em lascas, rabada e pirão de água. Essa oferenda é denominada Amalá de Xangô.

Novembro

Dois: Dia de finados

Nos cultos afro-brasileiros reverencia-se os eguns. Geralmente são usadas roupas brancas, acendem-se muitas velas ao lado de copos de água. Coloca-se folha de peregum nos vasos. Neste dia, também são reverenciados os egun-gun, ancestrais ilustres para a comunidade terreiro.

Dezembro

Quatro: Santa Bárbara

Sincretizada como Iansã. Nesse dia é sempre bom vestir vermelho. Seu ritual inicia-se com a oferenda do caruru de Santa Bárbara, onde os quiabos devem ser cortados em rodelas, os acompanhamentos são semelhantes ao Caruru de Cosme. É também tradição cultural da festa o uso de uma bebida chamada Aruá, feita de milho, gengibre e rapadura

fermentada. As flores preferidas deste dia são as rosas vermelhas. Um banho com elas vai trazer muito axé e prosperidade aos filhos de Iansã.

Oito: Nossa Senhora da Conceição

Faz referência à Mamãe Oxum. Seu ritual acontece na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, uma das mais antigas da Bahia. Acontece uma procissão de muita fé e alegria onde muitas pessoas participam do lado profano da festa, pois afinal, "nesta cidade todo mundo é de Oxum"! As flores brancas e aromáticas estão sempre presentes e os banhos de cheiro são dedicados a Oxum.

Trinta e um: Último dia do ano

Momento de purificar-se e renovar as esperanças. Para começar o ano com sorte e bem disposto, usam-se as folhas de pitanga no interior das casas. Banhos de mar, de descarrego seguido de axé são um bom ritual para dar boas vindas ao ano que se inicia. Aqui, vai uma dica para esta data:

1º Banho de descarrego: *dente-de-alho, guiné e arruda*.

2º Banho de limpeza: *alfavaca, aroeira e sal grosso.*

3º Banho de axé: *manjerona, alecrim e macassá.*

Banhos de ervas

O ritual do banho tem como simbologia coletiva a sua virtude purificadora e transformadora. Estando associado ao ato de imergir, o que lhe confere um valor iniciático. Os gregos banhavam com ervas aromáticas as estátuas sagradas, acreditando que assim estariam mais próximos do estado de divindade, pois compartilhavam dos mesmos aromas dos deuses conferidos às imagens.

Na Idade Média, para se consagrarem cavaleiros, os candidatos também realizavam banhos purificadores, sendo o banho quente considerado "um atentado à castidade". No Cristianismo, o batismo tem seu momento de ápice quando banha-se a cabeça do iniciado com água benta simbolizando a união do espírito com a matéria.

Clemente de Alexandria dividiu o banho em 4 categorias: para o prazer, para o aquecimento, para a higiene e para a saúde. Sendo estas duas últimas bastante utilizadas, ainda hoje, no atendimeto a saúde primária na medicina popular.

Dentre as várias formas de tratamento externo com plantas, indica-se os banhos que podem ser de imersão, semicúpio ou como é popularmente conhecido "banho de assento" ou simplesmente verter sobre o corpo o preparado de ervas. Dentre os banhos para fins terapêuticos, destaca-se os banhos de assento para tratamento de doenças da bexiga, cálculos renais, próstata, reumatismo, afecções na genitália externa e hemorróidas. Nos dois últimos casos citados, plantas com características adstringentes ou anti-inflamatórias como a transagem e cicatrizantes como a aroeira, proporcionam tratamento eficaz.

Banhos terapêuticos com óleos essenciais

Estimulante matinal: *2 gotas, hortelã-pimenta; 4 gotas, alecrim; 2 gotas, Ilangue-Ilangue.*

Relaxante noturno: *4 gotas, lavanda; 4 gotas, manjerona; 4 gotas, laranja.*

Morno revigorante: *2 gotas, gengibre; 4 gotas, alecrim; 2 gotas, lavanda.*

Refrescante: *2 gotas, hortelã-pimenta; 4 gotas, eucalipto; 2 gotas, limão.*

Banhos mágicos com ervas

Dicas de quando usar os banhos de ervas para aumentar o seu poder:

para afastar energias negativas: *lua minguante*.

para firmar energias positivas: *lua nova, cheia ou crescente*.

Banho contra Pensamentos Negativos

7 dentes de alho, 1 molho de arruda e 12 folhas de alfavaca fresca.

Preparo: coloque em 2 litros de água fervendo, as ervas, apagando o fogo em seguida e tampando a panela. Quando o preparo estiver morno, coe. Jogue o chá sob o seu corpo pedindo aos deuses proteção, deixando que o banho seque naturalmente na sua pele.

Banho da Prosperidade

um molho de folha de louro, uma colher de chá de cravo-da-índia, uma colher de chá de pó-de-canela, uma noz-moscada ralada, uma colher de chá de mel e uma colher de chá de gengibre ralado.

Preparo: coloque as ervas e especiarias em 2 litros de água fervendo, apagando em seguida o fogo e tampando a panela, quando o preparo estiver morno, coe. Banhe-se lentamente, deixando que o banho seque naturalmente na sua pele.

Cravo Protetor

uma xícara de cravo-da-índia moído.

Preparo: coloque em dois litros de água fervendo, o cravo moído, deixe ferver por mais 5 minutos com a panela tampada, quando o preparo estiver morno, coe. Banhe-se lentamente, deixando secar naturalmente na sua pele. Segredo: usar sempre que for necessário acontecer algo que não dependa só de você aconteça, trazendo-lhe muita proteção e firmeza interior.

Banhos dos Orixás

Limpeza e abre caminho: Para quem está passando por um momento difícil na vida, após um banho de limpeza usar um banho de Axé ou Abre-caminho dependendo da situação. Para males do coração indica-se o banho de Axé e para o que é da profissão o Abre-caminho. Os banhos de limpeza são geralmente consagrados aos orixás Ogum e/ou Iansã e as ervas são dos elementos terra e/ou fogo.

Banho de Iansã

Um molho de aroeira, 3 rosas vermelhas.

Preparo: macerar em 500ml de água a aroeira, coar e verter água fervente sobre as pétalas de rosas. Juntar as rosas e a aroeira e adicionar água até completar 3 litros de água. Tomá-lo às quartas-feiras.

Banho de Ogum

Um molho de Abre-caminho, um molho de vence-tudo ou vence-demanda.

Preparo: colocar as ervas frescas em um litro de água, aquecendo até ferver. Tampar. Após resfriar, coar e completar para 3 litros de água. Tomá-lo às terças-feiras.

Banho contra mau-olhado e má sorte

Um molho de arruda, um molho de guiné e um molho de alfavaca.

Preparo: macerar as ervas em um litro de água, coar e completar com água para 3 litros. Esse banho deve ser evitado às sextas feiras.

Banho de Axé

Indicados para as questões do coração e autoestima. Para tanto são usadas plantas de aromas intensos, em geral ricas em óleos essenciais. As plantas de água, estão relacionadas às deusas femininas, as Yabás.

Na região norte do Brasil, principalmente em Belém, dá-se às ervas para banho, nomes do que elas representam na cultura popular, como: chega-até-mim, chora-nos-meus-pés... Também conhecidos como banho de cheiro.

Banho de Oxum

Um molho de macassá e um molho de alevante-miúda.

Preparo: macerar em 500ml de água fria e ir completando até 4 litros de água. Tomar o banho de corpo inteiro, usar durante 3 ou 6 semanas. Tomá-lo às terças-feiras.

Banho de Yemanjá

Um molho de alevante-graúda (colônia) e três rosas brancas.

Preparo: macerar em 500ml de água a colônia e coar. Verter 500ml de água fervente sobre as pétalas de rosas. Juntar as rosas e a colônia e adicionar água até completar três litros. Tomá-lo aos sábados.

Banho da Prosperidade

Esse banho é indicado para a pessoa que está de corpo limpo, após rituais ou banhos de limpeza. É dedicado ao Odum de Obará e deve ser feito nos dias 6 de cada mês, principalmente no dia 6 de junho (6/06). Ligado a Oxossi, Orixá da prosperidade, o provedor.

Utilizam-se frutas de todo o tipo, raladas ou cortadas bem miudinhas. Verte-se sobre as frutas água quente. A escolha sobre o uso das frutas deve ser feita de forma espontânea, havendo sempre no mínimo 6 tipos de frutas diferentes.

Sais de banho

Receita básica: sal grosso ou sal marinho, certifique-se sobre a qualidade deste e bicarbonato de sódio.

Preparo: coloque numa vasilha de boca larga, respectivamente: 3 xícaras de sal marinho ou sal grosso, 2 xícaras de bicarbonato de sódio, 20 gotas de corante e 2 litros de água. Misture bem até que fique uniforme, para colorir cada 5 xícaras de receita básica são necessárias 20 gotas de corante inócuo, o mesmo usado para alimentos. Enquanto concentra seus pedidos misture a receita básica ao corante até que se tenha colorido por inteiro. Para perfumar os sais de banho é necessário ir acrescentando o óleo essencial, gota a gota, concentrando-se em seus desejos até que o aroma encontre o ponto certo do seu agrado. É bom fazê-lo com uma colher de pau, especialmente para isto; vá mexendo até que os sais de banho estejam todos tomados pelo óleo. Para guardá-los é necessário um recipiente de tampa metálica e seco. Feche hermeticamente. Escolha o óleo essencial adequado ao seu momento.

Uso: coloque em uma banheira cheia de água na temperatura morna ou quente uma xícara de sais de banho e quando estiver misturando a água concentre-se nos seus objetivos, metas e desejos. Nunca deixe de lavar a banheira antes e depois de usá-la.

O perfume de Alfazema é considerado bom para todas as pessoas, de uso universal independentemente da situação e do indivíduo. A Alfazema, *Lavandula oficinallis* L., é encontrada como óleo essencial de Lavanda.

Sais de banho para o amor

Uma xícara de receita básica, 20 gotas de óleo essencial de rosas, 10 gotas de óleo essencial de lavanda e pétalas de uma rosa vermelha.

Os perfumes

A matéria-prima básica para a preparação de perfumes em geral são as plantas frescas ou os óleos essenciais, matéria-prima extraída das plantas aromáticas, com característica de super concentração.

Material: Fixador, álcool de cereais e fragância.

Medida padrão para preparar 100ml de perfume:

10 gotas de óleo essencial

10 gotas de fixador

2 xícaras de álcool de cereais

Travesseiros

Os travesseiros devem ser feitos preferencialmente em tecido de algodão fino, para facilitar a passagem dos aromas das ervas no "recheio". É bom que seja de aproximadamente 20 x 20 cm, para conter uma quantidade razoável de ervas secas em seu interior.

Dependendo da finalidade escolhe-se as ervas ou a combinação delas. Pode-se também acrescentar gotas de essências, para obter o aroma desejado.

Algumas indicações de travesseiros com fins terapêuticos:

Erva-doce e Lavanda: *elimina pesadelos*

Louro: *para sonhos agradáveis e para combater a insônia*.

Camomila e Rosa-branca: *para sono reparador*

Eucalipto: *para males respiratórios*

Tomilho e Jasmim: *afasta a depressão*

Verbena e patchouli: *para efeitos afrodisíacos*

Travesseiro para eliminar a insônia

Material: 2 xícaras de pétalas de rosa-branca seca à sombra, sobre um pedaço de algodão; 6 xícaras de erva-cidreira ou capim-santo, 1 xícara de macela, 10 gotas de essência de jasmim e 1 colher de café de cravo-da-índia.

Algumas receitas especiais com rosas

Banho mágico com rosas

Coloque 7 rosas vermelhas em infusão por 24h. Tome 3, 5, 7 ou 9 banhos.

Segredo: para quem se encontra em grandes conflitos ou desejando encontrar um amor.

Óleo de rosa

O óleo de rosa induz a paz e a harmonia. Junte uma mão de botões de rosas brancas e os coloque em uma taça de prata. Derrame sobre cada botão uma gota de óleo de rosa. Deixe macerar uma semana e depois, numa noite de sexta-feira, queime tudo no incensório para encher sua casa de proteção e energia.

Água de rosas

2 xícaras de água destilada, ½ xícara de álcool de cereais, ½ xícara de pétalas de rosas vermelhas e 8 a 10 gotas de óleo essencial de rosas.

Vinagre de rosas

1 litro de vinagre de vinho branco, 100g de pétalas frescas de rosas vermelhas.

Deixa-se em infusão por um mínimo de 10 dias antes de usar.

Uso culinário: o vinagre de rosas vai deixar sua salada com um sabor e aroma todo especial

Outras receitas especiais

Água de lavanda

2 xícaras de água destilada, ¼ xícara de álcool de cereais, 1 xícara de flores e folhas de lavanda e 10 gotas de óleo essencial de lavanda, deixar em infusão por um mês antes de usar.

No norte da Africa, as mulheres usavam as flores e folhas da lavanda para proteção. Na Bahia, os perfumes de lavanda e alfazema são muito usados para o mesmo fim, inclusive nas festas rituais como a lavagem do Bonfim e festa de Yemanjá. Grupos de afoxé perfumam seus admiradores com gotas desses aromas.

Azeite de ervas

Alecrim, alho e manjericão a gosto, azeite de oliva virgem e um belo vidro transparente seco e com tampa.

Preparo: coloque o alecrim, folhas de manjericão fresco a gosto e dentes de alho sem casca dentro do vidro despejando em seguida o azeite. Tampe e deixe descansar por 30 dias. As ervas enfeitam e perfumam o azeite, alegrando a sua cozinha. A receita é gostosa até com pão!

Dica para saúde: considerando os conceitos atuais de nutracêutica, onde são utilizados produtos de origem vegetal com propósitos terapêuticos e nutritivos, indica-se o alho, que macerado em azeite de oliva além de temperar as saladas auxilia nos tratamentos de hipertensão e processos inflamatórios.

Teoria das Assinaturas

Na caminhada do homem para desvendar os segredos das plantas medicinais num estágio mais avançado da história, o conhecimento acumulado pelas civilizações manifestou-se numa série de teorias que hoje despertam interesse. Dentre essas, a chamada "Teoria das Assinaturas". Segundo a mesma, cada planta medicinal leva um sinal que indica suas propriedades. "Tudo o que a natureza cria", escreveu o médico suíço Paracelso, no século XVI, "recebe a imagem da virtude que ela pretende esconder ali". Assim, as plantas que segregam a substância leitosa conhecida por látex, servem para preparar remédios que estimulam a lactação. Se o látex é amarelado, como o da celidônia, a planta é considerada útil para o tratamento da icterícia. Plantas carnudas desenvolvem a carne humana. A forma da noz indica sua utilidade no tratamento de doenças cerebrais e a do feijão é recomendada para os males dos rins. Essa "terapia por analogia", desenvolvida por médicos árabes e alquimistas medievais, se opunha às teorias de Hipócrates e de Galeno, cujo famoso aforismo *Contraria contrariis curantur* servia de fundamento para uma "terapia dos opostos".

Crenças desse tipo, que são encontradas entre os curandeiros tradicionais africanos, os médicos chineses e os empiristas sul-americanos, parecem refletir um estágio característico, "pré-científico", da evolução do conhecimento.

À primeira vista, a Teoria das Assinaturas pode aparentar mero empirismo. É difícil acreditar que as folhas da pulmonária sirvam de

remédio para doenças do peito simplesmente porque suas nervuras se parecem com os alvéolos pulmonares; que as saxifragáceas (do latim *saxum*, pedra, e *frangere*, quebrar) ataquem tão eficazmente os cálculos renais como atacam as rochas em cujas fendas crescem; assim como o quebra-pedra, de reconhecida ação sobre os rins, (auxilia na eliminação dos cálculos renais); ou que o caule do bambu sirva para fortalecer a espinha porque seus nós se parecem com vértebras.

Por outro lado, as virtudes incontestes de drogas atuais como a colchicina e a aspirina parecem confirmar essa teoria que, na verdade, constitui um meio de trazer à lembrança, através de sinais e nas civilizações de tradição oral, os remédios que a experiência médica demonstrou serem eficazes. Assim, o bulbo do cólquico, cuja forma lembra um artelho atacado de gota, é o único medicamento eficaz contra essa doença. Quanto à aspirina, pode-se dizer que é o melhor exemplo da estreita relação entre as plantas medicinais e a farmacologia moderna. A aspirina teve origem na casca do salgueiro, árvore do gênero *Salix*, que cresce à beira d'água e só se "sente bem com os pés molhados". Segundo a Teoria das Assinaturas, isto significa que o salgueiro não apanha resfriados e, sendo assim, cura os mesmos como também gripes, febres, reumatismos etc. Como é a casca que mantém o salgueiro protegido e quente, é nela que se espera encontrar o princípio ativo em questão.

No século XVIII, descobriu-se que a casca do salgueiro é tão amarga quanto a de uma árvore do Peru, a quina, cujo extrato era tido como o remédio supremo contra a malária. Assim, uma infusão da casca de salgueiro passou a ser usada como medicamento antitérmico. Em 1829, o francês Leroux conseguiu extrair da casca do salgueiro uma substância que denominou salicina (nome latino da árvore). Logo depois, um farmacêutico suíço chamado Pagenstecher destilou flores de

rainha-dos-prados, planta do gênero *Spiraea*, que também gosta de ter os pés molhados, obtendo uma substância muito semelhante à salicina, o salicilato de metila.

No momento histórico que antecedeu a virada do milênio, observou-se o retorno de práticas medievais baseadas, mais uma vez, numa terapia por "analogia", onde as comunidades com precária assistência à saúde passaram a denominar as plantas para fins medicinais com nomes de especialidades farmacêuticas. Essa tendência sinaliza um retorno à Teoria das Assinaturas, descrita acima. Essas plantas receberam nomes de medicamentos cotidianamente utilizados em diversas patologias. Diferentemente da tradição empírica dos povos medievais, a analogia não é feita pela morfologia externa do vegetal ou mesmo pelas suas características de crescimento e habitat. Atualmente, os parâmetros são as atividades terapêuticas. Sendo assim, foram introduzidas muito recentemente na medicina popular brasileiras plantas denominadas de Insulina, Anador, Novalgina, Baralgin, Benzetacil, Tetraciclina, Eritromicina, Vick Vaporub e Elixir Paregórico, cujos levantamentos bibliográficos até o momento não respaldam os seus usos.

Em 2005 uma publicação científica, "Princípios ativos e atividades farmacológicas de 8 plantas popularmente conhecidas por nome de medicamentos comerciais", aborda a questão e demonstra que algumas dessas plantas tem atividade farmacológica comprovada semelhante a ação prevista para o medicamento. Como *Cissus sicyoides,* insulina, que demonstrou ação hipoglicemiante em ratos. (MARTINS, 2005)

Referências

ALMEIDA, M.Z. **Plantas medicinais e ritualísticas**. Rio de Janeiro: Conselho Municipal Defesa do Negro, 1995. Apostila do curso comemorativo aos 400 anos de Zumbi.

ANSEL, H. C. et al. Farmacotécnica. 6 ed. São Paulo: 2000.

_________; MORAES, R H.; MUNIZ, R. **Os fundamentos da aromaterapia**. Salvador, 1997. Apostila de curso.

_________; PRATA, R. E. D. **Levantamento preliminar da flora medicinal comercializada na cidade de Salvador – Bahia.** Salvador: [s.n.], 1990. Publicado com apoio do CRF-4.

BORHAUSEN, R. **As ervas do sítio**. São Paulo: M.A.S., 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. Anvisa. **Resolução RDC n. 10, de 10 de março de 2010**. Diário Oficial da União. Brasília, 2010.

CARIBÉ J. ; CAMPOS, J. M. **Plantas que ajudam o homem**. São Paulo: Cultrix, Pensamento, 1991.

CHEVANER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionários de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

CORRÊA, A.; BATISTA, R.; QUINTAS, L. **Plantas medicinais do cultivo a terapêutica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CORREIO DA UNESCO, v. 7, n. 9, 1979.

FARMACOPÉIA BRASILEIRA 1ª, 2ª, 3ª, 4ª ed (1ª parte e 2ª parte (fascículo I e II).

FARMACOPÉIA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA - 1ª ed.

FRAZÃO, Márcia. **Revelações de uma bruxa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

GARCIA, Hamilcar de; NASCENTES, Antenor; AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970. 5 v.

MARTINS, Luzia; SENNA-VALLE, Lucy. **Princípios ativos de atividades farmacológicas de 8 plantas popularmente conhecidas por nome de medicamentos comerciais**. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Botucatu, v. 7. n. 2, p. 73-76, 2005.

MORS, Walter; PEREIRA, Nuno. **Medicinal plants of Brasil**. Michigan: Robert de Filipps, 2000.

NORMAN, J. **Especiarias**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

PORTUGAL, Fernandes. **Formulário mágico e terapêutico**. Rio de Janeiro: Bertrnad Brasil, 1995.

PRISTA, L. N. et al. **Técnica Farmacêutica e Farmácia Galênica**. 3 ed. Lisboa: 1981.

ROGANS, E. **Fitoterapia chinesa**. São Paulo: Avatar, 1997.

SANGIRARDI JÚNIOR. **Plantas eróticas**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1981.

SCLIAR, Moacir. **Do mágico ao social**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

SIMÕES, C. M. O. et al. **Farmacognosia**. Porto alegre: 2000.

VICENTE, A. G. **Manual e formulário do oficial de farmácia**. 3 ed. São Paulo: 1982.

BRASIL, Anvisa

Índice das espécies vegetais citadas na obra

C

L

M

T

U

V

Referências

BAHIA. Secretaria do Planejamento Ciência e Tecnologia. Subsecretaria de Ciência e Tecnologia. **Inventário de plantas medicinais do estado da Bahia.** Salvador, 1979. 1201p. il.

BARROS, José Flavio Pessoa de. **O segredo das folhas**: sistema de classificação de vegetais no candomblé jeje–nagô do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas: UERJ, 1993.

BERWICK, Ann. **Aromaterapia holística**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CAMARGO, Maria Tereza Lemos de Arruda. **Planta medicinais e de rituais afro – brasileiros I**. São Paulo: ALMED,1998

CORREIA, Manuel Pio. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926–1978. 6v il.

MATOS, F. J. Abreu. **Farmácias vivas**: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. 3. ed. rev. e atual. Fortaleza: EUF, 1998

_________. **Plantas da medicina popular de Nordeste**: propriedades atribuídas e confirmadas. Fortaleza: [s.n., 19—].

RICCIERI, Tania Maura Nora. **Bibliografia de plantas medicinais I**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico, 1989.

_________. **Bibliografia de plantas medicinais II**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico, 1989.

SCHWABE, Willmar (Ed.). **Farmacopea homeopática.** 2. ed. Leipzig: [s.n.], 1929.

RIO DE JANEIRO. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. **Lista de espécies vegetais**. Disponível em: < http://www.jbrj.gov.br/institu.htm>. Acesso em: 10 fev. 2010.